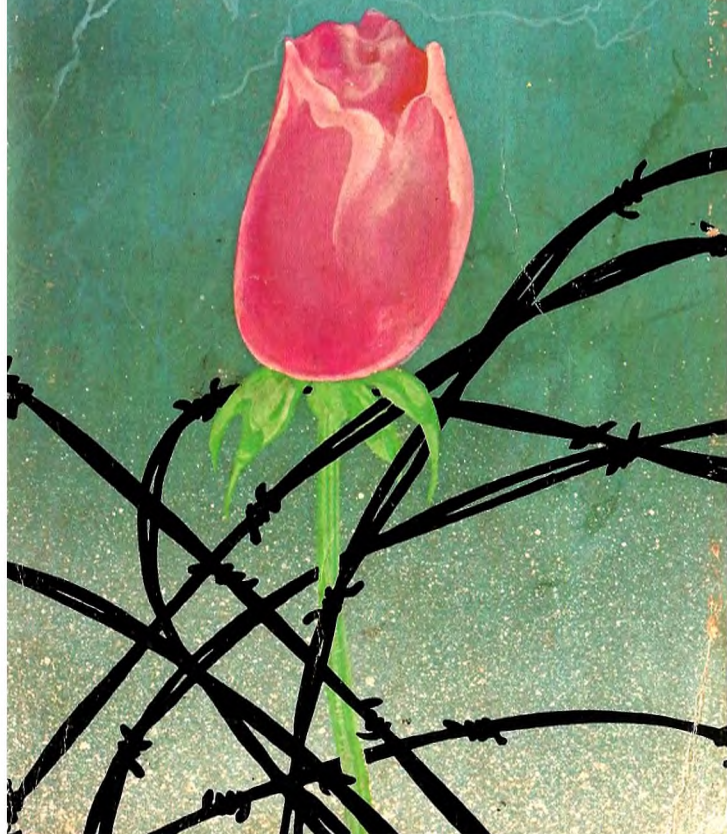


COMO VENCER NAS CRISES

Creath Davis



COMO VENCER NAS CRISES

Enfrenta você alguma crise na vida? Então este livro é para você. Quer sair vencedor? As páginas deste volume dizem-lhe como consegui-lo.

Escrito para pessoas ocupadas com as coisas da vida, este livro destina-se a servir de guia para orientar os que lutam (e todos nós lutamos) com o exame de suas reações aos problemas; tem em mira, também, estimular mudanças positivas, criativas, onde se fazem necessárias. Cada capítulo analisa uma crise específica.

O problema não é se a pessoa terá de enfrentar um conflito ou não, mas como tratá-lo quando ele surgir. "Como Vencer nas Crises" proporciona alguns instrumentos positivos que se adaptam eficazmente a situações tensas. "Naturalmente, todos nós preferiríamos livrar-nos de nossos problemas, ou, melhor ainda, não tê-los nunca. Mas até mesmo a pessoa mais esparta e a mais forte vão descobrir um dia que a vida saiu do âmbito do seu controle. Ao reconhecermos essa vulnerabilidade geralmente ficamos chocados e caímos na incredulidade: 'Não posso crer que isso esteja acontecendo comigo!' E a maneira pela qual reagimos diante dessa experiência destruidora, ou vai descortinar novas dimensões de crescimento, ou vai sufocar cada grama de energia de nosso espírito", diz o Autor.

COMO VENCER NAS CRISES

Creath Davis

Prefácio de Glória
e Bill Gaither

Tradução de Yolanda M. Krievin

Editora
ViDA

A nossos pais
Vernon e Treva Davis,
Laura Mae Watson
e ao já falecido *Eldred Watson,*
aos quais tanto devemos.

Mazinho Rodrigues

ISBN 0-8297-6789-1

Traduzido do original:
HOW TO WIN IN A CRISIS

© 1976 por Creath Davis
© 1980 por Editora Vida

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por,
EDITORA VIDA, Miami, Florida 33167-U.S.A.

Capa: Jean-Pierre LaFrance

ÍNDICE

Prefácio de Glória e Bill Gaither	5
Prefácio	7
Agradecimentos.....	9

PRIMEIRA PARTE —

RESOLVENDO CONFLITOS PESSOAIS

1. COMO VOCÊ REAGE DIANTE DO CONFLITO?	15
2. RELACIONAMENTOS CRIATIVOS NÃO ACONTECEM ACIDENTALMENTE.....	26
3. PONDO LENHA NA FOGUEIRA	49
4. SUBSTITUTOS DA INTIMIDADE	54
5. CONTROLANDO SUAS EMOÇÕES.....	61
6. MANTENDO ABERTAS AS LINHAS DE COMUNICAÇÃO.....	77
7. SEU SENSO DE HUMOR — UM TRUNFO VALIOSO	86
8. ORAÇÃO — UM RECURSO NEGLIGENCIADO.....	91
9. PERDÃO — UM INGREDIENTE ESSENCIAL	96

SEGUNDA PARTE —

ENFRENTANDO OS CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS

10. TRABALHANDO COM ALGUÉM DE QUEM VOCÊ NÃO GOSTA.....	106
11. CONVIVENDO COM UM ALCOÓLATRA.....	111

4 Como vencer nas crises

12. ENFRENTANDO PERTURBAÇÕES EMOCIONAIS.....	135
13. SOLTEIRO E INSEGURO.....	148
14. CONFLITO ENTRE PAIS E ADOLESCENTES.....	157
15. CONFLITO COM PAIS E SOGROS.....	164
16. VIVENDO ACIMA DOS NOSSOS FRACASSOS.....	167

TERCEIRA PARTE —

ENFRENTANDO CIRCUNSTÂNCIAS DIFÍCEIS

17. ONDE FOI QUE TUDO COMEÇOU?.....	176
18. NINGUÉM ESTÁ ISENTO	182
19. QUANDO CHOVE, CHOVE MESMO!.....	187
20. EVANGELHO DO SUCESSO vs. EVANGELHO DA REDENÇÃO.....	192
21. COMO VOCÊ ENFRENTA SUAS CRISES?....	197
22. ENFRENTANDO UMA TRAGÉDIA SEM SENTIDO	202
23. PERDA DE SIGNIFICADO.....	211
24. RECUPERANDO-SE DE UM FRACASSO MORAL	220
25. DOR E SOFRIMENTO	224
26. TODOS NÓS ESTAMOS ENVELHECENDO.	230
27. O DINHEIRO PODE GERAR CRISES — QUANDO VOCÊ O TEM E QUANDO NÃO O TEM	236
28. RECURSOS PARA A VIAGEM ATRAVÉS DE NOSSAS CRISES.....	246

QUARTA PARTE —

ENFRENTANDO A CRISE FINAL: A MORTE

29. ENFRENTANDO A PRÓPRIA MORTE	251
30. A CRISE DO PESAR	260

PREFÁCIO

Em um mundo de respostas fáceis para problemas difíceis, listas prontas para quase tudo, com soluções rápidas e indolores, e avalanchas de livros do tipo “ajuda-te a ti mesmo” sobre como ter sucesso, ter sucesso, ter sucesso — é agradável descobrir um manual como este de Creath Davis para ajudar àqueles que lutam.

Talvez fosse melhor dizer logo no começo que, se você nunca fracassou, nunca se sentiu derrotado, nunca sofreu uma perda insuportável, nunca precisou costurar o manto da vida feito de um tecido que não era dos melhores, este livro não é para você. Mas para aqueles que estão à procura da alegria que sentimos ao ver que “o poder de Deus se revela melhor nos fracos”, quando *você* é um dos “fracos”, nosso conselho é: continuem lendo!

Na sociedade atual, que se orienta pelo sucesso, é uma delícia convidá-lo também para ingressar na Família de Deus, o único grupo em que você tem de perder até mesmo tudo, para nele entrar — a única sociedade na qual você pode falhar sem ser um fracasso. “Todo aquele que perder a sua vida por mim”, disse Jesus, “vai achá-la novamente”.

Sentimos que um dos motivos principais por que este livro foi escrito foi o de ajudar àqueles que estão entre as ruínas de sonhos destruídos, saúde prejudi-

6 *Como vencer nas crises*

cada, aspirações desfeitas e derrotas pessoais, recolhendo os pedaços para “embrulhá-los todos nos trapos de sua vida e colocá-los ao pé da cruz”.

Portanto, boas-vindas aos perdedores, que perderam tudo a fim de *tudo* encontrar!

GLÓRIA e BILL GAITHER

PREFÁCIO DO AUTOR

Este livro é o resultado de quase vinte anos de esforços na tentativa de relacionar as boas novas da fé cristã às necessidades práticas das pessoas. A experiência que me levou a escrever o livro *Como Vencer Nas Crises* surgiu num grupo de homens que se reuniam para trocar idéias. Durante o ano em que nos reunimos, cada membro desse grupo enfrentou uma ou mais das maiores crises de sua vida. As pressões foram reais, mas também foram verdadeiros os recursos de sua fé. Testemunhei novamente o poder do Cristo vivo que nos capacita a transformar a fraqueza em força, os fracassos em sucessos, as crises em oportunidades para fazer descobertas e crescer.

O propósito deste livro é simples. Foi escrito para gente ocupada com as coisas da vida. Seu intento é servir de orientação e não de ser um tratado exaustivo dos trinta assuntos inclusos. Quando enfrentamos uma crise severa, os primeiros passos que tomamos na tentativa de resolver a situação são os mais críticos. Quanto mais cedo começamos a nos mover numa direção criativa, tanto mais cedo podemos abraçar a realidade que temos diante de nós e descobrir recursos adequados para enfrentar essa realidade. *Como Vencer Nas Crises* chama a atenção do leitor para aqueles recursos dinâmicos que estão à disposição de todos nós.

8 Como vencer nas crises

Faz-se necessária uma palavra sobre como ler este livro. Provavelmente você vai começar com o capítulo que se relaciona mais definidamente com a sua necessidade ou interesse específico. Isso naturalmente é justificável. Contudo, há, através dele todo, perspectivas profundas que se relacionarão direta ou indiretamente às suas experiências. Em outras palavras, este livro é uma unidade coesa e não uma coletânea de material avulso. Vejamos, por exemplo, o capítulo "Convivendo com um alcoólatra". Talvez você não esteja convivendo com um alcoólatra, nem esteja intimamente associado com alguém que tenha graves problemas de embriaguez; mas há perspectivas que ajudarão você a compreender-se muito melhor e aos outros do que o título do capítulo poderia levá-lo a crer. Além disso, a probabilidade de finalmente ter de lidar com o alcoolismo na vida de um conhecido seu aumenta dia a dia.

Se você está à procura de respostas fáceis para problemas difíceis, esqueça este livro. Se você está à procura de algumas respostas práticas que não são comuns, então leia-o.

Creath Davis

AGRADECIMENTOS

É impossível agradecer à altura. Foram tantas as pessoas que partilharam seus sonhos e suas lutas comigo, em retiros, estudos bíblicos em grupo, reuniões de aconselhamento e numa camaradagem contínua intitulada "Christian Concern", (Solicitude cristã) que influenciaram não só minha obra, mas também minha vida. Este livro é um testemunho da esperança oriunda desta comunidade — uma Esperança Viva personalizada em Jesus Cristo!

Sem os esforços de minha esposa, Verdell, que me ouviu e trabalhou comigo na criação deste livro; de Gwynne Pollock, que gastou horas incontáveis na redação; e de Norma Atlason, minha secretária, que datilografou e tornou a datilografar este manuscrito, este livro jamais viria à luz.

Um agradecimento especial aos diretores da Solicitude Cristã, que foram mais uma família do que uma junta administrativa para nós — George e Ann Clark, John e Sybil Allison, Dan e Martha Lou Beaird, George e Miley Busiek, Roy e Janis Coffee, Charles e Gwen Davis, Don e Mary Ann Edney, Parker e Lois Folse, Charley e Aggie Johnson, Tommy e Patricia Jones, Ray e Sharon Powell, Johnny e Patsy Jones, John e Frances Saville, Dan e Jimmie Abbott — e ao corpo todo da associação "Christian Concern".

E muito obrigado à nossa equipe em Kaleo Lodge que nos apresentou uma comunidade obediente e que certamente influenciou na formação deste livro — R.C. e Kay Blackstock; Billie Jean, Cindy, e Brad Hepp; Latrell e Mary Bryant — e a John Hepp, autor e professor, que dirige um estudo bíblico semanal em Lodge.

MUITO OBRIGADO

Ao grupo masculino de participação, formado por diversos dos diretores acima citados e Tex Williams, Larry Fleck, Mike McCullough e David Burgher, onde surgiu a idéia deste livro;

Pelas contribuições especiais de:

Robert A. Williams, que me ajudou em cada faceta deste ministério, inclusive no preparo deste livro; m011. Carmen e Dorothy Conner, que me indicaram o caminho para as pesquisas de incalculável valor neste projeto, junto com George Roberts, meu supervisor na Associação Norte-americana de Conselheiros para Casamento e Família;

Glenn Reddell e membros da equipe e diretoria da "Spiritual Growth Foundation" (Fundação de Crescimento Espiritual) em Lubbock, Texas, que me ajudaram a focalizar mais nitidamente as áreas específicas de necessidades em um ministério junto à comunidade;

Bill e Glória Gaither que me deram oportunidade de apresentar o conteúdo deste livro em forma de palestras no "Praise Gathering for Believers", (Reunião de Louvor para Crentes), em Indianápolis, Indiana, em novembro de 1975;

Bob DeVries e Al Bryant da "Zondervan Publishing

House”, que me incentivaram em cada um dos meus projetos literários.

Lames E. Ruark, revisor de originais da Zondervan, que trabalhou com entusiasmo neste projeto comigo.

As versões bíblicas abaixo foram usadas e estendemos nossos agradecimentos aos seus editores:

The Living Bible Copyright © 1971 de Tyndale House Publishers, Wheaton, Illinois. Usado com permissão.

The Revised Standard Version. copyright © 1946, 1952, da Division of Christian Education of the National Council of Churches of Christ, nos Estados Unidos da América, Zondervan Publishing House, portadora de licença.

The Amplified Bible. Copyright © 1965, de Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan.

PRIMEIRA PARTE

RESOLVENDO CONFLITOS PESSOAIS

Não finjam apenas amar aos outros: amem realmente. Odeiem tudo aquilo que está errado. Coloquem-se ao lado do bem. Amem-se uns aos outros com afeição fraternal e tenham prazer em honrar uns aos outros. Não sejam nunca preguiçosos no trabalho, porém sirvam fervorosamente ao Senhor.

Fiquem alegres com tudo quanto Deus está planejando para vocês. Sejam pacientes na dificuldade e sempre perseverantes na oração. Quando os filhos de Deus estiverem em necessidade, sejam vocês os primeiros a ajudá-los. E criem o hábito de convidar hóspedes para jantar em suas casas; ou, se precisarem passar a noite, dêem-lhes pousada.

Se alguém o maltratar porque você é um cristão, não o destrata; ore, sim, para que Deus o abençoe. Quando outros estiverem alegres, alegrem-se com eles. Se estiverem tristes, participem de sua tristeza. Trabalhem juntos com alegria. Não busquem mostrar grandeza. Não procurem cair nas boas graças de gente importante, mas tenham prazer na companhia de gente comum. E não pensem que vocês sabem tudo!

Nunca paguem o mal com o mal. Façam as coisas de

14 Como vencer nas crises

maneira tal que todos possam ver que vocês são absolutamente honestos. Não contendam com ninguém. Tanto quanto possível, vivam em paz com todos.

Queridos amigos, nunca se vinguem. Entreguem tudo a Deus, pois Ele disse que retribuirá àqueles que o merecem. (Não façam justiça com as próprias mãos.) invés disso, dêem de comer a um inimigo se ele estiver com fome. Se estiver com sede, dêem-lhe alguma coisa para beber e assim vocês estarão “amontoando brasas vivas sobre a cabeça dele”. Em outras palavras, ele se sentirá envergonhado de si mesmo por aquilo que tiver feito a vocês. Não deixem que o mal prevaleça, mas triunfem sobre o mal, praticando o bem.

Romanos 12:9-21

(O Novo Testamento Vivo)

1. COMO VOCÊ REAGE DIANTE DO CONFLITO?

A vida é como andar na neve — todos os passos deixam sinais. — Jess Lair

“VOCÊ NEM IMAGINA o que me aconteceu! Você já me viu desanimada e desesperada. Estou aqui para lhe dizer que nada mudou lá em casa. Nosso lar está ainda pior do que antes. Mas nunca imaginei que pudesse enfrentar a situação como estou fazendo agora.”

Que notícia boa, partindo de uma amiga que já me procurara em horas de desespero. Nada estava bem, porém ela estava; e isso representava uma grande diferença.

Naturalmente, todos nós preferiríamos livrar-nos de nossos problemas, ou, melhor ainda, não tê-los nunca. Mas até mesmo a pessoa mais esperta e a mais forte vão descobrir um dia que a vida saiu do âmbito do seu controle. Ao reconhecermos essa vulnerabilidade geralmente ficamos chocados e caímos na incredulidade: “Não posso crer que isso esteja acontecendo comigo!” E a maneira pela qual reagimos diante dessa experiência destruidora, ou vai descortinar novas dimensões de crescimento, ou vai sufocar cada grama de energia de nosso espírito. Se quisermos permanecervivos durante todos os anos de nossa vida, temos de descobrir como sobreviver corajosa e criativamente às crises que inevitavelmente surgem

Definimos *crise* como “algo que exige mudanças”. Quanto mais radical a mudança, tanto mais intensa a experiência. A adolescência traz conflitos maiores do que os estágios anteriores da infância, porque as mudanças são mais extremadas. A luta por uma personalidade própria acarreta um sofrimento maior do que simplesmente submeter-se aos cuidados de outrem. O equipamento que imos e a nossa reação em qualquer crise determinam o efeito que ela terá sobre nós.

A natureza espontânea dos relacionamentos pessoais exige de vez em quando mudanças que podem precipitar uma crise maior ou menor. A mudança exigida pode surgir de um relacionamento tenso ou desintegrante entre marido e esposa, pai e filho, empregador e empregado, entre parentes, e entre amigos. Algo acontece e tornamo-nos dolorosamente cômicos de que nem tudo vai bem no relacionamento. Nossas reações diante de tal desespero são variadas.

1. Uma reação comum diante do conflito pessoal é a de simplesmente negar que o problema exista e fingir que “tudo vai muito bem”. Um indício de tal reação é a necessidade de repetir aos outros que tudo vai indo muito bem. Intimamente estamos apenas tentando convencer-nos, mas o conflito se intensifica ainda mais com essa atitude.

Um casal, que me contou parte de suas dificuldades, está lutando com esse processo de negação da realidade. Um relacionamento que começou com grandes esperanças foi prejudicado por causa da falta de disposição de uma das partes de admitir que havia um problema. *Temos a tendência de esquecer que o sinal da verdadeira força está na capacidade de se admitir fraqueza.* O casal entrou em dificuldades porque não

soube reconhecer a transição de uma vida sexual intensa, por causa da novidade, para uma expressão sexual mais rica, como resultado de um amor conjugal mais profundo. O marido se tornou vítima do sintoma "hei de ser bem sucedido nos negócios a qualquer preço" enquanto que a esposa se atirou a uma vida social intensa. O objetivo de um serviu de complemento ao outro, mas ao longo do caminho, um perdeu o outro. Alguns de nós provavelmente poderíamos identificar-nos com este casal, se substituíssemos reputação, filhos, prazer, ou sucesso, em qualquer uma de suas diferentes formas, pela coisa que nos seduziu, afastando-nos da prioridade de realmente aprender como amar a pessoa com a qual casamos.

Chegou o dia em que a esposa, sentindo não ser mais amada, afastou-se sexualmente. O marido a desejava, mas não sabia como cortejá-la novamente. Um pé-de-guerra desenvolveu-se em seu relacionamento sexual. A esposa, tentando defender-se, atacava a masculinidade dele. Suas táticas foram realmente eficientes, pois afastaram dela o marido e levaram-no para um mundo de fantasia sexual. O afastamento dele amedrontou-a, e ela para compensar aproximou-se dele como agressora sexual. Isto acabou com o último fio de masculinidade dele.

Sentindo-se hostil e incapaz, ele procurou os conselhos de um psiquiatra. O simples ato de permitir que uma pessoa compreensiva tomasse conhecimento desta situação estranha em que se achava, proporcionou-lhe alívio e esperanças. Quando tentou incluir a esposa no processo de aconselhamento ela se recusou. "Não há nada de errado comigo, e não há nada de errado com você também. Não precisamos de

18 Como vencer nas crises

ajuda alguma”, foi o comentário dela. Esta reação aumentou o afastamento de ambos, a ponto de nada mais restar, a não ser ressentimentos e críticas. A melhor solução que puderam adotar foi a de cada um seguir o seu caminho, mantendo contudo o status conjugal por amor aos filhos.

Quando um relacionamento se desintegra a este ponto, transforma-se numa bomba ativada, que precisa de muito pouco para explodir. Este conflito está longe de ser solucionado mas, para um deles, o passo principal na direção da cura já foi dado — a disposição de admitir a presença do problema. Isso não é uma garantia de que o relacionamento sobreviverá, mas oferece novas possibilidades pela maneira como o marido pode reagir na situação. E quando as mudanças que surgem abrem uma nova perspectiva e liberdade para um, as oportunidades de uma reação sadia, da outra parte, aumentam grandemente.

2. Outra reação comum numa crise de relacionamento é a de jogar a culpa do problema sobre outra pessoa. Às vezes chamamos a isto de projeção — projetar a fonte do conflito para longe de nós mesmos. Talvez não queiramos ou não sejamos capazes de enfrentar nosso próprio fracasso no relacionamento, por isso despejamos tudo sobre o outro e sentimo-nos muito piedosos com o que fizemos. Afinal, localizamos o verdadeiro problema. A natureza humana é notavelmente inclinada a agir assim.

“Se ele ficasse ao menos um dia no meu lugar, perceberia como sou importante nesta firma.” “Se meus sogros pelo menos percebessem como o filho é mimado e egoísta, talvez deixassem de me perseguir.” “Se meus pais não fossem tão exigentes, talvez eu os res-

peitasse mais. Afinal, sou um bom rapaz, e não haveria conflito em nosso relacionamento se *eles* agissem de modo diferente.” “Eles” são sempre os culpados nesta reação-padrão. “Eles” podem ser um cônjuge, um pai, um patrão, ou o Governo Federal. Mas seja quem for *eles* são os culpados!

Este sistema de reação negativa tem como modelo o primeiro conflito de relacionamento que o homem enfrentou. Adão e Eva no Jardim do Éden comeram do fruto proibido. E assim transgrediram tanto a confiança como a ordem de Deus. Antes desfrutavam de perfeita harmonia e comunhão com o seu Criador, mas depois deste ato de rebeldia, esconderam-se. Todavia, por mais que nos esforcemos, há duas pessoas que não podemos evitar para sempre — Deus e nós mesmos. A Bíblia revela que no encontro seguinte Adão enfrentou não só a Deus, mas também a si mesmo. Deus chamou: “Adão, onde você está?” Que pergunta profunda! “Onde está, no jardim? Onde está em nosso relacionamento? Onde está em relação a si mesmo? Em relação à sua companheira?”

A resposta de Adão foi muito profunda. “Ouvi Tua voz e fiquei com medo.” Medo de quê? “Medo porque eu estava nu. Onde estou? Eu estou nu — com vergonha, culpado, com medo, exposto, separado. Por isso me escondi.”

Quantas vezes já tentamos cobrir nossas pegadas, esconder-nos, porque estamos também com medo, culpados, envergonhados, separados? A única saída em tal dilema é procurar, além de nós mesmos, a graça e o perdão de Deus, à nossa disposição imediata em Jesus Cristo.

O que não aconteceu com Adão! Em lugar de en-

20 Como vencer nas crises

frentar francamente sua própria culpa, lançou a responsabilidade sobre outrem. Seu bode expiatório foram os outros do seu ambiente. Primeiro, a culpa foi de Eva ("Ela me deu o fruto"), mas finalmente a culpa foi de Deus ("Ele me deu a mulher").

O desejo de fugir à responsabilidade de nossos próprios atos é inacreditável. Parece que sentimos no subconsciente, e às vezes mesmos no consciente, que se pudermos inverter suficientemente as posições, a fim de incluir Deus em nossa escala de culpas, podemos relacionar-nos com Ele, retendo nosso próprio estilo de vida egocentralizado, sem pedir desculpas. Mas toda a existência dá testemunho do fato de que o egocêntrico carrega consigo a própria garantia de destruição, e bloqueia a comunicação com Deus, interrompendo o precioso fluxo da vida criativa.

Culpar os outros de nossas lutas é tão improdutivo que pode nos cegar para qualquer alternativa que poderia ajudar-nos. Ficamos com o sentimento de estar numa arapuca e à mercê do destino. Não gostaria de atacar aqueles que têm consciência hipersensível, o outro extremo, fazendo-os assumir toda a culpa da situação. Precisamos assumir nossa parte, mas nunca o todo. É uma atitude geralmente assumida em casos de divórcio: a pessoa que, a princípio, acusava a outra passa a assumir toda a culpa. Primeiro, ficamos ansiosos demais para jogar a culpa no outro cônjuge. "É tudo culpa dela (ou dele). Fiz tudo para que nosso casamento fosse bom, feliz, mas ela (ou ele) deixou de fazer a parte dela (ou dele) no relacionamento." Depois deste estágio, entretanto, geralmente vem o estágio do "eu fracassei". "Se eu fosse mais sensível às necessidades dela (ou dele), se eu tivesse me esforçado mais, se

eu tivesse procurado ajuda adequada, quando o casamento começou a se desfazer, se... se... se..."

É verdade naturalmente que a maior parte da culpa pertence a uma das duas partes envolvidas. *Mas o fracasso é mútuo!* O que descobrimos sobre nossas próprias faltas e as do outro cônjuge pode nos dar um pouco de compreensão sobre as necessidades de ambos, mas trancar-se em ódio ou amargura contra si mesmo é cair novamente na armadilha de um processo de autodestruição.

É bom lembrar que um fracasso, mesmo que seja o maior que possamos conceber, não nos condena a uma vida de fracassos. Se nos permitimos pensar de outra maneira, envenenamos o espírito e deprimimos a mente, restando, apenas, um sentimento de total desespero. Uma pessoa neste estado acha que não há futuro, nada mais pode esperar da vida; sua vida não tem mais esperanças. Cai em depressão, que se repete e passa a ser um estado normal a não ser que este comportamento emocional negativo seja vencido.

3. Outro mal comum na crise de relacionamento é o esforço de resolver o conflito superficialmente. O ofensor pode oferecer a alternativa de "vamos, simplesmente, esquecer o assunto e tocar para frente" sem nenhuma base para esquecer ou prosseguir. O resultado deste modo de agir seria simplesmente enterrar o problema, apagando-o da mente. Na melhor das hipóteses, o alívio seria apenas temporário. As coisas que enterramos antes de estarem mortas, sempre voltam para nos assombrar. Além disso, raramente a parte ofendida está pronta a esquecer a ofensa, sem que haja uma razão para isso.

Nossos primeiros esforços no sentido de resolver

22 Como vencer nas crises

dificuldades geralmente são superficiais. Parece ser universal o fato de estarmos prontos a mudar somente quando nos convencemos de que não há outra saída.

Como conselheiro, estou atualmente envolvido numa situação que demonstra dramaticamente o caso em questão. Maria acabou de descobrir, depois de quinze anos de casada, que no apartamento de Raimundo em Chicago mora uma amante. Seria uma atenuante dizer que o mundo de Maria se defez em pedaços. Ela ama Raimundo e se esforçou, do ponto de vista dela, por fazer tudo que ele precisava.

Sendo vice-presidente de uma grande companhia, com sede em Chicago e morando em Dallas, Raimundo precisava afastar-se de casa grande parte do tempo. Há dois anos alugou um apartamento para fazer economia, foi o que disse à esposa. Mas com o apartamento veio outra mulher.

Maria lutava contra sua própria solidão, para dar a Raimundo a liberdade de viajar, que ele achava ser uma exigência da companhia. Mas agora se sente uma perfeita imbecil. Nos dois últimos anos Raimundo foi aos poucos privando-a de todo afeto físico, ao passo que verbalmente continuava a assegurar-lhe seu amor. Maria pensava que ele tinha um problema de impotência e dedicou-se com desvelo tentando restaurar-lhe a saúde, e descobriu que aquilo que lhe fora negado tinha sido dado à outra. Isso era demais! Ferida e cheia de ódio, tentou matá-lo. Raimundo arrancou a arma de suas mãos e tentou explicar-lhe que o caso já tinha terminado, antes mesmo de ter sido descoberto por ela. A solução que ofereceu à esposa foi: "Vamos esquecer tudo e continuar como antes." Mesmo a pessoa mais ingênua percebe que há mais coisas envolvidas na

restauração deste relacionamento do que aquilo que Raimundo ofereceu. E acho que Maria conseguiu convencê-lo de que é preciso muito mais do que uma solução superficial para o problema.

Atacar o problema errado nunca resolve o verdadeiro. Cada um de nós tem uma lista de problemas sem riscos emocionais e por isso aceitáveis; e outra de problemas perigosos, inaceitáveis. Sempre que um destes problemas perigosos e inaceitáveis começa a aparecer, ficamos tentados a substituí-lo por outro mais aceitável, para lutar contra ele. A maioria das pessoas, que me procuram para aconselhamento, apresentam um problema para ser resolvido que não é de modo algum o problema real.

Num retiro em Kaleo Lodge, um homem muito importante pediu uma entrevista particular e disse que se preocupava com a sua vocação. Depois de duas horas, tentando ganhar sua confiança e penetrando mais profundamente na situação, percebi que o problema real vinha à tona. Foi uma surpresa para ele! O pai, com a idade de setenta e cinco anos, ainda mantinha seguras as rédeas da companhia que pertencia a ambos. Nunca pedia a opinião do filho, nem o incluía nas decisões importantes, embora ele fosse o segundo homem mais importante da companhia. Aos quarenta anos já não agüentava o domínio total do pai. Seu ressentimento era profundo e estava prestes a explodir. Mas tal sentimento era tão inaceitável para a sua mente consciente que canalizou a frustração em outro sentido. Podia aceitar um problema vocacional, nunca um problema de relacionamento com o pai.

Não há dúvida de que seria mais fácil para este homem mudar de companhia do que mudar o relacio-

24 Como vencer nas crises

namento com o pai. Todavia, em seu próprio benefício e também no do pai, torna-se necessário um entendimento franco entre os dois, antes mesmo de se considerar a possibilidade de uma separação. Tenho visto milagres surgirem quando indivíduos confessam francamente seus sentimentos em situações semelhantes. Geralmente aquele que domina não tem a mais vaga idéia de que há um problema. Pode não ter intenção de afastar a outra pessoa de coisa alguma, mas é tão agressivo que precisa fazer um esforço consciente, a fim de incluir outros em suas decisões.

Há ocasiões, entretanto, em que a pessoa dominante pode se sentir tão ameaçada por uma confrontação que a única porta aberta para a liberdade é a separação. Mas a confrontação reduzirá o ressentimento, e os dois poderão separar-se como amigos. Talvez não possam continuar trabalhando juntos, mas enfrentaram o dilema e tomaram uma atitude decisiva. Esta dificuldade é comum entre pais e adolescentes e tem as mesmas possibilidades de acabar bem ou mal.

Oferecer presentes à outra pessoa, em lugar de dar-se a ela, deixa muito a desejar no desenvolvimento de relacionamentos sadios. Isto pode acontecer em qualquer situação, mas parece predominante no relacionamento entre pais e filhos. Nossos filhos desde o nascimento são *pequenas* pessoas que rapidamente se transformam em pessoas grandes. Na qualidade de pais, podemos facilmente ser apanhados pela idéia geral de que, porque cuidamos deles, podemos esquecer-nos de que os filhos têm necessidades e direitos como seres humanos. Como os pais cuidam das necessidades físicas da vida, é natural pensarem que as necessidades emocionais e espirituais estão sendo

atendidas automaticamente. Afinal, seu amor é expresso no preparo de uma refeição ou na roupa lavada. É verdade! Mas será que o seu amor também é revelado, ouvindo, aceitando com serenidade as mensagens verbais e mudas que lhes são enviadas pelo filho?

A criança pode achar que o seu relacionamento com os pais está deformado. Como resolver esse conflito se os pais não estiverem prontos a realmente cooperar com ela — vendo o seu mundo como ela o vê, sentindo como ela sente? É mais fácil comprar-lhe um brinquedo e mandá-la brincar na outra sala do que ir com ela e ser o seu presente.

Freqüentemente, quando o nível de culpa dos pais se destaca por causa de um incidente, no qual não agiram com amor em relação ao filho, costumam dar-lhe alguma coisa para não terem de dizer “desculpe-me”. Mas se pudermos lembrar-nos de que os filhos são pessoas que precisam de pessoas, exatamente como nós precisamos, e agirmos como gostaríamos que a pessoa mais importante de nossa vida agisse para conosco, então os resultados seriam fantásticos para todas as pessoas envolvidas.

Já examinamos algumas reações comuns a conflitos pessoais que são impróprios para o bem-estar contínuo das pessoas em si ou do relacionamento. Precisamos resistir à tentação de concentrar nossa atenção nas faltas óbvias da outra pessoa ou pessoas em nossas próprias crises de relacionamento. As faltas delas são muito mais fáceis de perceber do que as nossas próprias. Mas a questão é — será que podemos identificar nossas próprias e fracas reações, para concentrar a energia em mudanças sadias dentro de nós mesmos?

2. RELACIONAMENTOS CRIATIVOS NÃO ACONTECEM ACIDENTALMENTE

ESTÁ ALÉM DE NOSSAS FORÇAS mudar outras pessoas. Podemos exercer grande influência por meio de nossos atos e atitudes, mas a autonomia de cada um garante a liberdade de reagir diante de si mesmo e da vida, como bem preferir. Esta capacidade de auto-orientação é um dos grandes presentes de Deus ao ser humano. Não é, entretanto, um dom que necessariamente aceitamos com muito entusiasmo. Proporciona não só oportunidades incríveis, mas também uma responsabilidade muito séria.

Num sentido muito real somos o que escolhemos ser! Há experiências que nos impulsionam em direções autodestruidoras. Elas, porém, não determinam por si mesmas o que havemos de ser. Se preferimos ser levados ao léu das circunstâncias, seremos moldados pelas mesmas circunstâncias.

Mas dentro de cada um de nós há o potencial de nadar contra a correnteza e de chegar a ser mais do que o resultado do ambiente.

O maior perigo ao renunciar à nossa autonomia é que ficamos totalmente dependentes dos outros para o nosso bem-estar. E neste caso nos tornamos suscetíveis aos resultados de qualquer imaturidade emocional que eles possuam.

O objetivo nos relacionamentos humanos não é de-

pendência ou independência, mas interdependência. A interdependência permite a cada um ser senhor de si mesmo e dar o que tem sem nenhum compromisso. Ele também tem liberdade de receber o que os outros oferecem, sem ser impelidos a exigir mais. Este equilíbrio é o ideal que devemos buscar, porém jamais o atingiremos de maneira completa. É claro que se não tivermos alvos definidos em nossos relacionamentos, inevitavelmente repetiremos os mesmos erros muitas e muitas vezes.

Quais são alguns dos objetivos no desenvolvimento de relacionamentos significativos? *O respeito mútuo* deve vir em primeiro lugar. É muito doloroso quando não somos tratados com respeito; não obstante, podemos deixar de respeitar outra pessoa sem ter consciência do que estamos fazendo. Quando os preconceitos são nossos, parecem normais e justificáveis. Mas quando estamos do lado errado dos preconceitos “normais” de outra pessoa, pode ser muito prejudicial.

Não é fora do comum descobrir que um problema básico, que destruiu uma família foi a perda do respeito mútuo. Como é fácil perder de vista a beleza que descobrimos antes em nossas diferenças. Os elementos complementares do relacionamento marido-mulher oferecem possibilidades de realização que nenhum outro pode igualar. Apesar desta atração inicial, podemos facilmente nos desviar na tentativa de transformar nosso cônjuge à nossa própria imagem — considerando seus pontos fortes como uma ameaça e as fraquezas como faltas. Em lugar de ajudar, *atacamos* ou nos *afastamos*, deixando o outro magoado e inseguro quanto ao lugar que ocupa em nosso afeto. Tal atitude geralmente provoca vingança de um ou outro

tipo, e a guerra (fria ou quente) começa. A luta resultante pode destruir qualquer desejo de reconhecer ou evocar o bem que há no outro. Se não for reprimido, este sistema de reação pode destruir todo o respeito e deixar o relacionamento irremediavelmente frustrado.

Um bom amigo contou-me parte de sua história, que exemplifica a necessidade de respeitar e afirmar a peculiaridade do outro cônjuge. Ele sempre foi tímido. Mas, quando jovem, sentiu-se atraído por uma moça animada e expansiva. Ela era tudo o que ele não era, e ele gostava do contraste. Venceu a timidez o tempo suficiente para cortejar e conquistar a moça que se tornou sua noiva. Então, diz ele, passou os próximos quinze anos tentando modificar a esposa — tentando mudar aquelas mesmas coisas que antes o atraíam. Seus esforços causaram grande sofrimento a ambos.

Num retiro aconteceu algo que abriu a porta de um novo começo para este casal. A religião sempre foi uma atividade da qual eles participavam porque era bem aceita. Mas durante aquele fim-de-semana, trocando experiências e examinando as boas-novas da fé cristã, decidiram entregar-se a Jesus Cristo como a revelação do próprio Deus e seu Salvador pessoal. A liberdade e amor que experimentaram criaram uma conscientização mais profunda do amor que sentiam um pelo outro. Este homem pôde confirmar os votos feitos à esposa de maneira linda, e o respeito que sentem agora um pelo outro enriqueceu a minha vida e a de todos que foram tocados pela vida deles.

Todos nós temos sensibilidades e preferências pessoais que são uma parte válida do ser humano. Mas medir o valor de outra pessoa com base em nossa própria predileção pode nos empobrecer, porque nos

priva da possibilidade de relacionamentos significativos com aquele grande segmento da humanidade que difere de nós em idade ou social e economicamente.

Em nossa civilização temos um sistema de classes que se aproxima muito do racismo e pode ser igualmente destrutivo. Já vi muitos indivíduos profundamente magoados por causa das linhas sociais estabelecidas em nossa cultura, que é um produto da mistura de raças. Muitos descobrem meios de levantar muros ao seu redor e à volta de seus grupos, para manter de fora aqueles que não estão “dentro”. Estar “dentro” transforma-se num sinal de distinção e superioridade. Este sistema social separativo transgride uma premissa básica da fé cristã. “... não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em aceção de pessoas” (Tiago 2:1). “Pois Deus não tem favoritos” (Romanos 2:11, New English Bible). “Ora atualmente vós que tendes fé em Cristo, sois todos filhos de Deus ... Acabaram as diferenças entre judeus e gregos, escravos e livres, machos e fêmeas! Sois um só em Cristo Jesus” (Gálatas 3:26, 28, *Cartas às Igrejas Novas*, de Phillips).

Mesmo fora da fé cristã, essa tendência bloqueia qualquer possibilidade de um relacionamento sadio. Um elemento perturbador no cenário contemporâneo norte-americano é a reação decorrente de anos de preconceitos profundamente estabelecidos. Alguns estão tomando posição e exigindo da sociedade o seu “lugar ao sol”. Mas a direção que esta revolta tem tomado é procurar mudar as pessoas que recebem o tratamento preferencial, em vez de edificar um sistema de igualdade. Para sobreviver como nação temos de romper esta atitude social defeituosa de desprezar

aqueles que não são como nós, para nos concentrarmos na compreensão das pessoas ansiosas, frustradas e solitárias que existem entre nós. Não é fato desconhecido que a verdade oferecida pelo evangelho cristão é a única solução real para uma sociedade permanente.

Uma parte do evangelho ensina enfaticamente que só quando atendemos as necessidades dos outros podemos ver resolvidas as nossas próprias.

É verdade que não somos todos iguais em talentos, oportunidades, educação, experiência, ou qualquer outra das inúmeras qualificações específicas que poderíamos citar. Também não contribuimos de maneira igual para o bem-estar da raça humana. Contudo, somos iguais quanto ao valor e responsabilidade humanos. Fomos feitos à imagem de Deus com incrível potencial e liberdade para orientar o desabrochar desse potencial, para o bem ou para o mal. Francis Schaeffer expôs o caso claramente quando escreveu:

“Para Deus não há pessoas insignificantes ... Nossa atitude para com todos os homens deveria ser de igualdade, porque somos criaturas iguais. Somos do mesmo sangue e da mesma espécie. Quando olho para o mundo, devo ver cada homem como meu semelhante e devo ter o cuidado de perceber nossa igualdade com base neste status comum. Precisamos ter o cuidado de não assumir, em pensamento, o lugar de Deus para com os outros homens. Pertencemos à mesma raça” (Francis A. Schaeffer, “No Little People”, págs. 13, 20).

Na qualidade de homens, nosso maior desafio consiste em aproveitar ao máximo aquilo que recebemos. Con-

seqüentemente, quanto maiores os talentos, maior nossa responsabilidade. Mas a ênfase da mensagem cristã é sempre que o maior sirva ao menor. Este padrão é o único no qual o respeito mútuo pode existir entre os super-realizadores e os pouco-realizadores, ou entre outros quaisquer opostos na escala das características humanas. Caso contrário, o mais forte explora o mais fraco, e o mais fraco odeia o mais forte por isso. Nenhum relacionamento pode sobreviver quando há falta de respeito.

Outro objetivo claro para um relacionamento significativo é a obrigação de despertar o que há de bom no outro. Essa atividade também liberta o que há de melhor em nós. As reações que provocamos naqueles com os quais temos contato, encorajam ou desanimam o desenvolvimento de sua personalidade. É incrível quanta energia negativa bombardeia a maioria das pessoas no decorrer de um simples dia.

Um exemplo simples aconteceu recentemente. Enquanto eu aguardava o serviço de um mecânico, dois trabalhadores pararam no posto para comprar gasolina. Outro freguês que conhecia os dois fez a sarcástica observação: "Vocês dois não vão trabalhar hoje? Já é quase meio-dia, sabem disso?". Não foi uma brincadeira agradável. Os dois trabalhadores responderam sim e prosseguiram em seu caminho. Era mais um banho de água fria em dois homens que obviamente já estavam trabalhando. Um dia de observações depreciativas afeta profundamente o mais forte dos homens. E fico imaginando como eles vão reagir às esposas e filhos, quando chegarem em casa.

Como podemos acabar com nosso padrão de reações negativas? Começando com nossas atitudes!

32 Como vencer nas crises

Como você se sente em relação às pessoas em geral? Como se sente em relação a si mesmo? De acordo com sua própria opinião você é digno de atenção? Que tipo de obrigação você sente quanto ao seu relacionamento com os outros? Você é do tipo “não me amole”, do tipo “saia do meu caminho”, do tipo “não espere nada de mim”, do tipo “não te conheço”, ou, felizmente, do tipo “seja bem-vindo à família da raça humana”? Todos, exceto o último, levam à solidão.

Não adianta ficarmos com pena de nós mesmos por causa do material negativo que nos foi dado. Precisamos assumir um compromisso conosco e com os outros de que a convicção básica de nossa vida será que *todos são importantes*. Pensar em nós mesmos e nos outros como “milagres de Deus, especiais e irrepetíveis” estabelece um fundamento sólido, a partir do qual podemos começar a despertar o potencial maravilhoso dos outros.

Eu e Verdell estamos casados há quinze anos. Para alguns isto parece uma eternidade, enquanto para outros parecemos principiantes. Sem considerar onde nos encontramos na escala de tempo, a coisa que me assombra é a descoberta contínua de novas sensabilidades e belezas que jamais sonhei que ela possuísse. Ela sempre me foi uma pessoa maravilhosa e amada, mas eu percebo que quanto mais convivemos, tanto mais descobrimos quem somos como casal e individualmente. Isto é maravilhoso! O pai de Verdell morreu recentemente. Como resultado daquela experiência eu vi surgir uma força nova nela, que alegremente reconheci e comemorei com ela. A maneira pela qual ela foi capaz de atravessar a perda — sentindo-a profundamente e aceitando a realidade da morte como parte do

processo da vida — ancorada em uma fé cheia de calma através de tudo, abriu-lhe novos horizontes em todos os seus relacionamentos.

Há muitas maneiras pelas quais podemos transmitir um sentido de valor a outra pessoa. Bob Slocum conta a história de uma família que jantava fora certa noite com o filho de cinco anos de idade. Os pais ao fazerem o pedido à garçonne, começaram pelo filho. O menino deixou escapar que queria um *hamburger*; a garçonne ouviu e perguntou com que molho ele queria. Ele disse e, quando ela se afastou, o menino anunciou todo entusiasmado aos pais: “A moça pensa que eu sou gente de verdade!” O fato da garçonne ter recebido o pedido diretamente do menino fê-lo sentir-se importante. Outra pessoa o levou a sério!

Precisamos mais daquilo que Francisco de Assis tinha, e foi tão bem descrito por G. K. Chesterton:

“São Francisco, de propósito, não via a floresta para ver as árvores. É mais verdade ainda que ele, de propósito, não via a multidão para ver os homens. ... Ele via somente a imagem de Deus multiplicada, porém nunca monótona. Para ele um homem era um homem e não desaparecia na multidão densa do mesmo modo como não desaparecia num deserto... Jamais houve um homem que olhasse naqueles olhos castanhos e abrasadores sem ter certeza de que Francisco Bernardone estava realmente interessado nele, em sua própria vida interior individual, desde o berço até a sepultura; de que ele estava sendo valorizado e levado a sério” (Maxie Dunnam, *“Be Your Whole Self”*, pág. 85). A experiência demonstra que, se alguém nos dá atenção, sentimo-nos pessoas de valor.

Um modo prático de levar os outros a sério e ouvi-los.

34 *Como vencer nas crises*

Quando escuto alguém estou dizendo: "Você é importante!" Deixar de ouvir transmite o oposto. Depois de um retiro de fim-de-semana em Kaleo Lodge, um homem escreveu-me o seguinte: "... Segunda-feira fiquei em casa e não fui trabalhar, e depois que as crianças saíram para as aulas, eu e Jane ficamos conversando durante cinco horas. Realmente conversamos pela primeira vez em nove anos de casamento. Sinto uma sensação esquisita ao fazer uma declaração destas. Ouvi outras pessoas dizerem a mesma coisa tantas vezes, mas eu sabia que nós dois sempre podíamos conversar. Agora percebo que eu falava muito e ouvia pouco."

Esta forma de negligência pode ocorrer em qualquer um de nossos relacionamentos. Talvez as pessoas que mais freqüentemente deixamos de ouvir são os nossos filhos. Acostumamo-nos tanto a fazer tudo por eles que, sem perceber, assumimos a responsabilidade de pensar por eles também. Achamos que sabemos o que eles estão sentindo, sem ouvi-los, só porque sabemos o que nós sentimos por eles. Mas eles não são uma extensão da nossa pessoa. Eles também são milagres de Deus especiais e irrepetíveis, que devem seguir o seu próprio destino, com ou sem a nossa ajuda.

Neste ano entramos numa nova era aqui em casa: temos o nosso primeiro adolescente. As mudanças que estão acontecendo são incríveis e deliciosas. David acaba de descobrir que as meninas talvez possam ter um lugar no esquema da vida dele. Ao mesmo tempo está começando a fazer valer os seus direitos de maneira muito mais forte. Está testando a autoridade da mãe e está se tornando um tanto agressivo com o pai. Estou certo de que a necessidade de experimentar suas

próprias asas vai se tornar mais intensa, à medida em que o tempo for passando.

Embora eu creia que vou cometer uma porção de erros, estou extremamente interessado nesta nova aventura com nosso filho mais velho. Quero dar-lhe espaço para crescer e aprender com ele. Quero ouvi-lo e compreendê-lo. Eu o amo e, por isso, quero levá-lo a sério, especialmente quando se está transformando de menino para homem. O que poderia deleitar mais o coração de um pai do que ver o filho sendo capaz de cuidar de si mesmo como homem — um homem que sabe que tem um lugar no mundo de Deus e que os outros também têm? Assumi um compromisso com ele nesse sentido, e para tanto eu lhe darei tudo que tenho, com a ajuda de Cristo. Que Deus nos dê sabedoria!

É ainda mais difícil ser ouvinte em nossos relacionamentos menos íntimos. Podemos nos envolver tanto, pensando que temos de resolver os problemas de todo mundo, que mal deixamos que a outra pessoa termine de falar para lhe dar uma “resposta” ou sugerir uma “solução”. Mas temos de aprender, como povo cristão, que Deus se torna uma resposta para nós em Cristo e que ele tem o propósito de encarnar no seu povo essa resposta. A humanidade precisa tremendamente de saber que Deus a ouve. E a principal maneira escolhida por Deus para fazer com que o mundo conheça essa realidade é que seu povo tome parte com ele nesse ouvir.

Lembro-me de que, há diversos anos, esta verdade me foi dramaticamente apresentada como “boas-novas”. Eu fora convidado por um amigo, que estava-se iniciando na fé cristã, para um coquetel em sua casa. Os coquetéis não fazem parte de minhas ocupações nor-

mais de ministro, mas fui por causa da amizade que se desenvolvera. Também senti liberdade para ir, porque me lembrei de que Cristo foi verdadeiramente amigo daqueles que a comunidade religiosa evitava no seu tempo. Mas não sentindo ainda uma liberdade total naquele tempo, decidi fazer alguns planos para aquela noite. Eu não desejava que alguém se sentisse molestado, assim como desejava sentir-me à vontade. Por isso, decidi de antemão procurar na sala a pessoa que me parecesse mais solitária e esforçar-me por tornar a sua noite o menos solitária possível.

Bem, não foi difícil descobrir essa pessoa — um homem com cerca de quarenta anos de idade, que parecia ter perdido todos os amigos neste mundo, caso tivesse possuído algum. Aproximei-me dele, estendi-lhe a mão e disse o meu nome; ele me disse o dele e perguntei: “Como vai?” Sei que não se deve fazer esse tipo de pergunta quando não se deseja, realmente, saber a resposta. Eduardo contou-me como ia durante os quarenta e cinco minutos que durou nossa conversa. Seu divórcio era coisa inevitável e sua vida estava em confusão. Ele realmente estava sofrendo e eu o ouvi.

Depois que terminou sua história, Eduardo pediu-me que esperasse porque percebeu outra pessoa, na reunião, que desejava apresentar-me. Continuou trazendo outras pessoas, e essas incluíram seus amigos, até que formamos um grupo de quarenta pessoas num canto conversando, rindo e realmente nos divertindo. Eu fui o último a deixar a festa e, provavelmente, me diverti tanto como qualquer outro, se não mais. O fato de prestar atenção a Eduardo libertou-o e incluiu-o na festa. Ele, por sua vez, incluiu todos os que pôde alcançar no intercâmbio pessoal que se desen-

volveu na casa do meu amigo. Foi estimulante descobrir, naquele coquetel, o tipo de relacionamento que Jesus Cristo devia ter experimentado!

Além de ser ouvido, *todo ser humano precisa de afirmação*. É um erro trágico se eu, em meu relacionamento com os outros, só focalizar os problemas deles. Se o fizer, estarei declarando, verbalmente ou sem palavras, que eles não são pessoas “ajustadas”. A maioria das pessoas, na verdade, carrega dentro de si uma porção desse sentimento de “desajustamento” e age de acordo. Portanto, ver seu valor reconhecido e afirmado como pessoa é extremamente importante em sua caminhada na direção da integridade.

Às vezes uma pessoa pode possuir tão grande quantidade de sentimentos negativos a respeito de si mesma, que não consegue reagir positivamente à afirmação de outro. Pode desviar-se da conversa, pensando: “se você realmente me conhecesse não diria isso”. Serão necessárias atitudes mais fortes para romper um cerco tão negativo. Mas estou convencido, e muitos outros também estão, de que precisamos experimentar um sincero “bem-vindo à raça humana”, procedente de outro ser humano, para podermos sentir que fazemos parte dela. É parte da vontade de Deus para nós que experimentemos da comunidade e participemos, no sentido de estender essa comunidade aos outros!

O reconhecimento positivo da parte dos outros é necessário em qualquer nível da interação humana. Os primeiros anos de nosso casamento foram difíceis, porque, na prática, eu estava casado com minha vocação. Há diferença entre dedicar-se a uma tarefa e estar casado com ela. Meu ministério era extremamente de-

38 *Como vencer nas crises*

safiador e me realizava tanto que fiquei empolgado com ele e perdi de vista minha esposa e suas necessidades como pessoa. Foi uma atitude imatura e egoísta da minha parte, mas foi assim que eu agi.

Certa noite, quando falava sobre “relacionamento familiar”, percebi tudo: não estava praticando o que ensinava. Foi para mim como se alguém acendesse as luzes. O setor de minha cegueira foi subitamente colocado diante de mim em alto-relevo. Deus me dera uma pessoa maravilhosa para amar e partilhar a vida com ela, e eu a aceitara como fato consumado e saíra para “transformar o mundo”.

Naquela noite eu e Verdell tivemos uma longa conversa. Confessei-lhe o meu erro. É preciso reconhecer que o orgulho humano não permite que essa atitude seja fácil de se tomar, mas ao enfrentar nossos erros, abrimos a porta para toda sorte de possibilidades criativas.

Disse à Verdell que a amava mais do que qualquer coisa no mundo, que não poderia viver sem ela e nem sequer desejava fazer uma experiência neste sentido. A esta altura nossa comunicação passou do nível verbal para o nível das lágrimas. Foi maravilhoso chorar juntos e declarar o nosso amor um ao outro, depois de tão longa sequidão. Esta experiência de afirmação deu a Verdell o tipo de segurança em nosso relacionamento de que ela precisava, a fim de superar alguns temores que tinha como esposa de ministro e mãe de nosso primeiro filhinho.

Se consciente ou inconscientemente nos envolvemos tanto na agitação ou na luta de nossa própria vida, que perdemos de vista o significado dos *outros* que nos

rodeiam, o resultado será destruidor. No fim ficaremos *sozinhos*.

É melhor não esperar um despertar assim tão doloroso para perceber que temos de dar aos outros uma afirmação e começar a dar-lhes reconhecimento positivo.

Recentemente testemunhei um milagre agradável sobre o assunto, em um de nossos estudos bíblicos. Antes de começar o estudo, geralmente passamos o tempo conversando de modo informal, uns com os outros, enquanto esperamos os retardatários. Este pequeno período de comunhão, em geral é tão significativo para muitas pessoas quanto o estudo propriamente dito. Durante um destes períodos de comunhão, Ray contou a mim e ao George a decisão que enfrentava quanto a uma transferência de emprego. Um outro banco lhe oferecera uma posição tentadora. A luta era devido ao fato de abandonar um emprego de muita segurança e uma estabilidade de quatorze anos, para aventurar-se em uma nova oportunidade em um banco promissor, porém menor. George reagiu dando a Ray tanta afirmação pessoal que Ray não sabia o que fazer no começo. George disse: "Ray, isto é fantástico, só pelo fato de lhe oferecerem esta posição. É uma prova de que realmente acreditam que você é o homem ideal! Seja qual for sua decisão estou entusiasmado e vou orar enquanto você estiver resolvendo!"

O rosto de Ray se iluminou. Era um outro homem de negócio que o apoiava e dizia: "Estou com você!" Nem é preciso dizer, Ray estava tão receptivo e entusiasmado durante o estudo bíblico que foi um prazer observá-lo. E George estava tão entusiasmado quanto Ray. Eis o que a afirmação faz pelas pessoas — liberta-as para

uma satisfação pessoal e dos outros ao seu redor, como nada mais o fará.

Satisfação mútua de necessidades tem de ser o ponto focal de qualquer relacionamento duradouro. Deus é o único ser completo e suficiente em Si mesmo. Ele não precisa de nada ou de ninguém, exceto quando escolhe precisar de nós, por causa do seu amor por nós. Todos os outros seres, inclusive o homem, são criaturas que têm necessidade e são impulsionados por essas necessidades em busca de realização. Na verdade, toda a vida pode ser considerada de uma perspectiva de atendimento de necessidades. Nossa busca de Deus surge por causa de um vácuo na "forma de Deus" dentro de cada ser humano, que só Deus pode preencher. Nossa fuga de Deus vem como expressão básica de nossa rebeldia, na qual precisamos manter-nos distanciados de Deus para manter nossa existência egocentralizada.

Do berço à sepultura funcionamos devido a um complexo sistema de "necessidades", e dentro de nossa natureza humana sempre há de permanecer um grau de imperfeição. Este sentido de imperfeição não é uma maldição, mas uma bênção. Por causa dele lutamos, explorando o significado mais profundo de nosso próprio ser, de Deus e daqueles com os quais convivemos. O casamento e o nascimento de filhos são expressões da necessidade que temos de intimidade. O trabalho indica parcialmente nossa necessidade de um lugar significativo entre os homens, enquanto o esforço em cultivar amizades expressa nossa necessidade de pertencer. As posições e aquisições que buscamos são esforços para obter poder e segurança.

Procurando compreender-me à luz da fé bíblica e

das reações pessoais, encontrei muitas portas abertas para compreender os outros. As boas-novas da fé cristã significam que a realização pessoal sempre acompanha o contexto da realização mútua. Só poderei resolver adequadamente minhas necessidades quando procurar resolver as dos outros. Não podemos viver neste mundo a sós e, ao mesmo tempo, experimentar qualquer grau de realização.

Dar o “salto da fé”, quando aceitamos Jesus Cristo como Filho de Deus e nosso Salvador, faz que Deus se torne uma realidade viva dentro de nossa experiência e nos dá uma percepção maravilhosa de que já não estamos separados e sozinhos no universo. Aquele que está no centro de toda a realidade e vida habita em nós, e Ele traz consigo possibilidades além de nossos sonhos mais fantásticos! Não obstante, ele não nos liberta da necessidade de mantermos relacionamentos significativos com as outras pessoas. Pelo contrário. Ele intensifica nossa necessidade pelos outros quando nos introduz em Sua família, dando-nos a tarefa de “amar uns aos outros como Ele nos amou”. Na verdade, a única evidência objetiva que temos de que amamos a Deus é nosso amor pelo Seu povo. A única maneira de servi-lo é servindo aos outros (I João). Portanto, seja de que perspectiva for — do homem sem Deus, ou do homem com Deus — o ser humano tem necessidades que só outros seres humanos podem atender. Mas sendo abertos e receptivos ao amor de Deus e à vida que há nele, desenvolvemos enormemente o potencial para relacionamento que produz crescimento.

Mais de uma pessoa que perdeu o seu cônjuge por morte ou divórcio, e que ainda não conseguiu superar a perda, já me disse: “Eu creio em Deus. Por que Ele não

me liberta desta solidão?” Deus pode ajudar-nos, mas Ele jamais assume o lugar de outra pessoa em nossa vida. Ele não tomará o lugar de um esposo ou esposa, o lugar de um filho, de pai, ou de qualquer outra pessoa. Se o fizesse, simplesmente estaria contribuindo para nosso isolamento das outras pessoas. Ele deseja que participemos da comunidade! Ele pode ajudar-nos a sobreviver, curar-nos e prosseguir investindo mais de nós mesmos em outros relacionamentos, mas jamais remove a necessidade de tais relacionamentos.

Há certas *necessidades* que cada relacionamento saudável deve atender, tal como o reconhecimento positivo, a comunicação de sentimentos reais, a preocupação sincera, as transações que produzem crescimento de diversas espécies. E há *necessidades específicas* que devem ser atendidas dentro de cada relacionamento — isto é, marido-mulher; pai-filho; professor-aluno; empregado-empregador — e entre amigos cujo relacionamento estará sempre mudando.

Lembre-se que o crescimento exige que haja um processo mútuo de atendimento de necessidades, que ocorre em todas as ocasiões. Quando o processo é bloqueado, o relacionamento definha e o conflito aumenta.

Uma palavra de advertência — não espere doses iguais no *dar e receber*, dentro de qualquer relacionamento. Não somos robôs mecânicos permutando favores, porém seres humanos que precisam de flexibilidade e liberdade. Hoje, uma pessoa pode dar mais e a outra receber mais. Todavia, todos temos necessidades de dar e receber, quer reconheçamos ou não este fato. Felizmente a posição de dar mais e receber mais vai-se

alternando conforme reagimos diante das necessidades alheias.

Algumas perguntas práticas que podemos fazer a nós mesmos para verificar se nossas “necessidades” estão sendo atendidas são as seguintes: Que necessidades tenho que estão sendo atendidas por este relacionamento? Que necessidade estou atendendo neste relacionamento? Que realização este relacionamento me proporciona? Que posso fazer para torná-lo mais satisfatório?

Não podemos mudar os outros. Estabelecer um curso direto na tentativa de forçar mudanças só aumentará o conflito. Alterando nossas reações e sistema de comportamento, aumentaremos a possibilidade de outros mudarem em face de nossas mudanças. Portanto surge a pergunta principal: Que mudanças criativas posso fazer que atendam às necessidades do outro e ao mesmo tempo operem uma mudança nele?

Há diversos anos, como pastor, descobri como era real a necessidade de fazer mudanças em nós mesmos, como única maneira possível de resolver amargos conflitos. Eu tinha um sonho para a igreja a que servia. O sonho era que a congregação tradicional se tornasse uma comunidade cheia de amor e interessada no apoio de todos os seus membros no mundo. Eu tinha certeza de que esse era o padrão do Novo Testamento, de modo que me entreguei totalmente à realização deste sonho. Um grupo central compreendeu a visão e se transformou numa comunidade de serviço, que a maioria dos membros apoiava e elogiava.

Mas eu nem percebi como o “ministério leigo” podia ser ameaçador e revolucionário para o conceito tradicional de vida da igreja orientado no sentido do clero.

Houve alguns que se rebelaram à idéia de pessoas leigas falarem e assumirem papéis ativos em todos os setores do ministério. Francamente, nem me apercebi de que este grupo estava levando tão a sério o que desejávamos realizar, até que aconteceu um incidente. Falhei na minha sensibilidade. O incidente criou um conflito amargo. Fiquei magoado e zangado, e outros também. Aqueles que foram abençoados, quando se envolveram no ministério, sentiam sinceramente que deviam prosseguir. Aqueles que se sentiram ameaçados e por causa de sua hesitação perderam um pouco da liderança na igreja, sentiam-se igualmente convictos de que devíamos retornar a um padrão mais tradicional.

Todos os nossos esforços de reconciliação fracassaram. As linhas estavam claramente traçadas, e ninguém queria ceder.

Levou algum tempo para que eu examinasse meus próprios sentimentos e percebesse que a única maneira de efetuar uma possível mudança seria eu mudar minhas próprias atitudes. Comecei a compreender por que certos indivíduos se sentiam ameaçados pela nossa atitude orientada para o leigo na vida e no ministério da igreja. Percebi que eu tinha falhado como pastor, não sendo sensível ao que estava acontecendo e portanto, não fora capaz de ouvir aqueles que não concordavam com a situação. Quando, numa mensagem, admiti meu fracasso deixando de ser sensível e de realmente aceitar a fraqueza em mim e nos outros, e falei das esperanças que tinha por causa da graça e do perdão de Deus, as pessoas mudaram. E a pessoa que mais falara sobre a nova direção que a igreja estava tomando, veio me procurar e se desculpou por ter

reagido daquele modo. Confessamo-nos mutuamente e choramos juntos. O alívio que sentimos foi uma coisa maravilhosa.

Não sou tão ingênuo a ponto de pensar que tudo sempre se resolve quando fazemos as devidas mudanças dentro de nós, porque não é o que acontece. Mas tenho certeza de que criamos uma oportunidade muito maior para alterações, quando nós, em primeiro lugar, estamos prontos a mudar de maneira saudável.

Exatamente como há necessidades que só podem ser atendidas por outras pessoas, também há necessidades que só Deus pode suprir. Portanto se tentamos forçar outro ser humano a atender todas as nossas necessidades, o resultado será um conflito ainda maior e uma verdadeira possibilidade de destruir o relacionamento. Devemos nos lembrar de que todas as pessoas têm suas limitações. Exigir demais afasta-as de nós.

Só Deus pode nos dar atenção amorosa vinte e quatro horas por dia. E o Seu amor não tem a tendência de ser indulgente ou de nos mimar.

Cada objetivo que discutimos é apenas uma faceta do amor, pois o amor autêntico é a dinâmica mais abrangente que se conhece no intercâmbio humano. A frase *Ame ou Pereça* diz isso de maneira concisa. Sem amor, todos nós perecemos, e também nossos relacionamentos. No decurso da vida, nossa saúde e felicidade dependem de nossa capacidade de amar e da nossa disposição de permitir que outros nos amem.

Amar e permitir que outros nos amem é mais difícil para alguns do que para outros. Quanto mais amor e segurança recebemos na infância, e quanto mais adequados nossos pais foram neste sentido tanto mais

fácil nos será atrair outros, a partir desta posição franca. Não podemos dar aos outros o que não possuímos. Portanto, é imperativo que primeiro nos coloquemos na posição de receber, para podermos dar em qualquer medida que seja.

Considerando que não escolhemos os pais e não podemos voltar e reviver nenhum setor de nossa vida, será que vamos ficar trancados no determinismo do que aconteceu em nossos primeiros anos? Não!

A capacidade de autodireção e de mudanças que já discutimos anteriormente significa que, embora tenhamos sido profundamente influenciados pelo passado, não somos vítimas dele, sem esperança. Podemos buscar e realmente procuramos outras fontes de amor, e aí está nossa esperança. O amor pode vir a nós por meio de um amigo ou de um cônjuge — ou de um filho, se for o caso. E, se não podemos encontrá-lo, ele pode vir a nós em sua forma mais pura e completa, em Jesus Cristo. A maioria de nós precisa de uma outra pessoa que nos torne o amor de Deus real e aceitável. Mas tenhamos ou não essa pessoa, o Seu amor está aí tentando alcançar-nos através de todos os canais que estão à nossa disposição.

Um homem contou, numa conferência de fim-de-semana, que estando numa cidade estranha, o amor de Deus se tornou real no meio do seu desespero. Fora ao quarto do motel com a intenção de acabar com a vida. Mas percebeu a Bíblia que os Gideões tinham colocado ali, pegou-a e começou a ler. Ao ler, o amor de Deus o envolveu, e ele começou a chorar e orar. Parecia-lhe incrível que o Deus que criara o universo pudesse amá-lo e aceitá-lo. Ele orou: "Deus, se o que estou lendo é real, ajude-me!"

Essa oração transformou a vida dele. Sentiu o amor e o perdão de Deus como nunca, e recebeu esperanças que desfizeram as trevas que tinham roubado o seu desejo de viver. O entusiasmo que irradiava dele depois, quando contava sua história, deu-nos a certeza de que Deus nos amava por meio dele.

Tenho observado Bob McGhee, um líder da mocidade em Dallas, levando dezenas de colegiais a Cristo, amando-os. Ele se dedica àqueles jovens. Identifica-se com eles indo aos jogos e aos lugares que eles frequentam. Conversa com eles, ouve-os e atende as necessidades que eles lhe apresentam da melhor maneira possível. Depois de ganhar o direito de ser ouvido, fala de sua fé. Eles o ouvem porque sabem que ele se interessa por eles. Essa é a maneira de apresentarmos nossa fé e ver resultados. A maior descrição de amor na literatura declara que

o amor é muito paciente e bondoso, nunca é invejoso ou ciumento, nunca é presunçoso nem orgulhoso, nunca é arrogante, nem egoísta, nem tampouco rude. O amor não exige que se faça o que ele quer. Não é irritadiço, nem melindroso. Não guarda rancor e dificilmente notará o mal que outros lhe fazem. Nunca está satisfeito com a injustiça, mas se alegra quando a verdade triunfa. Se você amar alguém, será leal para com ele, custe o que custar. Sempre acreditará nele, sempre esperará o melhor dele, e sempre se manterá em sua defesa. (1 Coríntios 13:4-7, *O Novo Testamento Vivo*)

Só Deus pode amar assim! É verdade. Mas, na medida em que tornamos o *amor* um alvo viável em nossos

48 *Como vencer nas crises*

relacionamentos, aumentamos o potencial criativo nesses relacionamentos, além da medida.

Se você pedir a Deus que lhe dê um dom, peça *o dom do amor*, pois é o maior de todos e traz consigo uma qualidade de vida que abençoa e liberta mais pessoas do que todos os outros dons juntos.

3. PONDO LENHA NA FOGUEIRA

EM TODO RELACIONAMENTO importante o conflito é inevitável. Quanto mais íntimo o relacionamento, maior a frequência de conflitos. Todos nós temos arestas que machucam os outros ocasionalmente. Cometemos erros, achamos que temos direitos, agimos de acordo com variados graus de egoísmo, e temos falta de discernimento que, às vezes, nos tornam pessoas de difícil relacionamento. Além disso, conflitos podem surgir só porque as pessoas são diferentes — diferentes no modo de pensar, sentimentos, reações, necessidades e expectativas. Portanto a presença de conflitos não significa, necessariamente, que um ou ambos estão errados. Ninguém precisa sentir-se culpado por causa de cada conflito que surge.

É importante lembrar que nem todos os conflitos são maus. São apenas uma realidade que aparece em algum ponto dentro de cada relacionamento de qualquer duração. *O importante não é se vamos ter um conflito, mas como o resolveremos quando surgir.* Qual será nossa atitude para com a outra pessoa ou pessoas envolvidas? O desentendimento vai facilitar o crescimento ou destruir o laço que nos une? A escolha é nossa.

A maioria de nós, provavelmente, não tem consciência de como reagimos ao enfrentar um conflito pessoal. Simplesmente seguimos padrões que recebemos de

nossos pais-modelos ou de um sistema de tentativas e erros usado através dos anos. Mas como em qualquer outro aspecto da vida, quanto mais *conhecimento* temos de nós mesmos e do que estamos fazendo, tanto maiores são as nossas oportunidades de vencer. Esta é uma das maiores vantagens de se buscar o conselho de uma terceira pessoa — alguém que possa ser suficientemente objetivo para nos ajudar a entender onde estamos e o que estamos fazendo no sentido de bloquear qualquer solução.

Damos a seguir algumas reações típicas que servem apenas para piorar as coisas em qualquer conflito que se apresente. São apresentadas não para que possamos julgar os outros, mas para estimular uma análise de nossas próprias reações e incentivar mudanças onde forem necessárias.

Atacar a pessoa em vez de atacar o problema acontece com alarmante regularidade quando o desentendimento se dá entre dois indivíduos. E podemos nos tornar muito hábeis nesta arte com um mínimo de prática.

A questão pode ser de finanças familiares, disciplina ou qualquer outro dentre uma multidão de problemas pessoais. Em vez de enfrentar o assunto francamente e resolvê-lo, atacamos o auto-respeito da outra pessoa e a guerra é declarada.

Eis alguns exemplos comuns:

1. Xingar: "Você é burro", ou "Você pensa mesmo que é o machão".
2. Lembrar à outra pessoa todos os erros que já cometeu.
3. Declarar que o único erro que você já come-

teu foi o de um dia ter-se envolvido com a outra pessoa.

4. Identificá-la com outra pessoa para desvalorizá-la — “Você é exatamente como seu pai”.

5. Fazer perguntas sarcásticas: — “Quando é que você vai crescer e agir como adulto?”

Afastar-se da pessoa *recusando-se a falar sobre a situação*, também não ajuda. Isto pode ser feito com uma só declaração — “Não quero falar sobre isto” —, com uma palavra de imprecisão, um olhar, ou o silêncio. O que se transmite com esta atitude é o sentimento de que o problema, embora exista, não é suficientemente importante para ser discutido, ou que o sentimento da outra pessoa não é bastante importante naquele momento para se falar sobre o assunto. De qualquer forma, é um menosprezo que desperta vigorosa hostilidade.

O exagero atrapalha a comunicação criativa. Intercalar expressões tais como “nunca” e “sempre”, torna o problema muito maior do que qualquer incidente particular que o tenha desencadeado. “Você nunca faz nada certo” ou “Você sempre estraga tudo” atrai para o relacionamento outros assuntos desagradáveis, reais ou imaginários. E isto é demais para ser resolvido de uma só vez.

Além disso, os problemas de qualquer conflito doloroso têm uma tendência de crescer na mente e nas emoções das partes envolvidas. Pegamos os fatos visíveis e acrescentamos nossos próprios sentimentos, com resultados devastadores, às vezes. *Fatos mais sentimentos* podem provocar os mesmos desastres em

qualquer relacionamento, se as pessoas envolvidas não tiverem um bom grau de saúde emocional.

Uma pessoa com um ego fraco pode sentir-se ameaçada pelo conflito, por isso começa a imaginar que a outra quer acabar com ela, com seu emprego, sua reputação, ou qualquer coisa que ela preze. A pessoa nesta situação vê, em cada palavra ou gesto, atitudes negativas que são criadas pelos seus próprios sentimentos. Enquanto não recuperar um pouco de senso de valor e segurança, não poderá resolver o seu conflito de maneira realista.

Lembro-me de um jovem que veio me procurar em total desespero. No ano anterior sentira-se atraído por duas jovens. Tendo convidado cada uma delas para sair e sendo recusado, disse-me que era tão pouco atraente que, provavelmente, nunca iria encontrar uma jovem que se casasse com ele. É uma expressão típica de uma reação exagerada, diante de uma forma de rejeição leve, mas real.

A autojustificação impede qualquer resolução sadia em uma briga. Fazer do nosso comportamento irresponsável uma virtude, em vez de uma falha de caráter, por meio de desculpas e implicações de que a culpa está em algum outro lugar, é desviar nossa atenção do verdadeiro problema. Esta atitude pode ser expressa assim: "Eu estou bem, mas você não; ou eles, não; ou a situação". O indivíduo assume a posição de vítima em lugar de vilão: "Você me fez isso", ou "Eles me fizeram isso", ou "As circunstâncias me fizeram assim".

A autojustificação também pode expressar os esforços do indivíduo no sentido de esconder seus próprios sentimentos de inadequação. Transforma-se, pois, numa tentativa de sobreviver na situação. Você, alguma

vez, não apontou a fraqueza de outra pessoa para não parecer tão mau quanto ela?

A autopiedade põe lenha na fogueira do conflito para ambos, tanto no caso do que a expressa como do outro que a enfrenta. Sentir pena de si mesmo realmente não ajuda em situação alguma. Contudo é tão fácil cair nesta órbita de “coitadinho-de-mim”, “só-comigo-acontece”, “ninguém-entende”, “ninguém-liga”, “ninguém-me-dá-valor”, “nunca-ninguém-passou-por-isso”. Mas a autopiedade é como areia movediça — quanto mais nos revolvemos nela, mais nos afundamos e mais nos afastamos de qualquer ajuda ou cura real. Não existe um meio de compreendermos outra pessoa ou colocar-nos em seu lugar, enquanto estivermos trancados em nossa piedade. Assim, não temos condições de passar até mesmo pelas menores irritações. E a pessoa que nos enfrenta nesse estado, provavelmente, vai ficar com raiva ou se cansar de nós.

Resumindo, podemos dizer que quanto mais egoístas são nossas atitudes e interesses em certo relacionamento, mais combustível temos para destruir-nos mutuamente.

Deus nos deu a sabedoria de sermos sensíveis para com os outros e a coragem para mudarmos nossas próprias reações destrutivas.

4. SUBSTITUTOS DA INTIMIDADE

TODO SER HUMANO tem uma profunda necessidade de intimidade. Fomos criados, não para o isolamento, mas para a comunidade. E dentro da comunidade humana deve haver uma pessoa ou mais com as quais podemos relacionar-nos mais intimamente. Sem tais relacionamentos a vida fica estéril e irrealizada. Estar na companhia de outra pessoa que nos permite a liberdade de explorar vastas dimensões de nosso próprio ser, e que se junta nessa exploração convidando-nos a partilhar de suas mais íntimas descobertas, é tocar no milagre da vida propriamente dita.

É muito estranho, mas além desta necessidade de intimidade, há também um *temor dela*. As fontes deste temor são variadas, mas antes de tudo ele faz parte de nosso afastamento de Deus. Toda a vida dá testemunho da nossa *dependência de algo ou de alguém* fora de nós mesmos para podermos viver. Nossa constante afirmação de independência — isto é, assumindo o papel de Deus para conosco e tentando fazê-lo com os outros, deixa-nos com um constrangimento que não pode evitar que tenhamos medo da intimidade. Até que se inverta esta posição e a dependência de Deus seja estabelecida, não temos fundamentos seguros dos quais possamos partir para a intimidade.

A culpa é outra poderosa fonte de temor. Há uma história no Antigo Testamento que ilustra admiravel-

mente o poder da culpa de produzir temor. Em Levítico 26, o Senhor declara que se o povo lhe obedecesse e fizesse o que era reto, seria capaz de derrotar seus inimigos. "Cinco de vocês perseguirão uma centena, e uma centena de vocês, dez mil! Vocês derrotarão todos os seus inimigos . . . Eu andarei entre vocês e serei o seu Deus, e vocês serão o meu povo" (Levítico 26:8, 12, The Living Bible). Depois o Senhor declara que, caso se rebelassem contra ele e andassem pelos seus próprios caminhos egoístas, parte do seu julgamento seria que "vocês fugirão até mesmo quando ninguém os estiver perseguindo!" (Levítico 26:17).

A consciência limpa aumenta a coragem, mas a consciência dirigida pela culpa multiplica o medo. Um temor que a culpa fomenta é *o temor de ser descoberto*. Como podemos aproximar-nos de outra pessoa se temos medo de expor-nos?

A verdadeira culpa só pode ser resolvida confessando o erro a Deus e, quando cabível, à pessoa que ofendemos, pedindo-lhe perdão. Lembre-se, confessar é mais do que simplesmente reconhecer a situação. É concordar com Deus em relação ao erro e estar pronto a ser curado, para não tornar a repetir o mesmo erro. Então é preciso dar o segundo passo e perdoar-nos a nós mesmos. Isto abre o caminho para que floresçam os relacionamentos íntimos.

A terceira origem para o *temor da intimidade* é a rejeição que já experimentamos. Em casa e entre os amigos, a rejeição sempre vem como um golpe devastador. Ter pais que foram capazes de transmitir aceitação e amor é um trunfo tremendo e nos prepara para nossa caminhada através da vida. Amigos e professores que nos proporcionaram este mesmo sentimento de

segurança, e que trataram nossos erros de maneira realista sem nos transmitir rejeição, foram para nós bênção muito além do que podemos perceber. Mas se não tivemos relacionamentos predominantemente positivos em nossa infância, ou se passamos por uma experiência esmagadora de rejeição como, por exemplo, um divórcio, perda de emprego ou de um amigo íntimo, podemos muito bem ter receio de ser novamente magoados. Se este é o caso, é preciso reconhecer o medo, dar-nos tempo para recuperação parcial, e depois obrigar-nos, se necessário, a dar passos definidos na direção de um envolvimento profundo com algumas das pessoas que merecem nossa confiança.

Se fracassarmos em resolver nosso temor da intimidade, talvez busquemos substitutos. A intimidade e o amor estão de tal modo interligados e são tão essenciais à vida que não podem ser separados ou substituídos. Portanto, qualquer tentativa de substituí-los será prejudicial à pessoa e aos seus relacionamentos.

Não é raro descobrir que podemos estar substituindo a intimidade pelo poder. Esta luta surge mais facilmente dentro da família ou da estrutura organizacional, que vai desde a realização de um negócio até um clube social. Sempre que houver oportunidade de se exercer controle sobre outra pessoa em qualquer nível, haverá a tentação de optar pelo poder em vez da intimidade.

Abusar das crianças é uma expressão extrema deste mal. O pai é maior e sente que tem o direito de mandar a criança fazer a vontade dele, seja qual for a quantidade de força que precise empregar.

Um marido pode tornar-se extremamente dominante, como resultado do seu temor à intimidade.

Controlando totalmente os passos e os pensamentos da esposa ele acha que pode obter a intimidade pela qual anseia.

O chefe de uma firma pode empregar controle de ferro para fugir ao contato humano com os seus subordinados. Pode honestamente acreditar que, se puder lidar com o seu pessoal sem envolvimento íntimo, obterá mais resultados. Mas será que qualquer realização vale o isolamento que vem do trabalho executado ao lado de pessoas durante anos, sem ao menos permitir que elas nos toquem? Qual é a verdadeira realização de um homem — atingir um alvo materialista? Exercer o poder sobre os outros? Viver a vida da maneira mais plena? Naturalmente, cada um deve responder à pergunta por si mesmo, mas seja qual for a sua resposta, a necessidade de intimidade permanece.

Tentar dominar outra pessoa é um substituto pobre para a intimidade. Somos tentados a tratar os outros como se nos pertencessem, como se fossem parte de nossas propriedades. Com isto, reduzimo-los mentalmente a um objeto que possuímos, em lugar de um ser humano, singular e com potencial infinito. Isto pode influenciar sua auto-imagem a tal ponto que ele se veja como pessoa de pouco valor. Ou, então, ele pode ressentir-se de nós, afastando-se tão-logo o consiga. Pode até mesmo vingar-se devido à amargura.

Transformar as pessoas em propriedade pode acontecer em qualquer relacionamento, mas com mais freqüência acontece entre pais e filhos. Podemos relacionar-nos com os filhos como se eles fossem simplesmente extensões de nós mesmos, ignorando por completo o fato de que têm mente e personalidade exclusivamente deles.

Recentemente fui consultado por um homem que apresentou como problema um profundo sentimento de desespero. Ao falar sobre a situação, tornou-se óbvio que durante anos desenvolvera uma hostilidade contra o pai. O pai sempre se dedicara a preparar um lugar para o filho, um lugar onde pudesse ele mesmo continuar tomando as decisões importantes. O filho jamais fora ouvido ou levado a sério como pessoa. Estava a ponto de explodir, mas não compreendia por que se sentia assim. Aceitara a imagem que o pai tinha dele e vivia fielmente o seu papel, mas dentro dele havia uma guerra que se alastrava. Sentia necessidade de libertar-se e ser dono de si mesmo, mas como poderia contrariar os sonhos de um pai que o “amava” tanto?

Quando sugeri que falasse com o pai sobre seus sentimentos e a necessidade de fazer alguma coisa por si mesmo, respondeu: “Não posso, não temos intimidade!” Não, não tinham intimidade. Ele jamais perguntara ao filho quais eram suas idéias ou sentimentos, mas imaginava que conhecia o filho e sabia o que era melhor para ele.

Um dos grandes presentes que podemos dar aos filhos é aceitar sua singularidade, juntando-nos a eles para libertar sua criatividade e potencial.

A manipulação é um substituto mortal da intimidade. Definimos *manipulação* como uma transação interpessoal, na qual uma ou ambas as pessoas envolvidas têm um motivo oculto. Eric Berne identifica este procedimento como “jogo”: “É socialmente programado no sentido de seguir uma seqüência automática, previsível. A intimidade começa quando os relacionamentos se tornam não-manipuláveis, quando perdem suas motivações secretas e se tornam individualmente pro-

gramados" (*The Intimate Marriage*, Howard J. e Charlotte H. Clinebell pág.56).

Cristo acusou os líderes religiosos do seu tempo de falsidade inerente aos seus jogos. Disse-lhes: "Porque eles não fazem o que mandam vocês fazerem. Exigem de vocês coisas impossíveis que eles nem tentam observar. Tudo o que fazem é para se mostrar" (Mateus 23:3b-5a, *O Novo Testamento Vivo*). Jesus sabia que a manipulação sempre leva à exploração.

Sobrecarregar as pessoas sob qualquer pretexto impede um intercâmbio autêntico. A *honestidade* e a *sinceridade* são essenciais para os relacionamentos duradouros. Quando os discípulos discutiram sobre quem seria o maior no reino, "Jesus chamou para perto dele uma criancinha, e a colocou no meio deles; depois disse: 'Se vocês não se voltarem dos seus pecados para Deus e não se tornarem como criancinhas, nunca entrarão no Reino dos Céus'" (Mateus 18:2,3, *O Novo Testamento Vivo*). A criancinha representava humildade, franqueza e espontaneidade. As crianças têm uma maneira de encarar os fatos de frente. Quando querem saber alguma coisa, perguntam. Têm candura suficiente para que se perceba, se prestarmos atenção, o que estão pensando e por quê. As crianças são modelos excelentes do tipo de honestidade de que precisamos em cada relacionamento significativo.

A *hipersocialização* é um impedimento para a *intimidade* e caracteriza-se pelos contatos superficiais com um número impressionante de amizades fortuitas. Tentar conhecer todo mundo, na realidade pode acabar em não conhecer ninguém. O amor e a intimidade, para crescer, exigem tempo e cuidados. Portanto, não podemos construir ao mesmo tempo relacionamentos

profundos com um grande número de pessoas. Mas quanto mais profundo a nossa experiência com algumas poucas pessoas, tanto mais equipados estaremos para relacionar-nos significativamente com um círculo maior de amizades.

Um amigo, que está assumindo um compromisso sério com Cristo, participou a um de nossos grupos que seu círculo de amigos se estreitou muito, desde que se tornou cristão. Antes tentava estabelecer amizades casuais com o maior número possível de pessoas. Mas admitiu que não tinha realmente amigos íntimos. Agora, ele e a sua esposa estão aprendendo a andar com alguns poucos casais que estão se entregando totalmente a Cristo. Amizades verdadeiras se desenvolveram e, com o apoio desta comunidade menor, estão se tornando cada vez mais eficientes em alcançar a comunidade maior de maneira significativa.

Cristo nos deu o exemplo quando se derramou a si mesmo primeiramente na vida de doze homens. Em lugar de procurar influenciar todos de modo superficial, influenciou profundamente alguns homens, o que foi bastante para mudar o curso da História e o destino, não só daqueles doze homens, mas também de muitos outros que o têm seguido.

Você tem uma outra pessoa ou, melhor ainda, um grupo de apoio com o qual está formando relacionamentos profundos? Se não tem, peça ao Senhor que o ajude a encontrar ou começar um grupo assim. Procure pessoas que estão sofrendo ou que, pelo menos, estão procurando algo mais do que têm. Os insatisfeitos podem constituir solo fértil para a vida nova.

5. CONTROLANDO SUAS EMOÇÕES

O CONFLITO DESENCADEIA fortes emoções em todos nós. Mas, considerando que todos nós possuímos uma história unicamente nossa e que temos nossa própria e peculiar sensibilidade e padrões de reação, não sentimos necessariamente as mesmas coisas quando enfrentamos o conflito. Presumir que os outros sentem o mesmo que nós, ou insistir em que sua estrutura emocional seja uma duplicata da nossa, pode ser um erro fatal — o golpe de morte no desenvolvimento de um relacionamento profundo.

Conheci um homem que tinha as melhores intenções, mas porque não permitia que outros sentissem as coisas de modo diferente do seu, sempre impedia qualquer participação que envolvesse risco nos pequenos grupos que liderava. Embora estivesse totalmente inconsciente do efeito prejudicial que provocava, pessoas pouco seguras quanto à sua própria identidade ou caminho a seguir tinham medo de falar em sua presença sobre seus sentimentos de incerteza, e às vezes negativos. O que ele transmitia era *aceitação condicional*. Ele só aceitava aqueles que, de sua perspectiva agressiva, entregavam sua vida a Cristo. A pessoa que tentasse descobrir quem ele era ou o que tinha para transmitir, sentia-se terrivelmente desajeitada naquelas circunstâncias e não conseguia falar de seus verdadeiros sentimentos. O líder sentia-se bem quanto

às reações positivas que obtinha do grupo, mas alguns dos participantes afastaram-se por sentirem-se rejeitados ou culpados, pela falta de compreensão mútua. A interação, que tinha o propósito de facilitar descobertas e o crescimento, na verdade era um impedimento para ambos e as pretendidas bênçãos se transformavam em uma espécie de maldição. Os participantes sentiam-se julgados e condenados, em vez de compreendidos e amados.

Uma atitude de julgamento produz desespero, enquanto a compreensão cria esperanças. É difícil lembrar, se não mantivermos nossas próprias necessidades em foco, que as profundezas do coração humano só se revelam ao amor. Esta é a razão por que as pessoas que se encontravam com Cristo sentiam-se com liberdade para demonstrar seus verdadeiros sentimentos e fazer perguntas sinceras. Sua missão não era de condenação, mas de esperança!

O primeiro passo para a expressão aceitável de nossas emoções é a disposição de tomar consciência do que estamos sentindo e por que estamos sentindo. Ao escrever este capítulo descobri o *porquê* de alguns sentimentos com os quais lutava havia diversos anos. Cheguei a Dallas há uma década com uma visão — a de criar uma comunidade cristã que pudesse libertar os dons e potencial de seus membros para o ministério no mundo e para o mundo. Ao mesmo tempo, este grupo se tornaria um modelo autêntico para o círculo mais amplo de crentes que desejassem complementar de verdade o corpo de Cristo no mundo.

Eu não estava interessado na maneira monástica ou comunal de criar uma comunidade. Eu não pretendia arrancar as pessoas do mundo, mas criar uma comu-

nidade no meio das lutas diárias, que servisse de fermento para todo empreendimento humano. Por causa disto tenho dispensado muito tempo à área comercial desta cidade. Onde as pessoas vivem é o lugar onde se deve sentir o poder libertador de Cristo e do seu povo. E isto tem de ser sentido em palavras e atos! Falar sobre o amor de Cristo sem personificar o amor ou a integridade é negar a mensagem. Não o que podemos dizer, ser ou fazer com perfeição, mas sermos autênticos em nosso andar com Cristo e em nossa preocupação pelos outros é que torna aceitável a mensagem do evangelho. Em humildade, reconhecendo nossas faltas e falhas, podemos falar de nossa esperança àquela parte do mundo com a qual entramos em contato.

O foco de minha luta emocional era minha crescente resistência em proclamar esta visão ao mundo. Amigos que se envolveram em nosso ministério continuavam insistindo em que fizéssemos propaganda da organização em toda parte. Eu me opunha fortemente, mas não conseguia entender o porquê. Tinha certeza de que o motivo era mais do que minha inclinação natural de resistir ao papel de “propagandista religioso”. Queria partilhar a visão mas não fazer propaganda da organização, para que outros se juntassem a nós como se fosse a melhor maneira de experimentar comunhão. Lentamente descobri que meus sentimentos ambivalentes vinham de transformações que se operavam em mim. Esta percepção e aceitação de meus sentimentos diminuíram a confusão.

Aliviado das pressões de eu mesmo criar, promover, ou apoiar uma comunidade, sentia-me verdadeiramente livre. Minha visão permanecia, mas meu método mudou.

Não estou me esforçando tanto quanto antes para que *surja essa comunidade*. Antes, estou tentando deixar que *aconteça*, participando e observando em lugar de criar. Descobri que Deus deve se aborrecer com sonhadores visionários: nossos sonhos podem deixar-nos orgulhosos e pretensiosos.

O homem que cria um ideal visionário de comunidade exige que esse ideal seja realizado por Deus, pelos outros, e por ele mesmo. Entra na comunidade de cristãos com suas exigências, estabelece sua própria lei, e julga os irmãos e o próprio Deus segundo suas próprias concepções. Permanece inflexível, uma repreensão viva a todos os outros no círculo dos irmãos. Age como se fosse o criador da comunidade cristã, como se o seu sonho ligasse os homens. Quando as coisas não acontecem como deseja, diz que o esforço foi um fracasso. Quando o quadro do seu ideal é destruído, vê a comunidade despedaçar-se. Assim, ele se transforma, primeiro, em um acusador dos seus irmãos, depois, um acusador de Deus e, finalmente, o desesperado acusador de si mesmo (*Life Together*, Dietrich Bonhoeffer, págs. 27-28).

Deus cria a comunidade. Só ele tem poder para ligar os homens uns aos outros. E só ele pode julgar o sucesso ou o fracasso de qualquer empreendimento. É precisamente esta convicção que me dá um sentimento terrivelmente incômodo, quando sou convocado para falar sobre as “grandes coisas que Deus está fazendo” por intermédio da nossa organização.

A “Christian Concern Foundation” tem sido uma das

aventuras mais emocionantes, criativas e visivelmente produtivas de minha vida e ministério. Contudo, só posso dar testemunho de como Deus me tocou e aos outros que participaram comigo neste ministério. É um sucesso aos meus olhos, mas essa é uma avaliação egoísta e subjetiva. Cada pessoa que participou desta associação terá de fazer a sua própria avaliação, embora a estimativa final deva ser feita só por Deus.

Atingir a perspectiva acima foi uma das experiências mais libertadoras de minha vida. Torna cada um de nós responsável pela obediência a Cristo, mas não responsável pelo resultado de um ministério maior do que todos os nossos ministérios em conjunto. Precisamos de uma visão de Deus em nosso ministério, mas precisamos também tomar cuidado para que essa visão não se transforme em nosso deus.

Os homens que foram os instrumentos no começo deste ministério experimental concordaram em que nossa missão era de proclamar as boas-novas de Cristo e não as boas-novas de uma organização. Aqueles homens e outros que vieram depois permaneceram fiéis ao compromisso.

Da próxima vez em que você descobrir que foi apalhado ou está em vias de se envolver em um conflito, pergunte a si mesmo: *O que estou sentindo?* Quando você tiver passado pela experiência, reflita sobre as diferentes emoções que vieram à tona e pergunte: *Por que me senti assim? O que foi que provocou esta emoção e aquela emoção?* Isto vai ajudá-lo a entrar em contato com seus sentimentos e vai capacitá-lo a descobrir o *porquê* do seu padrão de reação. Outro exercício bom que vai ajudá-lo a tomar consciência das emoções envolvidas é reservar trinta minutos mais ou

menos no final do dia e pensar nas pessoas e nos acontecimentos daquele dia. Tente focalizar o modo pelo qual você se sentiu nas diferentes situações com diferentes pessoas. Veja se consegue descobrir *por que* reagiu daquela forma. As respostas podem vir devagar, mas virão quando você tomar consciência da operação interna do mundo de seus próprios sentimentos.

Nosso modo de reagir é o resultado de nosso temperamento e condicionamento. A maneira pela qual nossos pais-modelos resolveram conflitos e a maneira pela qual lidaram conosco darão forma às nossas reações, mais do que qualquer outra coisa. Se eles foram inclinados a explosões de mau gênio e permitiram que agíssemos da mesma forma, podemos esperar que haja um impulso quase irresistível de agir assim quando estivermos com raiva. Se eles sufocavam a raiva e a desabafavam por outros meios, podemos esperar sentir a mesma inclinação.

Devo lembrar que todo o meu ser se envolve em tudo que experimento, inclusive o conflito. Por isso, é importante que eu tome consciência do que aparece em mim, a fim de começar a dirigir criativamente minhas emoções. Qual a emoção que preciso controlar? Por que tenho esse impulso forte que me leva a agir desta determinada maneira? Uma vez reconhecido o padrão e sabendo o que tenho de enfrentar, posso começar a planejar passos deliberados que alteram as reações pouco sadias que se desenvolveram.

As duas emoções que mais freqüentemente vêm à tona em um conflito são a ira e a dor. Podemos zangar-nos porque nos sentimos ameaçados ou porque sentimos que outra pessoa está tentando aproveitar-se de nós, dominar-nos, culpar-nos ou por causa de uma

dúzia de outros motivos. Podemos expressar nossa hostilidade explodindo e dizendo umas verdades à outra pessoa, ou afastando-nos para evitar exageros, ou mediante uma combinação destas ou outras reações.

Podemos sofrer porque sentimos que não somos amados ou por falta de afirmação; as questões que a outra pessoa levantou, implicitamente põem em dúvida nosso conhecimento, nossas ações, ou nossos motivos. Uma pessoa com falta de auto-estima inclina-se a experimentar sentimentos de mágoa quando confrontada. Mas uma pessoa que tenha um exagerado sentimento de sua importância, pode realmente sentir-se enfurecida pela audácia de alguém que discorda dela. A ira e a mágoa podem ser devastadoras se não forem devidamente enfrentadas. Negar a presença de uma ou outra emoção, quando ela realmente existe, leva o conflito para uma posição mais profunda. Clinebell declara com propriedade que tal atitude é como armazenar dinamite no porão de uma casa. Por outro lado, permitir irrupções descontroladas dessas emoções afasta todas as pessoas envolvidas. Precisamos escolher entre duas atitudes antes de ter qualquer esperança de mudar estes fortes transtornos emocionais. *Pretendo sempre vencer no conflito? Ou, Pretendo relacionar-me de maneira significativa com meu cônjuge, patrão, amigo, ou qualquer pessoa com a qual estou experimentando dificuldades?* Alguns de nós estamos tão empenhados em defender-nos que a outra pessoa não tem oportunidade de lutar conosco criativamente. Esta posição é destrutiva para todos os envolvidos. E a vocação de Cristo, neste ponto, fala bem alto. Cristo disse: "O meu mandamento é este, que vos ameis

uns aos outros, assim como eu vos amei" (João 15:12, Almeida). Ter obrigações para com Cristo é ter obrigações para com o povo dele. Isto não significa que nunca ficaremos zangados. Pelo contrário: a pessoa que não consegue ter raiva não pode sentir amor. Cristo expressou ira diante dos fariseus (Mateus 23), com Pedro (Mateus 16:23), com os cambistas no templo que estavam explorando o povo (Mateus 21:12, 13) e com os que trataram mal as criancinhas (Mateus 18:6).

A ira pode ser uma força positiva ou destrutiva. Nossa preocupação aqui é que podemos assumir seriamente nossa obrigação de aprender como podemos preocupar-nos genuinamente com os outros e como procurar expressar nossa ira de maneira positiva. Expressar ira pode clarear o ambiente; pode ajudar a manter um relacionamento sincero recusando aceitar a manipulação, ou que alguém se aproveite de nós, ou que não nos trate como gente. Nada há de mal em dizer: "Acho que você não está me levando a sério." Ou: "Acho que você não está sendo sincero comigo." Fazendo assim, você está expressando um sentimento que pode ou não refletir exatamente a verdadeira situação. Mas seus sentimentos são claros e os dois podem examinar a situação juntos. Pelo menos há algumas possibilidades criativas em uma discussão sincera, ao passo que manter a boca fechada e ruminar o assunto produz dores de cabeça, úlceras e espírito crítico.

Podemos ter tanto medo de conflitos que fugimos deles a todo custo. Podemos precisar tanto de aceitação que não podemos arriscar-nos a ser rejeitados em qualquer espécie de confronto. Se esse for o caso, então descobrimos um assunto que precisa desesperada-

mente de cura. *À medida que a nossa base de segurança se tornar mais firme, teremos menos medo de possíveis conflitos.* Peça ao Cristo vivo que lhe dê um profundo sentimento de sua aceitação, e continue pedindo até recebê-lo.

Ao mesmo tempo, resolva dar alguns passos no sentido de arriscar-se mais com uma ou mais pessoas que você tem razoável certeza de que gostam de você. Nenhum ser humano pode dar-nos amor incondicional e aceitação o tempo todo, mas pode fazê-lo por algum tempo. Qualquer grau de aceitação nos capacita a abrir-nos mais completamente a Cristo, que nos dá sempre esta qualidade perfeita de amor estável.

Às vezes nossas emoções podem ficar tão fora de controle que precisamos de ajuda para entendê-las e lidar com elas. Reconhecer este fato e fazer alguma coisa, é sinal de força pessoal, não de fraqueza. Podemos agradecer a Deus porque há profissionais que podem ajudar-nos nesse sentido. E eu poderia acrescentar que, para o cristão, procurar um conselheiro nesse sentido não é mais tolo do que ir ao dentista quando se está com dor de dentes, ou ao médico quando se está doente. Às vezes ficamos emaranhados numa rotina negativa e precisamos da ajuda de Deus, mediante um dos seus servos, a fim de nos libertar e respirar novamente o ar puro da reação positiva.

Minha esposa me ajudou, incontável número de vezes, a acabar com alguns de meus padrões de reação negativa. E sinto-me profundamente grato a um velho amigo que ouve a maioria de minhas alegrias e sofrimentos e permite que eu lute e cresça. Temos servido um ao outro neste sentido e somos como irmãos. Às vezes um amigo sensível, que se importa conosco, pode

dar-nos toda a ajuda de que precisamos. Outras vezes é possível que precisemos de um profissional. Estar pronto a procurar auxílio adequado é sinal de bom julgamento e não de fraqueza. Uma regra prática: Se não conseguimos compreender o que se passa dentro de nós, e as pessoas que são importantes para nós não podem ajudar-nos a fugir de nosso problema, então, haja o que houver, precisamos procurar alguém credenciado e que seja competente. Muitas vezes o cônjuge ou o amigo podem estar tão desanimados que não podem ajudar. Estou convencido de que muitos casamentos poderiam ter sido salvos se o aconselhamento profissional tivesse sido procurado mais cedo.

Há diversos passos importantes que devemos considerar quando enfrentamos um conflito.

1. Pergunte a si mesmo se a ira ou qualquer outra mensagem negativa que está recebendo destina-se a você ou a uma outra pessoa. A maneira pela qual interpretamos uma experiência determina nossa reação para com ela. Se o seu marido chega em casa e grita com você e se você toma seus gritos como ira não justificada para com você, não há maneira de deixar de ficar sentida com a atitude dele. Mas se você soubesse que o patrão gritou com ele o dia inteiro, e teve de agüentar a chateação de dois ou três clientes. Se você reconhecesse que aqueles gritos são destinados a eles e não a você, sem dúvida seria mais fácil manter-se calma e não receber a reação dele como afronta pessoal.

Você pergunta: "Como posso saber a quem se destina a sua ira?" Bem, você pode descobrir antes de começar a guerra. O marido ou esposa pode perguntar àquele que está agindo negativamente: "Há alguma coisa sobre a qual precisamos conversar?" Ou qualquer

outra pergunta aceitável que dê lugar à comunicação. Isto dará ao outro uma oportunidade de concentrar sua ira naquilo que o perturba e não na pessoa amada de quem precisa tanto naquele momento.

É realmente espantoso quantas cenas poderiam ser evitadas mediante uma conversa calma, para descobrir o que está acontecendo com o outro. Você pode descobrir que não há motivos para se pôr na defensiva ou mostrar-se hostil. Minha esposa já me acalmou deste modo mais de uma vez e temos podido rir em vez de brigar. O resultado é uma intimidade agradável em vez de discórdia.

A chave está em usar a cabeça antes de usar a boca.

2. Examine-se para ver se o problema é você mesmo. Todos nós temos a tendência de supor certas coisas a respeito dos outros e por isso esperamos que ajam de acordo com nossas suposições. Traçamos quadros mentais do que desejamos ou precisamos que os outros sejam e geralmente insistimos em que se ajustem às nossas expectativas. O problema surge quando tornamos a outra pessoa responsável pelas nossas ilusões. Não devemos tornar a outra pessoa prisioneira de nossas expectativas. Antes, devemos permanecer abertos à sua auto-revelação para podermos desenvolver um relacionamento com a pessoa real e não com uma imagem em nossa mente. Mesmo se já temos um quadro exato da pessoa, devemos deixá-la livre para mudar, o que é natural à própria vida. Uma olhadela num álbum de fotografias da família nos convence da realidade da mudança física, embora cada retrato fosse fiel na ocasião. Devemos aprender a aceitar tão prontamente as mudanças, em todos os aspectos na vida de outra pessoa, quanto aceitamos as físicas.

Um bom amigo meu tornou-se cristão há quatro anos. Era um recruta inexperiente no exército de Deus e uma alegria para toda a comunidade cristã da cidade. As pessoas ficavam admiradas com as mudanças ocorridas nele e louvavam a graça de Deus em sua vida. Ele sabia pouco sobre a fé e avidamente procurava aprender com amigos e mestres. Sendo uma pessoa que nunca fazia algo pela metade, ficou tão decidido a aprender tudo sobre a fé cristã que agora está frequentando um seminário. Seus conhecimentos e zelo ultrapassam o de muitos amigos que antes foram seus mestres. E não tem sido fácil para alguns deixá-lo passar à frente. Mas temos de deixá-lo, e uns aos outros também!

Ocasionalmente volto para visitar os membros de meus dois pastorados. Um dos pastorados foi há dezesseis anos e o outro há dez. Tentamos manter o relacionamento do passado. Mas de muitas maneiras não sou o homem que fui naqueles pastorados, e sinto intuitivamente que eles também mudaram. Deixar a pessoa avançar pode ser doloroso, mas no fim será infinitamente mais emocionante e criativo.

Algumas perguntas a fazer: "Estou perturbado porque esta pessoa não é o que eu desejava ou esperava que fosse?" "Será que eu tenho modelos ideais de pai-mãe, filho-filha, esposo-esposa, empregado-empregador, professor-aluno, e obrigo as pessoas reais em minha vida a desempenharem tais papéis?" "Estou pronto a aceitar a outra pessoa em lugar de minhas próprias expectativas?" "Estou dando liberdade a esta pessoa de ser ela mesma, ou exigindo que ela aja de acordo com a imagem que eu fiz dela?" É necessário chegar a um acordo quanto à diferença que há entre a

pessoa e a nossa expectativa em todo relacionamento, e, isso é especialmente verdade no ajustamento com seu cônjuge.

Outro aspecto dessa nossa tendência é *o desejo de reformar a outra pessoa à nossa imagem*. A comunidade cristã tem um grande problema com isto, como tem o mundo. Seja qual for o tipo de cristão que pensamos ou desejamos ser, somos tentados a insistir severamente em que todos os outros crentes sejam ou aspirem ser iguais a nós. Em lugar de dar a Cristo a liberdade de operar na vida da outra pessoa, acompanhando os passos dela para despertar sua singularidade e conformá-la à imagem de Cristo, tentamos exigir conformidade com o nosso sistema e achamos que somos o modelo dessa conformação. Mas só Cristo pode fornecer um modelo adequado para a singularidade que há em cada pessoa.

Cometemos um grave erro quando tentamos reformar a personalidade dos outros ou quando permitimos ser completamente reformados por qualquer sistema religioso, psicológico ou social. Deus nos criou originais e ele tem o propósito de abençoar e enriquecer outras pessoas, através do desenvolvimento de nossos talentos e oportunidades.

Portanto, entrar em contato genuíno com outra pessoa é reconhecer, respeitar e afirmar o que é diferente nela. Para relacionar-nos com ela significativamente é preciso que nenhum de nós desapareça mas que cada um contribua para a plena realização da personalidade do outro. Esta espécie de relacionamento transforma-se em um dom e nos ajuda a entender melhor o modo pelo qual Cristo se relaciona conosco.

3. Recuse-se a ficar preso a uma atitude crítica. A

outra pessoa talvez não corresponda às nossas expectativas ou necessidades, e por causa da nossa própria frustração podemos nos tornar críticos. Quando cedemos a um espírito crítico, não podemos mais lidar de maneira realista com nossa vida ou emoções. Não podemos também ver com clareza a outra pessoa. As atitudes críticas envenenam os relacionamentos e nos deixam afastados de todos, inclusive de nós mesmos. Cristo disse: "Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão" (Mateus 7:1-5, Almeida). Recebemos o que damos.

Se ao menos pudéssemos entender a outra pessoa sem exigir perfeição, teríamos menos motivos para ser tão críticos a seu respeito. Karl Menninger conta uma história que pode esclarecer o problema em foco.

Quando o peixe, tentando morder a isca é fisgado pelo anzol na ponta da linha, descobre que, não pode mais nadar livremente, começa uma luta que resulta em puxões e sacudidelas e, às vezes, numa fuga. Frequentemente, é claro, a situação é difícil demais para ele.

Do mesmo modo, o ser humano luta contra seu ambiente e contra os anzóis que o apanham. Às vezes domina suas dificuldades; às vezes são demais para ele. Suas lutas são tudo que o mundo vê e como é natural, não as compreende. Um peixe

livre tem dificuldade de entender o que está acontecendo com aquele que foi fisdado pelo anzol. (*The Human Mind*, Karl A. Menninger, pág. 33.

A compreensão não nos capacitará a encontrar gente boa, porque todos nós partilhamos da mesma doença do egoísmo e do pecado. Pode entretanto, abrir-nos a porta para a empatia em lugar do julgamento. Sem a empatia para com o peixe que está no anzol, jamais haverá compreensão ou possibilidades de resolver nossos conflitos. Quem sabe se nós também não estamos presos a anzóis que ainda não reconhecemos?

4. Não se acuse injustamente pelos fracassos que inevitavelmente surgirão. Se você achar que é a causa do conflito num relacionamento, há alguns passos que pode dar: examine suas ações e atitudes; peça ao Senhor que lhe dê uma compreensão mais profunda; procure o conselho de um irmão cristão; admita seu erro à pessoa ofendida. Se entretanto, o lado ofendido se recusar a permitir que o relacionamento seja restabelecido, depois que você fez tudo que podia em sua consciência, aceite o conflito como problema dele e prossiga sem carregar um complexo de culpa desnecessário. Prosseguir nem sempre significa fazê-lo fisicamente, mas emocionalmente. Às vezes a outra pessoa não está pronta a resolver a dificuldade, e você tem de lhe dar espaço e tempo emocionais. Neste caso, canalize suas energias e esforços em outra direção e recuse-se a continuar a controvérsia.

Os setores que exploramos neste capítulo pretendem ser *indicadores de soluções* e não um exame exaustivo das emoções e de como dominá-las. Já se

escreveram volumes sobre este assunto e continuam sendo escritos. Mas, às vezes, tentamos agarrar-nos a muitas idéias ao mesmo tempo, sem tentar colocar algumas delas em prática com eficiência.

Tentei apresentar algumas maneiras de se modificar reações negativas. Experimente-as e depois passe adiante, a outras pessoas.

6. MANTENDO ABERTAS AS LINHAS DE COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO É a palavra que melhor descreve o momento em que duas pessoas se tocam e se compreendem verdadeiramente. Apesar do enorme volume de sinais, verbais e não-verbais, que enviamos e recebemos dentro de cada relacionamento significativo, apenas uma pequena porcentagem deles chega a ser reconhecida.

A razão da comunicação defeituosa é que nós *codificamos* nossas mensagens e filtramos as mensagens dos outros através das nossas necessidades, preocupações e preconceitos do momento. Para complicar o problema, supomos que estamos sendo compreendidos e que compreendemos. Sem um esforço consciente de decodificar nossas próprias mensagens e reconhecer, através de que filtro particular estamos passando as mensagens que nos são enviadas, a comunicação provavelmente não vai melhorar nossos relacionamentos. Há dois aspectos neste processo: *falar com franqueza e ouvir*. Franqueza não é fácil; ouvir ainda é mais difícil!

Algumas experiências com uma família de nosso grupo exemplificam muito bem este ponto, e com certa dose de humor. Charlie é arquiteto e agrônomo formado pela Universidade do Texas. Nós o arreliávamos por ser um agrônomo, mas ele tem senso de humor e é esperto demais para deixar que qualquer um de nós

lhe passe a perna. Myrna é uma pessoa franca, ansiosa por aprender e descobrir novas dimensões da vida.

Charlie estava em um de nossos grupos de participação, no qual um homem contou sua experiência, quando foi a um psicólogo para pedir ajuda a fim de emagrecer. A conclusão a que chegou nas consultas é que a solução do problema dependia inteiramente dele. Charlie decidiu que não precisava de intermediário. Pegou um cartão de dez por quinze cm e desenhou o seu próprio retrato, em calção de bolinhas, de pé numa balança. No desenho, realmente dramatizou o seu problema de peso. Embaixo do auto-retrato escreveu: "O PROBLEMA É SEU"! Então, quando entrava em um restaurante para comer, tirava o cartão e o colocava ao lado do cardápio para incentivar sua força de vontade.

Charlie ficou tão entusiasmado com o pequeno artifício que correu para casa e mostrou-o à esposa. Myrna pegou o cartão e examinou-o durante um minuto. Depois, disse: "Mas Charlie, você não tem calção de bolinhas!"

Tiveram outra experiência de falta de comunicação que contém bastante verdade para todos nós. Certa manhã, cedinho, Myrna estava tomando café no andar de baixo, quando Charlie desceu as escadas. Não se sentia muito bem e disse: "Myrna, agora de manhã tenho exatamente 77 quilos de ansiedade, frustração e desespero." Myrna respondeu: "Mas Charlie, você tem mais de 77 quilos!"

Eu me encolho todo quando imagino quantas vezes deixei de receber a mensagem de Verdell ou de um dos filhos. Toda mensagem que vem em minha direção tem de passar pelo meu filtro, que pode estar entupido com

outras preocupações, pressões ou esgotamento. Portanto, *decidi que gostaria de entender* o que está realmente acontecendo com as pessoas ao meu redor e resolvi sintonizar-me às mensagens. Ouvir distraidamente não resolve.

Se guardamos muito espaço interior para nós mesmos, levantamos muros que podem levar à solidão e até mesmo ao divórcio emocional.

A comunicação pode ser cortada, mesmo na melhor das ocasiões, e muito mais diante de um conflito pessoal. Certo terapeuta diz que há quatro padrões comuns de comunicação que acontecem quando um indivíduo está reagindo sob tensão ou conflito (*Peoplemaking*, Virginia Satir, pag. 59). O primeiro padrão é o *apaziguamento* — sempre tentando agradar, nunca discordando, fazendo todo o possível para evitar que o outro fique zangado ou o rejeite.

O segundo padrão é o da *acusação* — a outra pessoa é sempre a culpada. O acusador age de maneira superior para que os outros pensem que ele é forte.

O terceiro padrão é o da *computação* — agir sempre com a cabeça. Agir meticulosa e racionalmente; não demonstrar nunca emoção e tentar impressionar os outros com nossa inteligência.

O quarto padrão é o da *distração* — afastar-se numa direção que não tem nada a ver com o caso, jamais enfrentar o problema ameaçador.

Qualquer um destes quatro padrões pode apresentar-se quando o indivíduo sente a ameaça da rejeição ou tenta encobrir qualquer coisa que considera “fraqueza”. São também meios de evitar que ele seja atingido por outra pessoa, ou seja levado a tornar-se transparente. Poderíamos destacar aqui que

chamar a atenção para o artifício de comunicação que uma pessoa usa não é necessariamente benéfico. Se damos à outra pessoa a impressão de que não estamos ouvindo, mas antes colocando etiquetas em sua conversa, então todo o esforço de comunicação fica prejudicado.

Uma pessoa precisa de auto-aceitação genuína, antes de realmente ter segurança bastante para se abrir com os outros. Estou convencido de que um dos maiores dons que Cristo veio transmitir é o profundo sentimento de aceitação. Em Cristo, Deus nos aceita e liberta para aceitarmos a nós mesmos e aos outros!

O que pretendemos dizer com franqueza? Não estamos nos referindo à explosão de nossos sentimentos de modo a empurrar a outra pessoa para um nível mais baixo. Antes, *é dar à sua mensagem um só sentido, demonstrando naquele momento que ela representa a verdade a seu respeito.* "A reação do nivelamento é realmente uma maneira de reagir diante de pessoas reais, em situações reais da vida, que lhe permitam concordar porque você realmente concorda, não porque acha que deveria concordar; discordar porque você realmente discorda, não porque acha que vai ser prejudicado se não discordar; usar a cabeça livremente, mas não às custas do restante do corpo; para mudar de sentido não para sair do anzol, mas porque você quer e porque há uma necessidade de fazê-lo (Ibidem, pag. 77).

Pratique enviar mensagens claras e simples que representem a sua posição naquele momento. Vou enviar-lhe uma que revela meus sentimentos no momento:

Quero que você leia este livro e goste dele.

Estou entusiasmado com ele e quero que você também sinta o mesmo. Mas estou um tanto inquieto quanto à sua reação. Que acontece se eu escrever e ninguém o ler? E se você ler mas não sentir nada? Eu me sinto *vulnerável* ao colocá-lo diante de você para avaliação. Mesmo assim quero escrevê-lo e o estou fazendo! Você tem liberdade de emprestá-lo a seus amigos ou de queimá-lo. Quero dar-lhe essa liberdade. E a única maneira de fazê-lo é publicar o livro e você fazer o que quiser com ele.

Três mensagens foram enviadas nestas declarações: (1) entusiasmo, (2) ansiedade, e (3) um desejo de ser livre, dando-lhe liberdade.

Examine algumas das mensagens que você enviou hoje. Quais foram seus significados principais? Você acha que se saiu bem ao enviá-las? As outras pessoas reagiram como se realmente entendessem? Você poderia perguntar-lhes, se tiver oportunidade, o que elas lhe ouviram dizer. Deliberadamente examinando seus sinais, você pode tornar-se sensível ao processo, aumentando assim as possibilidades de uma comunicação melhor.

Você pode fazer o mesmo com as mensagens que lhe foram enviadas. O que você está ouvindo a outra pessoa dizer? Seus gestos, expressões faciais e tom de voz estão lhe enviando uma mensagem enquanto as palavras transmitem outra? Se é assim, então você está recebendo uma mensagem com duplo sentido e tem de descobrir qual o significado do que ela realmente quer enviar. Quando houver dúvida, peça à pessoa, com espírito de aceitação, que lhe explique o que ela quis dizer, a fim de ajudá-lo a receber a imagem com

mais exatidão. Geralmente, se demonstramos interesse e preocupação genuínos, o indivíduo que envia a mensagem vai alegremente tentar esclarecê-la para se fazer compreendido. Experimente este processo de *decodificação e filtração* de mensagem. Será útil para uma comunicação mais eficaz.

Há alguns erros comuns que geralmente impedem o processo da comunicação imediata.

Transmitir nossos sentimentos ou convicções de modo que pareçam julgamento à outra pessoa ou a seus sentimentos bloqueia o fluxo da comunicação genuína. Um jovem ministro perguntou a um homem de negócios o que dava propósito à sua vida. Essa, é uma pergunta difícil que pode ser respondida de modo impensado ou vulnerável. O homem de negócios foi categórico em sua resposta ao jovem ministro: executar um bom trabalho na sua vocação e, como resultado, alcançar satisfação pessoal, como também o reconhecimento de colegas, de que você é um participante e contribuinte digno na comunidade. O jovem ministro respondeu: "Mas não há verdadeiro significado nisso. O que acontecerá com o seu propósito quando você morrer?"

A resposta do ministro talvez brotasse de um interesse real, mas não tinha em si esse tom. Antes, parecia menosprezo. No entender do homem de negócios, ele dizia: "Você é estúpido, tem visão curta e não tem capacidade de descobrir um propósito adequado para a sua vida".

O ministro falhou em perceber que cada homem tem o direito e a responsabilidade de determinar o significado de sua própria existência. Nenhum homem pode decidir em lugar do outro as coisas que vão lhe dar

propósito e significação. Cada um de nós deve dar testemunho do significado que descobriu ou, no caso do cristão, aquilo que nos descobriu; mas a autonomia ou liberdade que temos como seres humanos nos isola para que não sejamos envolvidos no sistema de significado de outro homem, sem o nosso consentimento. Por causa disto o cristão deveria regozijar-se quando outra pessoa é bastante sincera em revelar a *verdade pessoal* mediante a qual tenta dar sentido à sua experiência. Isto é uma revelação do íntimo de uma pessoa e deveria sempre ser recebido como um dom. Quando é assim recebido, então podemos dar testemunho do significado que encontramos em Cristo sem parecermos críticos. Afinal, queremos que as pessoas se encontrem com Cristo e não com a nossa crítica. E quanto mais nosso testemunho soar como *um presente de grande valor*, livremente partilhado sem nenhuma intenção de forçar a outra pessoa a mudar, tanto maior será a oportunidade que terá essa pessoa de examinar a fé em si.

É no desempenho do papel marido-mulher que facilmente podemos bloquear o verdadeiro intercâmbio, por causa de um julgamento inconsciente. Certamente, quando o marido ou a esposa se dispõe a menosprezar o outro, o fluxo do diálogo se interrompe. Mas com muita freqüência nós o interrompemos involuntariamente ou sem perceber o que fizemos. Por exemplo, quando o marido diz à esposa que ela precisa fazer o que ele quer, porque o plano de Deus para ela é a submissão, ele aumenta a luta dela de tal maneira, que além de se opor ao marido, ela passa também a lutar contra Deus. Aquela declaração é como um ataque duplo e ela cede por causa do medo ou fica furiosa

A verdade é que a esposa foi planejada por Deus para *corresponder* ao marido, e ao marido cabe a responsabilidade de fornecer aquele tipo de segurança e liderança que possibilita à esposa a reagir positivamente. Portanto, as energias do marido devem ser dirigidas no sentido de cuidar da esposa como de seu próprio corpo, em lugar de exigir que ela aja com base em deturpações legalistas das Escrituras. Juntos, marido e esposa deveriam ler Efésios 5: 17-33 cada um focalizando o seu próprio papel, e não o do outro. O modelo para a reação da esposa é o da igreja para com Cristo, e o modelo para o marido é o do amor de Cristo para com sua igreja. Que tipo de cabeça Cristo seria — dogmático e duro, ou forte e terno? O que Cristo forneceria para incentivar sua reação? Como Cristo anseia que sua igreja em — relação a ele se porte relutante e mecanicamente, ou entusiástica e respeitosamente?

Precisamos aprender os princípios básicos que Deus nos deu nas Escrituras para os papéis dentro da família. Mas nós cometemos um erro terrível e destruimos a comunicação quando usamos aqueles princípios como cacetes, para forçar a outra pessoa a obedecer. A pergunta é: *Como o amor usaria tais princípios?* Faz mais sentido concentrar-nos em aprender como desempenhar nosso próprio papel sob a orientação de Cristo. Assim, criamos melhor oportunidade para o cônjuge executar seu papel sentindo mais aceitação, segurança e liberdade.

Na próxima vez em que você estiver envolvido num conflito, em vez de focalizar suas próprias idéias e queixas, tente captar as mensagens de sentimentos que você está enviando à outra pessoa. Você está transmitindo um julgamento por meio de suas decla-

rações e emoções? Está menosprezando a outra pessoa, ou lhe está dando o direito de se expressar com sinceridade? Repetimos, voltando à questão real: *Você realmente quer entender os outros e ser entendido por eles?* Em caso negativo, é claro que não o conseguirá. Mas se deseja, as sugestões que fiz podem ajudá-lo a começar. Experimente-as e veja que grande diferença um pouco de esforço pode fazer.

7. SEU SENSO DE HUMOR — UM TRUNFO VALIOSO

O CONFLITO É COISA SÉRIA! É tão sério que não podemos entrar nele sem senso de humor.

O verdadeiro humor tem sua origem no caráter de Deus, e Deus concedeu-o ao homem em profusão. Quem consegue observar as criaturas de Deus brincando sem sorrir ou até mesmo rir? Uma vez, disse, brincando, ao nosso povo que grande parte da penetração que tenho da natureza humana obtive observando os animais em nosso sítio — gado, perus selvagens e outros. Alguns bons exemplos vieram do touro que os filhos chamavam de "Gus". Recebemos Gus quando ele era pequeno e observamo-lo crescer. Uma tarde, quando eu e David, meu filho de treze anos, trabalhávamos com o gado, descobrimos uma nova atitude em Gus. Depois que fizemos o gado passar de um curral para o outro, eu disse a David que corresse para fechar o portão. Gus percebeu quando David começou a correr. Evidentemente pensou que o tinha amedrontado porque sacudiu a cabeça e começou a correr atrás dele. David o viu aproximar-se e subiu na cerca. Gus ficou sabendo, então, que pelo menos uma pessoa tinha medo dele. O resto do dia ele berrava e batia com as patas no chão toda vez que percebia a presença de David. Obviamente, sentia orgulho de si mesmo.

Gus reforçou o respeito por si mesmo nas próximas semanas, correndo atrás de Verdell e de minha mãe. Sua coragem estava realmente aumentando! Então ele me pegou certa manhã quando eu colocava alimento para o rebanho. Jogou terra para cima com as patas de trás, berrou e veio em minha direção. Em vez de correr, tirei o chapéu, caminhei em sua direção e bati o chapéu na cabeça dele. Vocês nunca viram um touro mais amedrontado! Virou-se e saiu correndo como se eu lhe tivesse batido com um pedaço de pau. Eu o desmascarei e, até hoje, nunca mais tentou correr atrás de ninguém.

A natureza humana é mais ou menos assim. Tentamos de muitas e diferentes maneiras enganar as outras pessoas, para podermos conduzi-las na direção de nossa escolha. Mas inevitavelmente a outra pessoa um dia vai desmascarar-nos e aí começa o conflito. Você já não foi desmascarado alguma vez, ou enfrentou uma situação na qual a outra pessoa se recusou a reagir favoravelmente às pressões sutis — ou às vezes não tão sutis — que você exerceu sobre ela? Bem, pode ser uma experiência muito perturbadora, mas também traz dentro de si o potencial para um relacionamento mais honesto.

Reconhecer a comédia inerente à espécie humana pode ser um trunfo real para a solução de conflitos. Ver a diferença entre o que somos e o que deveríamos ser ajuda a moderar a impressão de que “quando nossas idéias se chocam, eu estou sempre com a razão”. Aquele desejo traiçoeiro de fazer o mundo inteiro girar em torno daquilo que sabemos e experimentamos, naquele instante, é na realidade tragicômico. Para qualquer pessoa que pensa, é óbvio que uma criatura tentar

destronar o Criador é tão ridículo que deveríamos chorar diante da tragédia e rir do seu absurdo. Tal reconhecimento deveria nos levar ao arrependimento, que é o primeiro passo na direção da fé em Jesus Cristo.

A tomada de consciência de nossas próprias incoerências, ao lado da prometida perfeição por parte de Cristo, pode libertar-nos de nossa defensiva e nos permitir atravessar nossos conflitos com preocupação genuína e humor sadio.

Mais de um impasse em nosso casamento já foi resolvido com o curativo senso de humor. Quando posso rir de mim mesmo e reconhecer minha teimosia, ou qualquer outra coisa, diante de minha esposa, minha ira desaparece. Então estou pronto para resolver o problema em questão num estado de espírito mais razoável. Além de abrir caminho para uma atitude mais razoável, o humor traz de volta o elemento do prazer no relacionamento, que torna o conflito estimulante para o crescimento, em vez de ser um dano para a saúde.

O humor facilita o diálogo de maneira linda. Conhecer pessoas que têm diferentes pontos de vista em política, economia, religião e sociedade, não só é coisa inevitável, mas também potencialmente enriquecedora. Quando enfrentamos diferenças podemos ser tentados a impor nosso ponto de vista dogmaticamente. Ser opinioso não só nos impede de ganhar adeptos ao nosso modo de pensar, mas também afasta as pessoas envolvidas. É um paradoxo que quanto mais certeza temos da validade de nossas convicções, tanto mais abertos nos tornamos para com aqueles que discordam de nós. Quanto menos certeza temos, tanto mais forte a nossa necessidade de levar os outros a

aceitarem o nosso ponto de vista. Devemos perguntar: "Quero expressar minhas convicções só para externá-las?" ou "Creio em minhas convicções tão profundamente que desejo ajudar a outra pessoa a perceber o valor delas?" A resposta revelará se estamos interessados em diálogo ou simplesmente em expressar nossa ansiedade. Parece-me que há pouco valor em vencer uma argumentação arriscando perder a pessoa.

Se decidimos que realmente queremos participar no milagre do diálogo, é indispensável, então, manter um bom senso de humor. Não podemos nos tornar tão veementes e sérios a ponto de ameaçar a outra pessoa e bloquear o intercâmbio.

Recentemente tomei parte num diálogo produtivo com um amigo que discordava de uma de minhas convicções teológicas. A troca de idéias foi estimulante, e a presença do humor nos manteve abertos. Concluímos, depois, que não estávamos de maneira alguma em diferentes campos teológicos, mas estávamos expressando nossa compreensão de uma verdade bíblica básica, com leve diferença de ênfase e aplicação. O assunto era a soberania de Deus e a liberdade e responsabilidade do homem. Meu amigo começava de um lado e incluía o outro. Eu começava do lado oposto, mas também incluía o outro. À medida que conversávamos sobre nossas posições, descobrimos que aceitávamos as mesmas verdades bíblicas. Foi divertido fazer esta descoberta em lugar de chegar a conclusões precipitadas e erradas sobre a correção bíblica do outro.

Sarcasmo não tem lugar no diálogo.

Uma boa maneira de verificar a inteireza de nosso humor é verificar se é *isento da intenção de ferir*.

90 *Como vencer nas crises*

O cristão tem outro motivo para não enfrentar a vida com melancolia. Embora experimente tragédias no presente, seu futuro tem um triunfo final. Cristo disse: "No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16:33, Almeida).

Senhor, livra-nos de nos levarmos muito a sério e concede-nos a graça de rir sinceramente e amar corajosamente!

8. ORAÇÃO — UM RECURSO NEGLIGENCIADO

UM CAPÍTULO SOBRE A ORAÇÃO poderia sugerir a muitos que estamos nos afastando de soluções práticas em direção a sugestões devocionais que só têm verdadeiro significado para os supersantos. Não é assim! O que Deus faz na vida de alguém que ora, como também na vida daquele por quem se ora, torna as orações o recurso mais valioso para a solução de conflitos. Isto se aplica especialmente quando levamos a sério nossa *comunicação com Deus* e procuramos a solução dele para a nossa dificuldade.

Há muitas maneiras de nos iludirmos pensando que estamos orando, quando realmente não estamos. Damos a seguir três substitutos típicos à oração. Com muita frequência simplesmente *tentamos fazer Deus ver as coisas como nós as vemos* e usá-lo como mais um recurso para trazer a outra pessoa envolvida à nossa posição. Quando isto acontece, o resultado comum é um desrespeito maior pela pessoa que usa tais táticas e uma profunda desconfiança de sua experiência religiosa.

Outra condição que pode surgir, quando estamos sob grande tensão, é focalizar tão intensamente a nossa crise que realmente acabamos *orando ao nosso problema* em lugar de fazê-lo a Deus. Quando nosso problema se torna maior do que Deus em nossa mente, realmente estamos em perigo. Esse tipo de oração só

aumenta nossa ansiedade e nos deixa com uma sensação de desespero. Se nosso pedido é maior do que Deus, que esperança resta?

Outro bloqueio à comunicação autêntica com "o Deus que está lá" surge quando nos concentramos de maneira pouco realista em nós mesmos. Cristo ilustrou esta verdade em sua história sobre os dois homens que foram ao templo para orar. "O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos, e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho" (Lucas 18:10-14, *Almeida*). Ele se julgava melhor do que realmente era. Ele era igual aos outros homens! E todos nós somos. Podemos ser fortes em algum aspecto em que outros são fracos, mas todos nós temos nossas fraquezas e nossos defeitos. Embora o fariseu se vangloriasse de sua moral e práticas religiosas, sua própria vanglória revelava uma fraqueza maior — orgulho.

O outro homem da história estava cômico de sua verdadeira condição. "O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" O Senhor concluiu sua história assim: "Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta, será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado."

Quando o Senhor nos convence de nossas fraquezas, abre a porta para a tolerância e compreensão para com as fraquezas dos outros. Jogar pedras é fácil, quando não percebemos nossa própria necessidade e ruína.

O alvo principal da oração é Deus. O próprio ato de

olhar para ele pedindo ajuda afasta nossa atenção de nós mesmos, dos outros, e da situação desesperadora que existe. Naquele momento de abertura, Deus nos dá visão interior, compreensão, compaixão, paz de espírito e confiança de que a situação pode ser resolvida. Isaías expressou-o lindamente — “Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam” (Isaías 40:31, *Almeida*).

O que vemos quando focalizamos nossa atenção em Deus? Alguns podem ver uma extensão da imagem de seu pai, e Deus para eles é tão bondoso ou tão áspero quanto o pai pode ter sido. Outros vêem Deus como alguém ou alguma coisa vaga ou misteriosa sem dimensões definíveis. Para outros, Deus pode ser como algum ministro que deixou uma profunda impressão neles. Um garotinho disse de um proeminente pastor de nossa cidade: “Deus veio nos visitar!”

Jesus Cristo é a revelação mais clara que temos de Deus. Dele podemos verdadeiramente dizer: “Deus veio nos visitar!” Os Evangelhos nos dão amplas informações e ilustrações sobre ele — seu caráter, suas atitudes, ações e mensagem. Seu propósito é apresentá-lo a nós para que também possamos crer—e crendo, experimentar seu amor transformador em nossa própria vida.

Leia Mateus, Marcos, Lucas e João no Novo Testamento com esta pergunta em mente: Como Deus é revelado em Jesus Cristo? Estou convencido de que terminará com a impressão profunda de que *Deus o ama e tem um propósito magnífico para você, apesar do que tenha sido ou feito no passado*. Se não percebemos Deus sob esta luz, a única outra motivação que resta

para a oração é o desespero — o que equivale a agarrar-se a nada.

O amor de Deus se recusa a coagi-lo a ter fé. Ele o atrai para si, mas nunca transgride a sua vontade. A mensagem de Josué ao povo hebreu aplica-se a nós hoje em dia: “Escolham hoje a quem vão servir” (Josué 24:15b, parafraseado).

Quando oramos concentrando nossa atenção em Cristo, Deus se torna maior do que nosso pedido e pode capacitar-nos para descobrir uma solução viável para nossos problemas.

A oração como um derramamento do nosso ego mais profundo diante de Deus e como uma atitude de franqueza e receptividade diante de Deus, permite a ele colocar nossa vontade mais em harmonia com a sua vontade. Esta transição da atitude “eu- quero- como-eu- quero” para a posição de “quero- que- a-vida- seja- como- tu- queres- Senhor” pode surgir num momento, ou pode vir só depois de grande luta. Mas quando vem, conhecemos o poder de Deus para mudar, curar e reconciliar. O Senhor conhecia a libertação que viria e o poder que seria posto em ação, quando disse aos seus discípulos “orai pelos que vos perseguem. . .” (Mateus 5:44, *Almeida*).

Preciso dar testemunho do único e mais suficiente recurso que descobri para resolver conflitos — a oração. Dois homens muito fortes tiveram um desentendimento em meu último pastorado. Estavam quase a ponto de acabar com a comunhão da igreja. Nenhum dos dois parecia disposto à reconciliação. Passei uma manhã inteira em oração por causa do problema. O conflito era tão explosivo que percebi haver um único caminho para a pacificação: se um ou ambos engolis-

sem um pouco do orgulho e se dispusessem a estender uma ponte em direção ao outro, em vez de teimosamente aprofundar-se cada vez mais em suas próprias convicções. Eu sabia que minha atitude tinha de ser a de aceitá-los como pessoas e que devia expressar-lhes de algum modo, não só minha percepção de seus fortes sentimentos, mas também minha preocupação sobre como estavam afetando todo o corpo da igreja.

Logo depois do almoço fui à casa de Ray. Caminhamos juntos e começamos a falar sobre nossas posições naquele impasse. Depois de duas horas lutando consigo mesmo, Ray quis visitar Jim. Fomos juntos à casa de Jim. Não sei dizer em que a atitude de Jim foi diferente. Foi como se outra pessoa tivesse dado permissão a Jim de transformar seus próprios sentimentos e o tivesse ajudado a recuperar sua perspectiva. Estou convencido de que outra Pessoa o fez! Nem é preciso dizer que Ray e Jim tiveram uma linda experiência de reconciliação e tornaram-se amigos íntimos como resultado deste encontro.

Na próxima vez em que você enfrentar um conflito, procure você mesmo experimentar a oração. Primeiro, peça ao Senhor que o ajude a ser sincero com ele sobre seus sentimentos. Segundo, peça-lhe ajuda para ver suas fraquezas como também sua força na situação. Depois peça a ele que lhe dê amor pela pessoa ou pessoas envolvidas no conflito — isto é, uma preocupação genuína pelo bem-estar delas. Depois peça que ele lhe dê a coragem e a sabedoria de colocar a primeira tábuas na ponte da reconciliação. Lembrem-se das palavras do Senhor: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5:9, Almeida).

9. PERDÃO — UM INGREDIENTE ESSENCIAL

TODO RELACIONAMENTO, de qualquer grau, para sobreviver, precisa ter em si uma quantia generosa de perdão. Todos nós temos fraquezas e reações imaturas que magoam os outros. Aqueles que estão mais perto de nós geralmente são mais atingidos pelas nossas deficiências. Portanto, quanto mais íntimo o relacionamento, tanto mais importante é nossa capacidade de perdoar.

Ao guardar rancor levamos qualquer relacionamento a se deteriorar. A razão é que temos a tendência de interpretar todas as outras experiências com aquela pessoa à luz de suas ofensas. Uma ofensa pequena pode criar apenas um pequeno mau humor; mas, quanto mais séria a afronta, tanto mais profundo o ressentimento.

Podemos guardar rancor contra outra pessoa por causa de alguma injúria muito séria ou armazenar uma multidão de pequenos ferimentos. Ambas as situações produzem o mesmo resultado: quando temos uma sobrecarga de conflitos não resolvidos, torna-se quase impossível ver o ofensor de um modo positivo. A esta altura até mesmo o menor dos ferimentos é recebido como uma grande investida.

Vejo o drama acima repetido muitas vezes em desacordos conjugais. Com demasiada freqüência os casais

esperam, até que reste apenas dor e hostilidade, para procurar um conselheiro. É absolutamente espantoso como as ações de uma pessoa podem ser interpretadas tão negativamente pela outra. O relacionamento pode tornar-se tão fragmentário que literalmente não resta mais nada que dê certo. Para evitar que seu relacionamento chegue a este ponto de desespero, ou para se recuperar de um tal sistema de reação desintegrante, *o perdão precisa desempenhar um papel preponderante*. Armazenar repulsas não só destrói no final, mas torna a pessoa extremamente infeliz ao longo do caminho.

Exatamente como uma pessoa em desenvolvimento precisa experimentar o amor para aprender a amar, nós também precisamos experimentar o perdão para podermos oferecê-lo em qualquer profundidade. Repetimos, a fé cristã nos leva aos recursos essenciais para podermos atingir um estilo de vida que nos liberta pelo perdão.

Reconhecemos que a experiência humana “normal” tem em si uma consciência de culpa. A pessoa incapaz de sentir culpa está fora da realidade e pode ser descrita como psicopata. Na verdade, uma pessoa que experimenta culpa também pode estar fora da realidade. Pode ter uma consciência hipersensível que contribui para o desenvolvimento de um complexo de culpa. O resultado será um sentimento de culpa por tudo o que faz, diz ou pensa. Há uma diferença definida entre *culpa falsa*, assumir uma culpa que não é nossa; *culpa verdadeira*, experimentar a reprovação de uma consciência sensível que nos diz a realidade; e *culpa negada*, que assume a atitude de inocência e acusa todos os outros por todos os problemas do mundo.

As boas-novas da fé cristã fazem-nos enfrentar a rea-

lidade de nossa culpa verdadeira. Desviamos-nos pelo nosso próprio caminho, construímos um reino à nossa volta e desempenhamos o papel de um deus dentro desse reino. As palavras usadas para descrever nossa insanidade moral são pecado, egoísmo, orgulho, narcisismo, rebeldia, alienação e irresponsabilidade. A história do homem revela que a aniquilação faz parte de sua natureza. É verdade que *um homem abandonado ao seu próprio destino torna-se inimigo de todos, inclusive de si mesmo*. À parte da experiência transformadora da vida com Cristo, poucas esperanças restam de qualquer grande mudança para qualquer um de nós.

Acho que é bom e extremamente animador descobrir que um notável psiquiatra escreveu um livro intitulado *Whatever Became of Sin?* (O que foi que aconteceu com o pecado?) Nesse livro, seu autor Karl Menninger destaca que “o desaparecimento da palavra ‘pecado’ envolve uma mudança de posição na localização da responsabilidade pelo mal” (*Obra citada*, pág. 17). O homem foge de sua culpa!

Para enfrentar nossa rebeldia contra Deus e o egoísmo para com os outros é preciso engolir nosso orgulho, humilhar-nos e arrepender-nos de nossos erros e buscar o perdão de Deus. Quando chegamos a tal ponto, descobrimos que não só recebemos o perdão de Deus, mediante nossa fé em Cristo, mas também uma vida nova. “Quando alguém se torna cristão, passa a ser uma pessoa totalmente nova por dentro. Já não é mais a mesma. Teve início uma nova vida!” (2 Coríntios 5:17, *O Novo Testamento Vivo*).

Perdoar no sentido bíblico significa “aliviar ou erguer; remir; absolver ou apagar”. Dá a idéia de libertar alguém dos laços de um ato passado. Quando Deus

perdoa, remove a barreira que o pecado criou entre nós e ele.

A culpa esmaga, ao passo que o perdão liberta; e que grande libertação! Davi a descreve melhor contando sua experiência com a culpa e o perdão.

Que felicidade para aqueles cuja culpa foi perdoada! Que alegria quando os pecados estão cobertos! Que alívio para aqueles que já confessaram seus pecados e cujo registro Deus já apagou.

Houve um tempo quando eu não admitia o pecador que era. Mas minha desonestidade me tornava miserável e enchia os meus dias de frustração. Todo o dia e a noite inteira tua mão pesava sobre mim. Minha força evaporou-se como água em um dia de sol até que, finalmente, confessei todos os meus pecados e parei de tentar escondê-los. Disse a mim mesmo: "Vou confessá-los ao Senhor." E tu me perdoaste! Toda a minha culpa desapareceu (Salmo 32:1-5, *Salmos e Provérbios Vivos*).

As conseqüências de nossa rebeldia talvez não possam ser removidas, mas no contexto do perdão de Deus, até mesmo as conseqüências podem ser usadas por ele como força redentora dentro de nós e de nosso mundo. Fazemos bem em aprender a veracidade do princípio que diz que "aquilo que o homem semear, isso também ceifará" (Gálatas 6:7b, *Almeida*) e pensar mais seriamente em como estamos investindo nossa vida.

O perdão de Deus nos vem mediante Jesus Cristo. É na Cruz de Cristo que podemos, pela fé, compreender

o perdão completo de Deus. Compreender o perdão de Deus em Cristo é uma experiência indescritível! A alegria que vem do saber que estamos entre os perdoados é uma experiência culminante que altera profundamente nosso destino e caráter.

Na qualidade de cristãos continuamos falhando e precisamos confessar nossos pecados e aceitar o perdão de Cristo a fim de permanecer numa posição aberta, de desenvolvimento. Uma das melhores descrições desta realidade espiritual se encontra em 1 João 1:8, 9: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça."

Um indício de que realmente nos abrimos para o perdão de Cristo é nossa disposição de fazer toda e qualquer restituição possível àqueles que foram feridos por nossos atos. Lembra-se do impacto de Cristo sobre Zaqueu? As Escrituras dizem que "Zaqueu levantou-se diante do Senhor e disse 'Senhor, de agora em diante eu darei metade da minha riqueza aos pobres, e se descobrir que cobrei demais impostos de alguém, eu pagarei uma multa devolvendo-lhe quatro vezes mais!' (Lucas 19:8, *O Novo Testamento Vivo*). O que ele experimentou na presença de Cristo fê-lo um homem generoso que desejava restituir a qualquer pessoa de quem se tivesse aproveitado.

O lugar para se começar a aprender o perdão é com Deus. Quando experimentamos o seu perdão, torna-se mais fácil reconhecer nossos erros diante dos outros e perder-lhes perdão. Uma boa prova neste ponto pode ser feita em forma de pergunta. Você acha difícil dizer:

“Sinto muito” ou “Por favor, perdoe-me por ter sido tão insensível”?

Se você é a parte ofendida, acha fácil perdoar? *Quanto mais profunda sua própria experiência em ser perdoado, tanto mais fácil lhe será conceder o perdão a outros!* Algumas pessoas acham que não se pode perdoar até que o ofensor peça perdão. Isto pode-se aplicar à cura completa de relacionamento, mas da perspectiva bíblica, o perdão deve ser dado incondicionalmente. Cristo disse: “E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas” (Marcos 11:25, *Almeida*). Se estamos de punho cerrado em torno de um rancor, como podemos receber em nossas mãos o maravilhoso presente de perdão de Deus?

O perdão é caro! Para que Deus nos estendesse o perdão, isso lhe custou o seu Filho em uma cruz. Também para nós é custoso oferecer perdão aos outros. Quando somos feridos, alguma coisa dentro de nós quer revidar, vingar-se e exigir pagamento. É difícil libertar-nos de nossa hostilidade e ressentimento, especialmente se é evidente que o ofensor deliberadamente se aproveitou de nós. Contudo, precisamos reconhecer que somos responsáveis por nossa própria dignidade e pela dignidade dos outros, mas não somos o vingador das ofensas. Esta visão interior pode sugerir-nos como podemos oferecer perdão autêntico, que seja emocional e espiritualmente sadio para nós e libertador para o ofensor.

O cristão não é chamado para deixar que o mundo o governe. Cristo nos dá o modelo para que vejamos este conceito em ação. Os fariseus recusaram-se a aceitar a pessoa, os milagres e os ensinamentos de Cristo, por-

que ele não se encaixava em seu molde preconcebido de como o Messias seria e faria. Eles o observavam como lobos prontos para matar em qualquer oportunidade. Finalmente, Cristo os colocou frente a frente com suas próprias deficiências, e temos sua forte acusação registrada em Mateus 23. Cristo disse deles:

Vocês pensariam que estes líderes dos judeus e estes fariseus são Moisés, pela maneira como eles continuam fazendo tantas leis! E sem dúvida vocês devem obedecer a todos os seus caprichos! Pode ser muito correto fazer o que eles dizem, mas acima de qualquer outra coisa *não sigam o exemplo deles*. Porque eles não fazem o que dizem a vocês que façam. Exigem de vocês coisas impossíveis que eles nem tentam observar.

Tudo o que fazem é feito para mostrar-se...Ai de vocês, fariseus, e de vocês, demais líderes religiosos! Hipócritas! Pois vocês não deixam os outros entrar no Reino dos Céus, nem vocês mesmos não entram" (Mateus 23:2-5b, 13, *O Novo Testamento Vivo*).

O capítulo continua, mas esta declaração é suficiente para destacar a necessidade de tornar seus sentimentos conhecidos, a fim de clarear o ambiente. Isto é sinceridade em amor! Cristo podia enfrentar os outros com autoridade porque ele foi perfeito. Devemos lembrar que enfrentamos uns aos outros na base da fraqueza, porque não somos perfeitos. A outra pessoa

poderia, se conhecesse todos os fatos a nosso respeito, voltar-se e nos acusar de nossas próprias faltas. Este fato exige ainda mais que nossas expressões sinceras de sentimentos negativos sejam feitas em *atitude de humildade*. As afirmações de nossa mágoa ou ressentimento deveriam ter a finalidade de levar a outra pessoa a ver o nosso lado e saber como nos sentimos acerca do que ela disse ou fez. Nossas palavras não devem ser um ataque com a intenção de vingar-nos do inimigo.

Às vezes esta espécie de confrontação sincera torna-se essencial para podermos libertar o ressentimento e oferecer perdão. Podemos ter interpretado mal a intenção da outra pessoa, e esta franqueza lhe daria oportunidade de se explicar e nos capacitaria a entender a situação do seu ponto de vista. Geralmente um simples acerto dissolverá o conflito imediatamente. Mas se a outra pessoa tinha intenção de nos ferir e revela essa intenção, então o confronto ter-nos-á dado um escape honesto que nos ajudará a manter nosso equilíbrio e nos capacitará a prosseguir, a aceitar a afronta como problema da outra pessoa e buscar os recursos de Deus para perdoar e conviver com a situação até que alguma coisa mude. É importante lembrar que *nós tornamos as coisas piores quando assumimos o problema da outra pessoa como se fosse nosso*. Não há maneira de evitar que o seu problema nos afete; quanto mais íntima a pessoa for, tanto mais afetados seremos. Mas não assumindo o seu problema, podemos sobreviver melhor enquanto lhe damos tempo para resolver o seu conflito interior ou para se dispor a acabar com o conflito que há conosco.

O perdão abre a porta da compreensão e remove a

amargura resultante. É importante para todos os envolvidos que peçamos ao Cristo vivo que nos capacite a perdoar àqueles que possam estar agindo, num dado momento, como nossos inimigos.

SEGUNDA PARTE

ENFRENTANDO OS CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS

Quando você é bondoso, alimenta sua própria alma, mas ela é destruída quando você é cruel (Provérbios 11:17 — *Salmos e Provérbios Vivos*).

Algumas pessoas gostam de dizer coisas sarcásticas, mas as palavras do sensato acalmam e saram (12:18).

Comunicações dignas de confiança trazem consigo o progresso (13:17b).

Se você souber aproveitar as críticas construtivas, você será escolhido para ser um dos grandes homens da sabedoria. Rejeitar as críticas, porém, é prejudicar tanto a você, como a seus melhores interesses (15:31, 32).

O amor esquece os enganos, a implicância no assunto separa os melhores amigos (17:9).

Uma repreensão aberta é melhor do que o amor encoberto! Tapas dados por um amigo são melhores do que beijos dados por um inimigo! (27:5, 6).

10. TRABALHANDO COM ALGUÉM DE QUEM VOCÊ NÃO GOSTA

POUCAS PESSOAS PODERÃO dizer como Will Rogers: "Jamais encontrei um homem de quem não gostasse." Mas, se ele iria sentir o mesmo, tendo de trabalhar quarenta horas por semana ao lado de certas pessoas, é puramente especulativo; mas provavelmente não teria dito o que disse.

A maioria de nós já se encontrou ou vai se encontrar, em situações em que devemos estar em contato permanente ou ocasional, com pessoas que nos irritam. Isto é normal. Afinal, imaginar que todas as pessoas que encontramos vão gostar de nós é um tanto egoísta; exigir de nós mesmos que gostemos de todos que encontramos é um tanto irracional. Podemos dar valor e respeitar a vida humana tão profundamente que desejamos o melhor para todos que encontramos. Mas ter afinidade com todos é uma coisa irreal.

Os choques de personalidade, bem como as principais divergências sobre valores, gostos, pontos de vista e objetivos, podem impedir que desfrutemos da companhia dos outros. Dentro do curso normal da interação social isto geralmente não provoca uma crise grave. Trabalhar em relacionamento íntimo com esse indivíduo, entretanto amplia os aspectos da diferença. Se acontecer de precisarmos da aprovação dessa pessoa, a luta geralmente será com nós mesmos—fazemos

o que ela espera ou quer, e ficamos ressentidos com nós mesmos por tê-lo feito. Por outro lado, quanto menos nos importamos ou precisamos dessa aprovação, mais francos somos na expressão de nossas diferenças.

Essa pessoa pode ser nosso chefe, empregado, ou um membro do mesmo clube ou igreja. Mas eis que entramos em choque com uma pessoa com a qual precisamos nos associar, pelo menos por algum tempo. O que fazemos? O que você está fazendo?

1. É importante identificar a situação na qual estamos e examinar nossas próprias reações e sentimentos, para ver o que estamos fazendo com ela. Talvez estejamos armazenando ressentimentos ou transferindo o assunto para alguém que nada tem a ver com o caso, como nosso cônjuge ou filhos. Talvez estejamos fazendo observações indelicadas a respeito da pessoa que nos irrita, ou criticando-a diante dos outros. Ou talvez sejamos indiferentes para com ela e nossa reação emocional é como se ela não existisse. Seja o que for, precisamos saber o que estamos fazendo.

2. Precisamos nos perguntar "Por quê?" Por que ela me irrita desse modo? Será que me faz lembrar alguém que me prejudicou, ou será que constitui uma ameaça para mim, porque é tão parecida comigo ou tão diferente? É um choque de personalidades, de valores, de alvos, ou de quê? Será que é uma ameaça porque sinto que ela não gosta de mim, ou será que ela pretende me desacreditar ou conseguir minha posição?

Um homem de negócios muito trabalhador me contou que foi despedido de todos os empregos exceto do atual, no qual era o homem mais importante. Disse que no dia que começou a trabalhar em todos os outros

empregos, partiu para conseguir a posição do seu chefe. É de se estranhar que os chefes procurassem dar um jeito de mandá-lo embora? A ambição pode ser boa, mas quando em demasia pode prejudicar.

Outro homem me contou que realmente não gostava de uma pessoa que freqüentava o seu círculo de amizades. Perguntei-lhe por quê. Disse-me que não sabia. Então lhe perguntei se não seria porque eram tão parecidos um com o outro. Seu protesto revelou a verdade. Como ficou claro depois, eram tão parecidos que não se toleravam. Às vezes lutamos com mais veemência contra os outros por causa das coisas que não gostamos em nós mesmos.

3. Pergunte a si mesmo se não há um jeito melhor de tratar a situação. Às vezes você pode precisar tomar tempo com a pessoa para discutir seus sentimentos. Esta geralmente é a melhor coisa a fazer, a não ser que a outra pessoa não dê oportunidade a qualquer tipo de comunicação. Então, talvez seja preciso conversar com outra pessoa que saiba guardar segredos e que possa ajudá-lo a resolver seus sentimentos e capacitá-lo a criar um pouco de objetividade na situação.

4. Além dos passos acima, peça ao Cristo vivo que opera em você e na outra pessoa que os ajude a criarem um relacionamento edificante. Dê tempo ao tempo para que isto aconteça enquanto você tenta ser a pessoa que Cristo gostaria que fosse sob tais circunstâncias.

5. Reconheça que vocês não precisam ser amigos do peito para trabalhar juntos. O relacionamento talvez nunca chegue a ser ideal, mas vocês dois podem trabalhar complementando-se, enquanto reconhecem suas diferenças não resolvidas. A maioria das pessoas

tem de trabalhar neste nível.

6. O Senhor pode resolver usar este conflito para lhe ensinar como amar as pessoas desagradáveis. Se você se convencer de que essa é sua tarefa, a situação toda receberá um significado que pode capacitá-lo a extrair algo lindo do que está acontecendo.

7. O Senhor pode estar usando este conflito para levá-lo em outra direção. A insatisfação torna mais fácil assumir os riscos envolvidos numa mudança. Você terá de buscar diligentemente a vontade de Deus nesta questão. Não que Deus queira guardar a sua vontade como um segredo para nós — ele quer ajudar a nos entendermos melhor e a confiarmos nele de maneira mais completa. Uma maneira prática é pedir ao Senhor que crie uma oportunidade interessante, caso ele deseje que você mude. Ele pode nos dar o desejo e a oportunidade. “Porque Deus está operando em vocês, ajudando-os a desejar obedecer-lhe, e depois ajudando-os a fazer aquilo que ele quer” (Filipenses 2: 13, *O Novo Testamento Vivo*).

Não há um método garantido para determinar com certeza absoluta o curso correto de ação em nossos conflitos. Desejar fazer o “certo” não elimina o risco da fé, envolvido em decidir o que Deus está nos dizendo no meio de nossa luta. As boas-novas do evangelho dizem que nenhum erro é fatal, a não ser o fato de deixarmos de nos aventurar com Deus. Só quando nos aventuramos com Deus é que ele pode corrigir e remir nossos erros.

11. CONVIVENDO COM UM ALCOÓLATRA

CONFLITOS PESSOAIS surgem quando existe um problema anormal, como o alcoolismo. Melhorar nossos próprios padrões de interação deveria ser um de nossos alvos principais, mas o maior de todos os aperfeiçoamentos no mundo seria insuficiente para uma recuperação eficaz no que se refere a esta doença.

O alcoolismo existe desde que o homem esmagou uma uva pela primeira vez. Contudo sua causa e cura ainda são desconhecidas. E ele não afeta só o alcoólatra. O círculo da tragédia abrange a vida de todos aqueles que estão intimamente envolvidos, e até mesmo eles podem ser enredados na doença.

O Dr. Roger Egeberg, do "Departamento de Saúde, Educação e Bem-estar dos Estados Unidos", denunciou o alcoolismo como o problema de saúde número um daquele país. Nove milhões de norte-americanos estão diretamente afetados, além de outros trinta e seis milhões de membros de suas famílias. O sociólogo Walter S. Krusich fornece provas estatísticas de que se doze pessoas começarem a beber juntas socialmente, uma delas se tornará alcoólatra dentro de dez anos e outras três acabarão tendo sérios problemas com a bebida (*The 13th American*, Pastor Paul, págs. 71-72).

O Dr. William B. Terhune, autoridade nacionalmente respeitada, advertiu que se a atual tendência continuar, um em cada oito norte-americanos adultos que

agora vivem, tornar-se-á alcoólatra. O problema é tão assustador que cria sofrimento indizível para todos aqueles que por ele são afetados.

Só três por cento dos alcoólatras acabam como marginais. Isto significa que 97 por cento permanecem, até certo ponto, no grupo principal da sociedade. Alcoólatras ocupam todos os níveis de cargos públicos; dirigem aviões; exercem a cirurgia; policiam as ruas; ensinam nossos filhos; e até mesmo pregam em nossos púlpitos. Portanto, o fato da pessoa pertencer à baixa sociedade não é que vai determinar se ela é alcoólatra ou não.

“Como posso saber se uma pessoa é alcoólatra?” (Apenas com o propósito de facilitar a leitura, vamos nos referir ao alcoólatra no masculino. Estatisticamente, mais de 30 por cento dos alcoólatras do país são mulheres. Os peritos se referem a estes 30 por cento como “a ponta do *iceberg*”, porque são tantas as mulheres alcoólatras que ficam escondidas em casa por suas famílias, ignorantes demais ou tão envergonhadas que não procuram para elas a ajuda tão desesperadamente necessária. Não pretendemos também ignorar, por inferência ou exemplo, o adolescente alcoólatra. As estatísticas claramente demonstram que o mais dramático surto de alcoolismo está ocorrendo entre os adolescentes). A pergunta acima tem sido repetidamente feita a pastores, conselheiros, e amigos simpatizantes. É de suma importância, pois, que estejamos suficientemente bem informados para reconhecermos a doença a fim de que participemos da solução e não façamos parte do problema.

O alcoolismo é uma doença tríplice. Envolve uma disfunção física, na qual a vítima não consegue ingerir

álcool controladamente. Envolve uma estrutura de personalidade especialmente vulnerável à tensão. Finalmente, considerando que os efeitos destruidores do álcool se sobrepõem à personalidade, o alcoólatra é também uma pessoa espiritualmente enferma. Em outras palavras, *o alcoolismo é uma alergia física ao álcool, aliada a uma obsessão mental de usá-lo, a qual resulta em uma doença da pessoa toda.* A “alergia” geralmente é comparada ao diabetes. Por motivos desconhecidos, o diabético perdeu a capacidade de assimilar o açúcar como as outras pessoas, e a perda é permanente. O alcoólatra perdeu, para o resto da vida, a capacidade de controlar o álcool. Jamais poderá retornar a beber moderadamente.

Mas o alcoólatra vê a bebida como solução e não como problema. Para ele, o álcool fornece um atalho para vencer a timidez, aliviar uma crise, apaziguar a consciência, subjugar a ira e o ressentimento, criar a sensação de ser um gênio, justificar o fracasso, esquecer oportunidades perdidas, desfrutar de autopiedade, ignorar responsabilidades e deixar os fatos de lado. O alcoólatra se embriaga em lugar de enfrentar a vida. Se um ou mais ajustamentos na vida — como saúde, vocação, relacionamentos sociais ou conjugais — estão periódica ou continuamente atrapalhados por causa da bebida, as evidências indicam a presença do alcoolismo.

Muitos mitos referentes ao alcoolismo não têm fundamento. Ser alcoólatra não tem nada a ver com a hora do dia ou com a quantidade que a pessoa bebe; onde e com que frequência; com quem bebe ou que tipo de bebida usa. A pergunta crucial é: O que o álcool está fazendo à pessoa?

Autoridades no assunto identificam duas diferenças principais entre aquele que bebe muito e o alcoólatra.

Primeiro, o alcoólatra cria uma tolerância ao álcool, o que significa que sua capacidade de ingerir álcool aumenta e é preciso cada vez mais álcool para que faça efeito sobre ele. Na pessoa que bebe muito, a mesma quantidade de álcool geralmente produz o mesmo efeito; se bebe mais do que geralmente faz, fica mais afetado. Em segundo lugar, alguém que bebe muito, mas não é alcoólatra pode escolher onde, quando, quanto e com quem vai beber; pode beber ou não beber, de acordo com sua vontade. Resumindo, tem controle sobre o seu hábito de beber. Com o alcoólatra, acontece exatamente o contrário (*The 13th American*, Pastor Paul, págs. 105-106).

Mas os peritos estão prontos a reconhecer que a pessoa que bebe muito pode realmente estar nos primeiros estágios do alcoolismo. A "Associação Médica Americana" declarou:

O alcoolismo pode ser classificado em: (1) alcoolismo primário que inclui, (a) os pacientes que desde o primeiro gole de uma bebida alcoólica ficam incapacitados de controlar o seu desejo de beber, e (b) os que pelo seu uso durante muitos anos desenvolveram uma incapacidade de tomar um drinque ou deixar de tomá-lo e tornaram-se como o grupo a; e, (2) alcoolismo secundário, que inclui os que usam o álcool por causa de sua ação sedativa para fugir à

realidade e, em particular, de seus problemas pessoais... Este grupo secundário compreende a grande maioria dos pacientes que sofrem de alcoolismo; contudo, a maioria dos pacientes alcoólatras prefere ficar no grupo primário (*Ibidem*, pág. 106).

Para qualquer uma das classificações, um fator permanece: o alcoolismo é uma doença *progressiva*. Embora leve de cinco a vinte e cinco anos para o "alcoólatra secundário" desenvolver sintomas reconhecíveis, a espiral descendente continua seu curso inexorável. Alguns param durante anos em um estágio ou outro. Outros passam com grande rapidez pelos estágios. Todos, entretanto, chegarão à encruzilhada: uma estrada que leva para a recuperação, a outra para a insanidade ou morte.

Não existe um tipo geral de alcoólatra. Podemos dizer que existem quase tantos tipos quantos são os alcoólatras. Para os propósitos que temos em vista, vamos examinar três tipos — bebedores *constantes*, *periódicos* e *equilibrados*. Como a palavra dá a entender, o "bebedor constante" é aquele que bebe continuamente, mas que pode ter períodos intermitentes de maior intensidade ou "bebedeiras". O "bebedor periódico" geralmente se abstém entre as bebedeiras, mas os interlúdios ficam cada vez mais curtos, através dos anos. O "bebedor equilibrado" não procura os efeitos máximos do álcool; simplesmente precisa manter certo nível médio de inebriação constante. Pode raciocinar o suprimento da bebida, a fim de distribuir seus efeitos por um período de tempo mais longo.

Se você acha que está se tornando viciado em álcool, faça a si mesmo as perguntas abaixo:

1. Perco horas de trabalho por causa da bebida?
2. A bebida está tornando minha vida familiar infeliz?
3. Bebo porque me sinto tímido diante de outras pessoas?
4. A bebida está afetando minha reputação?
5. Já senti remorso depois de beber?
6. Já passei por dificuldades financeiras por causa da bebida?
7. Procuro companheiros ou ambientes inferiores ao meu, quando bebo?
8. A bebida me torna indiferente ao bem-estar de minha família?
9. Minha ambição diminuiu desde que comecei a beber?
10. Sinto às vezes, vontade irresistível de beber?
11. Minha eficiência diminuiu desde que comecei a beber?
12. A bebida está pondo em risco meu emprego ou negócios?
13. Bebo para escapar às preocupações e problemas?
14. Bebo sozinho?
15. Já tive perda de memória completa como resultado da bebida?
16. Meu médico já precisou cuidar de mim por causa da bebida?
17. Bebo para desenvolver minha autoconfiança?
18. Já estive internado em hospital ou em qualquer instituição por causa da bebida? (*Understanding and Counseling the Alcoholic*, Howard J. Clinebell, Jr., pág. 19).

Uma resposta "sim" a duas ou três destas perguntas

é uma advertência de que podem surgir problemas. Há, entretanto, pontos fracos em qualquer lista que tem o propósito de evocar auto-reconhecimento. Um fator importante é que o alcoólatra é mestre em enganar-se a si mesmo e, sendo assim, não reconhece o álcool como a causa dos problemas enumerados. O alcoólatra pode usar a lista de forma negativa, retirando meia dúzia de perguntas ou mais que não se encaixem em seu particular estilo de vício e usá-las como prova de que não tem problema.

Os Alcoólatras Anônimos mencionam alguns outros métodos de autonegação e experimentação:

Beber apenas cerveja, limitar o número de drinques, nunca beber sozinho, nunca beber de manhã, só beber em casa, nunca ter bebida em casa, nunca beber durante o horário de trabalho, só beber em festas, passar do uísque para o conhaque, só beber vinhos naturais, concordar em pedir demissão se estiver embriagado no horário de trabalho, fazer uma viagem, não fazer uma viagem, jurar que nunca mais vai beber (com ou sem um juramento solene), fazer mais exercícios físicos, ler livros inspirativos, ir para uma fazenda especializada ou sanatório, aceitar trabalho voluntário em asilos — poderíamos aumentar a lista indefinidamente (*Alcoholics Anonymous*, pág. 31).

Não existe *cura* para o alcoolismo. A carreira do alcoólatra se caracteriza por inúmeras tentativas vãs de provar que pode beber como as outras pessoas. Nenhuma pessoa gosta de pensar que é física ou mentalmente diferente das outras. A idéia de que algum dia,

de algum modo, vai controlar e desfrutar da bebida é a grande obsessão de cada bebedor anormal.

A ilusão de que o alcoólatra pode controlar seu vício tem de ser desfeita. Após cada período considerável o alcoólatra fica pior, nunca melhor. Mas por meio das formas de auto-ilusão e experimentação, o alcoólatra tentará provar a si mesmo que é uma exceção à regra. Aparentemente sem se importar, ele vai arrastar todos aqueles que estão perto dele em espiral descendente. O fato é que autoconhecimento por si só não capacita o alcoólatra a parar de beber. Sem a ajuda de Deus e de pessoas interessadas, poucos recuperam a saúde e a felicidade. Nenhum verdadeiro alcoólatra *jamaís* recupera o controle. "Abstinência absoluta" é o segundo significado de "A. A." (Alcoólatras Anônimos).

Pode haver uma multidão de razões por que alguém toma o seu primeiro drinque, mas quando o drinque toma conta dele, *o objetivo principal do tratamento deve ser o de libertá-lo do álcool*. Ele precisa ficar livre do álcool para poder reagir a qualquer coisa ou a qualquer pessoa.

É importante que o não-alcoólatra se lembre de que o vício do alcoólatra é compulsivo. Devido à natureza da compulsão — muitas pessoas, inclusive os alcoólatras, pensam em suas compulsões particulares como coisas normais — é realmente difícil para o alcoólatra considerar o seu comportamento como anormal. Também é preciso perceber que, quando o alcoólatra chega ao estágio de viciado, *organizou sua personalidade e vida em torno do álcool*. Tornar-se abstinente não é uma questão de desistir de um mau hábito; é, na realidade, desistir do centro em torno do qual a pessoa organizou sua vida. A ameaça de o álcool não estar mais

à disposição produz a mesma espécie de pânico no alcoólatra que a remoção do oxigênio produziria em outra pessoa. Portanto, mesmo que uma pessoa reconheça em si os sinais precoces da dependência do álcool, normalmente ela racionaliza e diz: "Estes sinais de advertência não se aplicam a mim. Tenho muito bons motivos para o meu hábito de beber. Quando eu quiser, desisto." O fato é que quando um alcoólatra pode parar, geralmente não quer; e quando quer, não pode.

Por que o alcoólatra racionaliza e resiste à idéia de que pode ser um alcoólatra? A resposta está em parte no fato de viver numa civilização que tradicionalmente considera a embriaguez como questão de moral e força de vontade. Apesar de tudo o que as pesquisas têm revelado e de todos os casos estudados e documentados para provar que o alcoolismo é uma compulsão e uma enfermidade, muitas pessoas continuam crendo de modo diferente. Não importa o que digamos, nós vamos continuar crendo que se ele *realmente* quiser parar, simplesmente vai parar.

Esta falta de aceitação do conceito de doença é naturalmente absorvida pelo alcoólatra. Enquanto pensar em seu problema como essencialmente uma questão de força de vontade, vai resistir à ajuda de fora. Em sua mente, procurar ajuda seria admitir que é fraco e moralmente corrupto. Quando aceita o conceito da doença, entretanto, e a aplica a si mesmo, sentir-se-á mais inclinado a procurar ajuda.

Se nós, na comunidade cristã, continuarmos perpetuando o conceito moralista de alcoolismo, seremos responsáveis em parte por empurrar os alcoólatras cada vez mais para dentro do escuro pantanal. Marty

Mann, fundador do "Conselho Nacional de Alcoolismo", expõe o assunto:

Até agora o alcoólatra tem sido levado a sentir vergonha, se não pode enfrentar a bebida sozinho. Nosso alvo deve ser o de inverter a situação: fazê-lo sentir vergonha de não procurar ajuda para a sua enfermidade. Se ele realmente vier a crer que está doente, as chances são grandemente aumentadas de que procurará tratamento. Milhares de casos têm provado isso (*Primer on Alcoholism*, Marty Mann, págs. 172-173, conforme citado por Clinebell em *Understanding and Counseling the Alcoholic*, pág. 242).

Para ajudar, temos de entender claramente o que Carroll A. Wise disse quando escreveu: "Fundamentalmente, o alcoólatra não é doente porque bebe, mas... bebe porque é doente, e então fica duplamente doente" (*Religion in Illness and Health*, Carroll A. Wise, pág. 37).

O alcoólatra tem duas defesas principais — negar e projetar. Nega que tem um problema até muito depois que se faz dolorosamente notado pelos outros. Considerando que já tratamos de sua negativa mais detalhadamente na primeira parte deste capítulo, vamos focar agora a sua segunda defesa — a projeção. Geralmente projeta o que odeia em si naqueles que se destacam proeminentemente em sua vida — a esposa, os filhos ou o patrão. O que diz a respeito deles é uma indicação do que sente a seu próprio respeito. Assim a dor e a destruição do alcoolismo não se limitam apenas aos alcoólatras. À volta de cada alcoólatra há o que foi

apropriadamente intitulado “um círculo de tragédias”, abrangendo todos aqueles cujas vidas estão em íntimo contato com o alcoólatra.

Uma senhora escreveu-me sobre sua dificuldade de viver com um alcoólatra.

Na primeira vez em que se começa a perceber que estamos vivendo com um alcoólatra, a reação imediata é a de rejeitar — enterrar o assunto — fazer de conta que você mesmo está um pouco tenso sobre a questão do álcool. . . Durante sete anos agi como se não fosse um problema. Recolhi-me na presunção irreal de que era uma vida normal. . . Meu marido cria que não era um alcoólatra, porque jamais estivera na cadeia e nunca tomara um drinque de manhã. Mesmo assim nosso casamento e lar estavam em constante estado de tensão. Tudo e todos eram acusados por sua falta de felicidade, exceto a garrafa. Amigos bem intencionados deram conselhos inúteis, e mesmo o envolvimento em atividades na igreja não diminuiu o problema. Comecei a me sentir como se eu mesma estivesse louca. . . Um dia, uma boa amiga, ela própria uma alcoólatra recuperada, disse-me: “Eu não posso ajudá-la. Ou você fica nessa confusão porque gosta dela, ou você tem medo de uma mudança.” Foram palavras duras, mas sérias, vindas de uma amiga.

Um problema de bebida geralmente pode ser mais facilmente reconhecido pelo comportamento da esposa do que pelo do bebedor. Quando ela começa a

escondê-lo e resguardá-lo de todas as conseqüências do seu hábito até onde pode, só está ajudando a prolongar os anos de alcoolismo e a agonia que os acompanha. A verdade é que um alcoólatra não beberia como faz, se sua esposa (ou mãe) permitisse que ele dependesse de si próprio e aceitasse toda a responsabilidade de suas ações.

Pastor Paul, autor de *The 13th American* (*O 13º Americano*) e alcoólatra curado, diz que *a coisa mais cruel que pode ser feita ao alcoólatra é permitir que fuja do seu problema*. Ele tem de ser confrontado com o problema de maneira compreensiva, não de julgamento. Para ser compreensivo, o cônjuge, patrão ou amigo deveria informar-se de alguns fatos sobre o alcoolismo. São facilmente obtidos em qualquer grupo local dos Alcoólatras Anônimos ou o grupo "Alanon".

O alcoólatra tem de "chegar até o fundo" antes de seriamente procurar ajuda. Os termos "fundo alto" e "fundo baixo" referem-se ao grau de desintegração social que se apresenta quando ele começa a se abrir para receber ajuda. Afastando as muletas e a proteção, o fundo pode ser elevado mais rapidamente para o alcoólatra, que é obviamente a coisa melhor que alguém pode fazer. É contraproducente mimar um alcoólatra que ainda está bebendo. Não deve ser resguardado das conseqüências do seu comportamento. Deve ser aceito como pessoa doente, mas como disse Gert Behanna, autor de *The Late Liz*: "Não aceite nosso comportamento inaceitável." O cônjuge não-alcoólatra não deve assumir a culpa de tudo o que vai mal no casamento de um alcoólatra. Ninguém faz outra pessoa tornar-se alcoólatra, e ninguém pode inverter o processo.

Damos abaixo uma lista de sugestões positivas e

negativas que podem ajudar na recuperação:

Procure conhecer os fatos sobre o alcoolismo.

Crie uma atitude de adaptação aos fatos.

Converse com alguém que compreenda o alcoolismo.

Faça um análise pessoal.

Procure os Alcoólatras Anônimos.

Mantenha uma atmosfera sadia em seu lar.

Incentive o alcoólatra a interessar-se por coisas novas.

Aceite uma possível recaída serenamente, caso isso aconteça.

Passe a outros os seus conhecimentos sobre o alcoolismo.

Não pregue sermões nem faça preleções ao alcoólatra.

Não assuma uma atitude de santidade diante dele.

Não use o apelo "se você me amasse".

Não faça ameaças que você não vai cumprir.

Não esconda nem jogue fora as bebidas.

Não discuta com o alcoólatra durante uma bebedeira.

Não insista no tratamento.

Não espere uma recuperação imediata total.

Não tenha ciúmes dos métodos de recuperação.

Não tente proteger o viciado do álcool. (*The 13th American*, Pastor Paul, págs. 154-155).

Um amigo A. A. escreve:

A maioria de nós, os alcoólatras, tentamos esconder nossos problemas daqueles que

nos amam e tentam nos proteger. Infelizmente, esta proteção só evita que busquemos e recebamos a ajuda de que tão desesperadamente precisamos.

Há esperança e ajuda para o alcoólatra de hoje e para sua família, que geralmente precisa tanto de ajuda quanto o próprio alcoólatra. A. A. e "Alanon" têm amplos registros que provam a ajuda que prestaram a alcoólatras e suas famílias, no sentido de sua cura. Nem remédios, nem psiquiatras, nem o clero têm podido conseguir mais de 1 por cento na estatística da recuperação; mas as estatísticas mais conservadoras relacionadas com os A. A. indicam que mais de 60 por cento daqueles que permanecem no programa se recuperaram. Assim, estatisticamente, os A. A. são sessenta vezes mais eficientes do que qualquer outro meio conhecido que lida com o problema! Isto é tão significativo, que qualquer pessoa que realmente deseja ajuda tem as maiores oportunidades de encontrá-la no programa dos A. A.

Um dos motivos para o sucesso dos A. A. é que o programa trata da pessoa toda — corpo, mente e espírito. Os Alcoólatras Anônimos são a organização mais antiga (quarenta anos), maior (850.000 membros, isto é, alcoólatras recuperados) e a de mais sucesso em existência para ajudar os alcoólatras. Não há nenhum mistério ou mágica nos A. A. Seu simples programa de recuperação foi primeiro vivido e, depois, descrito por dois "alcoólatras sem esperança" — Bill W. e Dr. Bob.

O programa dos A. A. compreende doze passos *sugeridos* para a recuperação, e enfatiza a graça e a liberdade. O programa é profundamente espiritual e tem uma orientação tão realista para a recuperação que

poderia fornecer um modo de vida sadio para qualquer pessoa. Não posso contar o número das pessoas que conheço que encontraram em Jesus Cristo o seu Salvador pessoal, enquanto davam os passos dos A. A. Algumas das nossas reuniões na "Christian Concern Fellowship" poderiam ser facilmente consideradas reuniões dos A. A. por causa do grande número deles presentes. Sinto-me verdadeiramente grato pelos amigos A. A. pois eles se recuperaram de um inferno em vida, e conseqüentemente compreendem em profundidade a graça, o perdão, a aceitação e o amor.

O programa de doze passos, com as devidas modificações, pode ser usado por qualquer pessoa que procura um modo de vida mais vitorioso e mais significativo.

1. Admitimos que não podíamos vencer o álcool — que nossa vida se tornara incontrollável.
2. Acreditamos que um Poder maior do que nós mesmos podia restaurar nossa sanidade.
3. Tomamos a decisão de entregar nossa vontade e vida aos cuidados de Deus como nós o entendíamos.
4. Fizemos uma análise moral profunda e destemida de nós mesmos.
5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outros seres humanos a natureza exata de nossos erros.
6. Estávamos totalmente dispostos a permitir que Deus removesse todos estes defeitos do nosso caráter.
7. Humildemente lhe pedimos que removesse nossas faltas.

8. Fizemos uma lista de todas as pessoas a quem prejudicamos e nos prontificamos a reparar todo o mal que fizemos.
9. Fizemos reparações diretas sempre que possível, exceto quando o fazê-lo prejudicaria outros ou elas mesmas.
10. Continuamos fazendo uma análise pessoal e quando errávamos admitíamos prontamente.
11. Buscamos, por meio da oração e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus como o entendemos, orando só no sentido de conhecer sua vontade para nós e receber poder para executá-la.
12. Devido ao despertar espiritual que tivemos como resultado destes passos, tentamos levar esta mensagem aos alcoólatras, e praticar estes princípios em todos os nossos negócios. (*Alcoholics Anonymous*, págs. 59-60)

Um amigo íntimo, membro dos A. A., deu-me certa vez a *Oração da Serenidade* deles:

Deus, dá-me a serenidade de aceitar as coisas que não posso mudar, a coragem para mudar as coisas que posso e a sabedoria para reconhecer a diferença.

Estas simples palavras têm constituído um “salva-vidas” para muitos alcoólatras que estão lutando contra o vício. Eles também podem modificar verdadeiramente as atitudes diante daqueles que tentam ajudá-los. Ouça um alcoólatra descrever sua experiência com os A. A.

Sendo alcoólatra inveterado, procurei a ajuda da família, de amigos, de médicos, de psiquiatras, da igreja e, *finalmente*, dos A. A.

Freqüentei as reuniões dos A. A. por mais de três anos sem demonstrar nenhum sinal de recuperação. Os 12 passos estavam na parede claramente visíveis, eram lidos em voz alta em livros e panfletos. *As respostas estavam lá*, mas eu era incapaz de recebê-las. Todavia, eu precisava daqueles A. A., do seu amor, da aceitação e do incentivo diante de um fracasso após outro, semana após semana, ano após ano. Jamais me senti rejeitado, julgado ou desesperado em uma reunião dos A. A. Eles me amavam, cuidavam de mim, conversavam comigo, e me alimentariam, vestiriam e abrigariam se essas fossem minhas necessidades.

Eles não exigiam que eu me “endireitasse ou desse o fora”. Eles não me davam respostas para depois me abandonarem a fim de que eu mesmo as pusesse em prática. Identificavam-se comigo no meu problema, e foram verdadeiros canais da graça de um Deus amoroso.

Eu não sei onde estaria hoje se a disponibilidade deles fosse ditada por minha reação às suas respostas. Levou três anos e meio antes que eu comesse a pôr em prática na minha vida os princípios dos A. A. . Três anos e meio tendo as respostas mas não sendo capaz, ou não desejando (que diferença faz? eu achava que estava sendo sincero) apropriar-me delas. Se os A. A. só fossem princípios, eu jamais teria conseguido. Os princípios eram as respostas, mas

aquelas *pessoas* me apoiaram com seu amor até que eu fosse capaz de receber a ajuda que tão desesperadamente elas queriam que eu recebesse.

Não consigo transmitir ao leitor, adequadamente, o profundo respeito que tenho pelos Alcoólatras Anônimos. A organização aprendeu a aplicar as boas-novas da fé judaico-cristã a um problema específico, e os resultados têm sido fenomenais.

Verdell e eu fomos convidados para um jantar na casa de Jim e Sherry Hutchinson e ouvir Roy T. contar a sua história. Roy crê que foi um alcoólatra desde o primeiro momento em que experimentou o álcool. Amigos que trilhavam o mesmo caminho, seus colegas, lembravam-se de que ele bebia de maneira “notável”, mesmo para um grupo acostumado a beber. Seu comportamento bizarro até lhe concedeu os apelidos de “Selvagem” e “Lixo Branco”.

Roy passou por uma experiência espiritual no exército quando se encontrava na Alemanha, em 1955, experiência que lhe deu uma pausa para meditar sobre o vício, mas não foi suficiente para acabar com ele.

Um bom emprego, família amorosa e vantagens materiais e sociais só o ajudavam a continuar em seu vício progressivo. Seu primeiro casamento acabou em divórcio.

Uma apresentação aos A. A., em 1958, seguida de comparecimento esporádico às reuniões — inclusive um ano de sobriedade naquele período — não foram eficientes. Não conseguiu aplicar o programa dos A.A. à sua vida.

Finalmente, Roy chegou ao fundo do poço, em 1973, na Cidade do México. Um chamado telefônico deses-

perado da esposa de Roy para um membro não-alcoólatra de nossa associação em Dallas resultou em outro chamado telefônico a um membro dos A. A. de nossa associação, que estava na Cidade do México “por acaso”. Quinze minutos depois, Roy “ouviu” a mensagem dos A. A. pela primeira vez.

A partir daí desapareceu a compulsão de beber, e Roy está progredindo, muito ativo no programa dos A. A. Não só se considera um milagre, mas também observa mudanças milagrosas em sua esposa, que é ativa na “Alanon” — uma associação mundial para os parentes e amigos dos alcoólatras, com o propósito expresso de incentivar e ajudá-los a enfrentar de maneira eficiente o vício descontrolado dentro do círculo familiar.

Conheci Roy antes da sua sobriedade. Mas a mudança que vi nele, o entusiasmo que tinha pela vida e pelas pessoas, foi lindo. Ouvimos Roy falar por mais de uma hora sobre o que os A. A. significavam para ele e como Deus veio ao seu encontro mediante o ministério deles. Verdadeiramente ele constituiu boas-novas para todos nós!

Os A. A. são o maior recurso que temos para ajudar um alcoólatra, mas provavelmente é o último lugar que a maioria dos alcoólatras vai procurar ajuda. Os sintomas negativos que já discutimos antes são um dos motivos por que ele resiste aos A. A., mas também, lá no fundo, ele sabe que é ali que está a verdadeira resposta e que ainda não está preparado. Um membro honesto dos A. A. explicou isso assim: “Eu não queria deixar de beber; simplesmente queria deixar de ficar bêbado.”

Se você pensa que pode ser um alcoólatra, mas resiste à idéia de procurar os A. A. por causa do medo de

ser visto, pense novamente. A maioria das pessoas intimamente associadas a você provavelmente já sabem. Responda a esta pergunta para si mesmo: "Você prefere ser conhecido como o bêbado da cidade, ou como um alcoólatra em recuperação?" Além disso, as pessoas só usam seu primeiro nome nas reuniões dos A. A., portanto você pode permanecer anônimo se preferir. *Se o álcool o mantém fortemente preso, procure os A. A.!* Se constitui problema para você ou outras pessoas, mas você não crê que seja um alcoólatra, faça um teste: *pare de beber!* Se você continua racionalizando para voltar a beber, precisa dos A. A.

Há uma coisa que os membros da família e os amigos não-alcoólatras podem fazer. Podem aprender a conviver de maneira inteligente com o problema. Com demasiada freqüência os não-alcoólatras envolvidos começam a reagir para com o alcoólatra com ira, frustração e desespero — o que só piora a situação. O alcoólatra fica trancado em sua enfermidade, mas o não-alcoólatra pode ajudar a destrancar essa porta aprendendo novos comportamentos e atitudes com aqueles que entendem o problema. Enquanto o alcoólatra reage como vítima e o cônjuge como o provocador, poucas esperanças há para a recuperação.

Nos Estados Unidos há duas organizações, Alanon e Alateen, que se especializam em ajudar os membros da família e amigos não-alcoólatras a entenderem os problemas que foram criados para eles e para o alcoólatra. O propósito explícito destas organizações é quádruplo:

1. Ajudar a resolver problemas devidos ao alcoolismo no lar.
2. Partilhar experiências, força e esperanças com os outros em circunstâncias semelhantes.

3. Incrementar nossa própria saúde emocional e desenvolvimento espiritual.
4. Fornecer um ambiente mais sadio para toda a família, inclusive o alcoólatra, embriagado ou sóbrio. (*Alcoholism, The Family Disease*, [Alcoolismo, Doença da Família] pág. 4)

Uma mudança nas atitudes dos membros da família geralmente constitui a força para o bem que finalmente inspira o alcoólatra a procurar ajuda. *O alcoólatra pode ser ajudado quer queira quer não!* O momento certo é importante. Um alcoólatra forçado a procurar os A. A. cedo demais vai simplesmente rejeitar o programa e contar a todo mundo que os A. A. não ajudaram. Um bom membro dos A. A. pode sentir o momento certo, mas o cônjuge que realmente conhece o programa do "Alanon" pode fazer o melhor, tomando o controle na hora certa. Pressões adequadas aplicadas por membros da família informados terão valor em levar o alcoólatra na direção da ajuda. Você ficaria simplesmente sentado observando alguém que ama morrer de qualquer outra enfermidade? Alanon pode ajudá-lo a mudar suas atitudes e ensinar-lhe como enfrentar a situação criativamente na qualidade de pessoa informada, dando-lhe o apoio que você precisa nesta hora. Certa senhora escreveu:

Uma amiga que sabia que eu estava lutando com um marido alcoólatra sugeriu que fosse assistir a uma reunião da "Alanon". Relutantemente concordei em assistir à reunião com uma pessoa que não conhecia, nem desejava conhecer. Ir significava enfrentar o problema que eu temia e negava durante anos.

A senhora que me levou continuou insistindo em que eu devia assistir pelo menos a seis reuniões consecutivas para entender o programa. Mas eu não queria assistir nem àquela primeira reunião. As pessoas foram simpáticas mas o programa parecia estranho e pouco familiar. Falaram sobre aceitar o que eu não podia entender e viver só 24 horas por vez.

Não voltei. Sentia-me desajeitada e não gostava daquilo. Isso aconteceu no meado do nosso vigésimo-primeiro ano de casamento. Em novembro daquele mesmo ano eu estava a ponto de explodir. Não podia conviver com a culpa, com o medo e com a frustração, mesmo sendo cristã. Prometi a Deus e a mim mesma que voltaria à Alanon para duas reuniões por semana, durante todo o mês de novembro. Fui sozinha — precisei ir sozinha por que não era um acontecimento social, mas *uma questão de vida ou morte*. Assisti às reuniões. Descobri um laço comum que unia aquelas pessoas, muitas das quais conviviam com alcoólatras inveterados e enfrentavam a situação razoavelmente. Senti que pertencia àquele grupo, embora ainda desejasse rejeitar o problema, as pessoas e o programa. Mas fiquei. No fim daquele mês permiti que um pouco do programa calasse em meu espírito. Viviam segundo o programa dos Doze Passos dos A.A. Vinham às reuniões não em busca de sobriedade para o alcoólatra com o qual con-

viviam, mas de serenidade para si mesmas. É possível permanecer sereno em lugar de irracional e irritado no casamento com um alcoólatra!

Percebi que não era culpada de meu marido ter-se tornado alcoólatra e que eu não podia controlar ou curar o seu alcoolismo. Mas podia ajudar-me a mim mesma, meus filhos e a meu marido alcoólatra.

Comecei a deixar de encobrir sua situação ou assumir suas responsabilidades. Foi difícil, depois de fazer o contrário durante tantos anos. Comecei a ver que a bebida não significava que ele estivesse me rejeitando, mas era antes uma derrota diante da compulsão e do vício. Comecei a libertá-lo.

Anotei numa folha de papel todos os meus temores e os repassei diante de Deus e com uma amiga. Enfrentando-os, deixaram de parecer tão imensos.

Assumi o compromisso de ajudar o alcoólatra com o qual estava casada a ir até ao fundo.

O lema da "Alanon" é "Viva e deixe viver", mas para "deixar viver" é preciso primeiro "viver". Descobri que a "Alanon" ajuda a viver apesar da presença da enfermidade do alcoolismo.

Parece que os cônjuges, os pais, outros parentes e amigos não-alcoólatras resistem à idéia de procurar a "Alanon" ou a "Alateen" por causa de algumas das mesmas razões por que os alcoólatras resistem aos A.A.

Se você quer que ele receba ajuda, por que você não procura ajuda antes?

A "Alateen", segundo já mencionamos, é uma organização para jovens entre treze e vinte anos que tenham pais com sérios problemas de bebida. Ajuda os adolescentes a compreenderem e a obterem algum grau de neutralidade emocional no problema dos pais.

Você pode telefonar a um grupo local dos A. A. para obter informações sobre qualquer uma destas três organizações.

Há esperança para qualquer pessoa envolvida no problema! Os A. A. declaram: "Raramente vimos uma pessoa falhar se usou meticulosamente nosso método." É uma declaração e tanto, e seu rol de membros compõe-se de milhares de alcoólatras recuperados que estão vivendo para provar sua veracidade.

12. ENFRENTANDO PERTURBAÇÕES EMOCIONAIS

ÀS VEZES A RAIZ do conflito pessoal pode realmente ser um desequilíbrio emocional. Somos bastante sábios para perceber que todos nós, às vezes, nos comportamos irracionalmente. A tensão do momento, permitindo que fiquemos emocionalmente sobrecarregados, ou quando estamos fisicamente exaustos, pode produzir hostilidade injustificada, críticas perniciosas e comportamento irracional. Normalmente são de curta duração. Quando voltamos ao nosso equilíbrio emocional, voltamos para uma posição mais realista.

Embora necessitemos conscientemente tentar alterar qualquer e todos os padrões de reação destrutivos, por mais efêmeros que sejam, não há motivo para grande alarme, a não ser quando começam a escapar ao nosso controle. Às vezes simplesmente reconhecer ridículas e inúteis nossas reações negativas é suficiente para provocar uma direção corretiva. Ou, então, quando nos vemos nos outros, especialmente em nossos filhos, podemos dar um forte impulso na direção certa. Há de chegar um momento, entretanto, quando nem reconhecimento nem resolução de reagir de maneira diferente podem efetuar uma mudança. Podemos chegar a uma situação de realmente precisar ajuda. Essa ajuda pode vir de um cônjuge, de um amigo, de um conselheiro, dos recursos de nossa fé, ou

melhor ainda, de uma combinação de tudo isso.

Nós que estamos convencidos de que só Deus é aquele que cura e nos torna sãos, precisamos permanecer abertos às diferentes vias pelas quais ele nos traz a cura. Ele usa pessoas, acontecimentos e os talentos de nossa própria personalidade, pelo poder do seu Espírito, para despertar dentro de nós uma visão que nos leva na direção criativa. *Um dos sinais de nossa rebeldia contra Deus é a falta de vontade de receber ajuda, ou de receber ajuda só quando ela vem da maneira como nós queremos.* Talvez precisamos nos lembrar do que disse o Senhor: "Este meu plano vocês não poderiam executar, e os meus pensamentos também não são como os de vocês! Pois exatamente como os céus são mais altos do que a terra, os meus caminhos também são mais altos do que os de vocês, e os meus pensamentos mais altos do que os de vocês" (Isaías 55: 8, 9 *The Living Bible*).

Surge então a pergunta: "Posso confiar em Deus?" Será que temos alguma razão tangível para confiar nele? Sim! A obra redentora de Jesus Cristo nos dá a indicação mais clara possível de que podemos confiar nossa vida — passado, presente e futuro — nas suas mãos.

Parte da confiança nele é confiar nos processos da vida por meio dos quais ele nos conduz. Não que tudo o que nos acontece seja sua vontade perfeita, mas ele pode operar em tudo quando, pela fé, nos abrimos a ele. *Abrir-me a Cristo numa dada situação pode significar abrir-me àquela pessoa que ele colocou em minha vida e que pode me ajudar.* Ele pode usar diferentes pessoas em diferentes ocasiões para capacitar-nos a derrubar os muros que foram construídos ao nosso

redor pelas circunstâncias, pelos outros, ou por nós mesmos.

Se suas reações estão se tornando cada vez mais incontroláveis — a tensão aumentando, o conflito crescendo, a auto-estima diminuindo; hostilidade, ressentimento, ou autopiedade se acumulando — chegou a hora de fazer um balanço pessoal para tentar descobrir o que está fazendo você perder o controle. Falar com uma pessoa compreensiva e bondosa pode ser o passo mais prático a ser dado. A esta altura torna-se absolutamente essencial ter uma visão interior objetiva de você mesmo.

Não entre em pânico! Muitas pessoas carregam um medo profundo de ficarem mentalmente enfermas. Pensar que você está doente, e freneticamente tentar esconder o que você teme, só pode impeli-lo numa direção de autoderrota. Você pode estar atravessando uma leve ou mesmo séria perturbação emocional que pode criar muito conflito dentro de você mesmo e com os outros. Mas, lembre-se, há um caminho para sair do seu dilema. Muitas das pessoas mais sadias que conheço obtiveram parte dessa saúde lutando com problemas emocionais. Sua percepção e sensibilidade foram desenvolvidas no sentido do que está acontecendo nelas e àqueles que as rodeiam.

Não posso prescrever um exercício ou um processo que abra todas as portas do distúrbio emocional. Através de toda esta seção sobre como resolver conflitos pessoais temos sugestões extraídas das fontes positivas da fé cristã. Contudo, uma introspecção pode não ser suficiente. Geralmente precisamos de alguém que nos possa ajudar a apropriar-nos da visão interior. Deus deu talentos aos homens, e alguns têm o talento de

ajudar e aconselhar. Talvez eles nem tenham consciência de que seus talentos de discernimento e ajuda vêm de Deus, mas mesmo assim podem ajudar. Ninguém precisa sentir-se embaraçado ou envergonhado em procurar conselho. “O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvido aos conselhos” (Provérbios 12:15, *Almeida*).

Leia o livro de Provérbios (no Antigo Testamento) em uma das traduções modernas, à procura de sugestões simples e práticas que podem ajudar grandemente a reorientar sua vida. Para despertar seu apetite, vou citar alguns exemplos de “Salmos e Provérbios Vivos”.

Uma atitude de calma prolonga a vida de um homem; os ciúmes roem sua vida até acabar com ela (14:30).

Palavras delicadas trazem vida e saúde; a implicância desanima qualquer um (15:4).

Quando uma pessoa está emburrada, parece que tudo lhe vai mal; quando está animada, tudo lhe parece bem! (15:15).

É melhor tomar uma sopa com alguém que se ama, do que comer filé com alguém que se odeia (15:17).

Se você souber aproveitar as críticas construtivas, você será escolhido para ser um dos grandes homens da sabedoria.

Rejeitar as críticas, porém é prejudicar

tanto a você, como a seus melhores interesses (15:31, 32).

É melhor ter um bom temperamento do que ser famoso; melhor é saber controlar a si mesmo do que controlar um exército (16:32)

Qualquer coisa que você ouve acerca de outras pessoas parece verdade, até que alguém explique o outro lado da história, fazendo registro perfeito (18:17).

O trabalho diário traz prosperidade; a especulação apressada acaba trazendo pobreza (21:5).

Mostrar-se muito engraçadinho perto de quem está sofrendo uma grande tristeza de coração, é como furtar seu casaco no frio, ou esfregar sal nas suas feridas (25:20).

Quem se recusa a admitir que errou, nunca pode ter sucesso. Mas se confessar os erros e os abandonar, terá outras oportunidades (28:13).

Afinal das contas, o povo aprecia mais a franqueza do que a bajulação (28:23).

Acima de tudo, guarde os seus afetos, porque influem em tudo o mais na sua vida (4:23).

Quando você é bondoso, alimenta sua própria alma, mas ela é destruída quando você é cruel (11:17).

A reverência a Deus dá bastante força a um homem; seus filhos têm nele um lugar de refúgio e segurança (14:26).

Às vezes nossa ansiedade atinge um nível tão alto que não podemos reagir só com terapia verbal. Nesse ponto podemos alegrar-nos porque a medicina tem um meio de diminuir nossa ansiedade até que recuperemos força bastante para começar a tomar a direção construtiva.

Isto me coloca em posição de grande preocupação. Parece que há uma atitude de descrédito em muitos setores atualmente para com os conselheiros profissionais. Parte disto tem sido provocado pelos próprios conselheiros. Têm-se usado métodos muito inadequados e, como acontece em qualquer grupo, existem muitos charlatões por aí.

Outra parte do problema é um movimento atual de negar a existência real do problema. Alguns simplesmente rotulam tudo como sendo "pecado". Se você quiser tornar a sua definição de pecado bastante ampla para incluir qualquer coisa doentia que há no mundo — inclusive rebeldia moral, enfermidade física e distúrbio emocional — muito bem. Mas a definição bíblica é mais estreita. As Escrituras dizem que pecado é rebeldia intencional contra Deus e transgressão de suas leis; é fazer sua vontade própria, excluindo os direitos que o Criador tem na sua vida. Produz atos deliberados

e atitudes de destruição e imoralidade e estimula o egoísmo, a ganância e a concupiscência. Alguns fazem diferença entre a doença do pecado (rebeldia contra Deus) e os sintomas dessa doença (imoralidade, mentira, brutalidade, etc). Mesmo assim, a doença e os sintomas colaboram na destruição da pessoa.

Creio que encontramos exemplos claros nas Escrituras e na experiência humana de que o pecado pode produzir e geralmente produz enfermidade emocional e doença física. *Mas nem toda perturbação emocional ou doença física é um resultado direto de pecado pessoal.* Lembra-se da história do capítulo nove do Evangelho de João sobre o homem cego de nascença? Os discípulos de Cristo acharam que o homem era cego por causa de seu próprio pecado ou por causa do pecado de seus pais. Perguntaram: "Mestre. . . por que este homem nasceu cego? Isto foi consequência dos pecados dele mesmo, ou dos de seus pais?" Jesus respondeu: "Nem uma coisa, nem outra" (João 9:2, 3a, O Novo Testamento Vivo).

Havia um engano na teologia dos discípulos e o Senhor usou uma experiência concreta em vez de uma exposição oral para corrigir seu conceito errôneo.

Procurando a raiz do problema, pode-se descobrir que a pessoa esteve vivendo em rebeldia contra Deus e as leis morais de Deus. Neste caso, o arrependimento, a confissão e uma ação responsável resolveriam o problema. Se o indivíduo jamais convidou o Cristo vivo para entrar em sua vida como seu Salvador e Senhor, então este ato de fé após o arrependimento poderia restaurar sua completa serenidade.

Se o distúrbio emocional foi provocado por tensão que ficou fora de controle, ou devido a um dano nas

funções cerebrais, ou porque o metabolismo da pessoa está desequilibrado, ou porque está arcando com uma sobrecarga de conflitos inconscientes que não foram resolvidos, então a solução para o seu dilema se achará em outro lugar. Não divorciada da fé, mas a fé em cooperação com os recursos disponíveis dentro do campo da psicologia, da psiquiatria e da medicina.

Se eu estivesse com apendicite aguda, não desejaria que um leigo removesse meu apêndice. Se eu me sentisse perturbado acerca de minhas condições emocionais e experimentasse os passos práticos sugeridos, mas a minha situação piorasse em lugar de melhorar, procuraria ajuda psicológica ou psiquiátrica competente. Quero enfatizar de novo que procurar ajuda profissional competente não é negar nossa fé ou o poder de Deus em nossa vida. É um dos caminhos práticos por meio dos quais Deus pode nos atingir de maneira redentora, exatamente como usou a profissão médica para curar nossas enfermidades físicas.

Eis algumas sugestões para aqueles que gostariam de consultar um conselheiro competente mas não sabem como descobrir uma pessoa de competência no campo. Se a sua igreja tem um ministério poderoso em aconselhamento com bons resultados, pode começar por aí. Se você conhece alguém que recebeu aconselhamento profissional com bons resultados, pergunte a ele. Se você não tem contatos pessoais, pode verificar nas fontes disponíveis de sua cidade ou comunidade. Quando marcar uma consulta, verifique se o terapeuta está devidamente credenciado para o exercício da profissão e se é reconhecidamente idônea a instituição que o credenciou. Veja qual é seu campo específico de estudos. Descubra quanta experiência o terapeuta tem,

quem ele consulta e quanto cobra.

Se estiver satisfeito com as respostas, marque a consulta. Se ainda sentir-se duvidoso, peça nomes de médicos, ministros de religião ou outras pessoas que prestam ajuda nesse campo, que enviam clientes a esse terapeuta. Agradeça-lhe ou à sua secretária as informações, depois telefone para as pessoas citadas. Pergunte a elas se poderiam recomendar-lhe um terapeuta e indague por que encaminharam outras pessoas a ele. Esta verificação minuciosa é de todo legítima e pode dar-lhe um pouco mais de confiança para fazer uma escolha. Passando por este simples processo você aumentará grandemente suas vantagens para encontrar ajuda competente. Em sua primeira entrevista faça outras perguntas que você acha lhe darão a visão necessária da pessoa em quem você está confiando para ajudá-lo a atravessar alguma situação difícil.

A importância de encontrar ajuda qualificada e competente não pode ser subestimada quando houver um problema pessoal, emocional ou social que você é incapaz de resolver ou de enfrentar satisfatoriamente. Muitas ilustrações poderiam ser apresentadas, mas uma basta. Quando há um problema emocional causado por um desequilíbrio químico no organismo, não haverá conversa (religiosa, psicológica, ou qualquer outra) que alivie a angústia. Um conselheiro competente estará prevenido quanto a esta possibilidade e desejará que seu cliente faça um exame físico completo se os sintomas de angústia o autorizarem.

Se o preço do tratamento está além de suas posses, entre em contato com as agências de serviço social e instituições de saúde mental ou serviço de aconselhamento fornecido pelas igrejas de sua cidade. Muitas

destas agências usam uma forma de pagamento variável: de acordo com seus recursos. Sejam quais forem suas limitações, a ajuda está disponível.

Reconhecer que nós ou alguém que desfruta da nossa intimidade está com problemas emocionais não é coisa automática, nem fácil. Na maior parte do tempo, as mudanças de comportamento serão graduais. Embora percebamos algumas mudanças, elas podem vir tão lentamente que nos condicionam a novas normas para nós e para outros. Um amigo meu, de um outro estado, relutou em procurar ajuda embora ele e a esposa vivessem juntos em tormento. Sua esposa está emocionalmente descontrolada; sua deterioração emocional manifestou-se no decurso de vários anos, e durante esse tempo ele ficou condicionado a aceitá-la como uma pessoa queixosa e cheia de melindres. Ele não enfrentou o fato de que o comportamento dela era anormal. Ela é extremamente paranóica — pensa que todos querem prejudicá-la. Ele interpretou o comportamento dela como pura pirraça, porque não o ama de verdade. Na realidade ela está expressando hostilidade para com ele, porque não a está protegendo de inimigos imaginários. Quantos mal-entendidos e miséria poderiam ter sido evitados se um deles tivesse reconhecido o que começou a se desenvolver há anos e tivesse providenciado medidas corretivas!

Vou fazer uma lista de sintomas que, se continuados sugerem a possibilidade de perda de controle. Como qualquer outra lista desta natureza, não é completa. Geralmente é preciso uma combinação de fatores e sintomas para levar uma pessoa além dos seus limites. Mas para proteger-se contra uma pessoa que esteja lutando às cegas sem reconhecer a situação, vamos

observar alguns sintomas.

1. Insônia, inquietude e perda de apetite.
2. Retraimento para com os amigos e conhecidos.
3. Súbitas explosões de raiva com pequena ou nenhuma provocação.
4. Longos períodos de depressão.
5. Tendência crescente de responsabilizar o ambiente por suas próprias falhas.
6. Excessiva preocupação em que os outros concordem com suas idéias.
7. Hipersensibilidade a todo tipo de tensão.
8. Sensação constante de que uma coisa terrível vai acontecer que não tem base racional na realidade — pessimismo extremo.
9. Desorganização de personalidade — aparente em rápidas mudanças de humor, comportamento esquisito, mudanças no comportamento sexual com maior ou menor interesse, mudanças nos padrões da alimentação e do sono.
10. Repetição persistente de pensamentos perturbadores e, às vezes, horripilantes.
11. Repetição de certos atos estereotipados.
12. Sensação de irreabilidade e alienação de si mesmo e de seu ambiente.
13. Uma preocupação persistente com a saúde física e emocional.
14. Continuamente dominado por sentimentos de indignidade, culpa e desespero.
15. Ilusões e alucinações.
16. Reações inadequadas às circunstâncias externas.

17. Fuga da realidade para um mundo de sonho.
18. Sentimentos ambivalentes que tendem a dominar e deixar a pessoa mal-humorada e deprimida.
19. Um fluxo de idéias que não se relacionam logicamente.
20. Ausência de qualquer impulso ou ambição; indiferença; confusão progressiva.
21. Ciúme crescente; desconfiança; discórdia e sarcasmo.
22. Alterações rápidas de humor, como, por exemplo, da alegria para a depressão.
23. Desorientação quanto ao lugar, tempo, situação ou pessoa.
24. Exibição de emoções impróprias, como, por exemplo, rir quando deveria chorar.
25. Perda de controle emocional, como, por exemplo, chorar continuamente.

Para aqueles que reagem fortemente às sugestões e acham que cada declaração os descreve — *cuidado*. Toda pessoa pode identificar alguns destes sintomas em si mesma em diferentes ocasiões. O que importa não é se você já se sentiu deste ou daquele modo, ou se está se sentindo assim agora. Os fatores importantes são: 1) se os sintomas persistem e aumentam; e 2) se estão começando a incapacitá-lo e a prejudicar seu funcionamento normal. Nesse caso você pode ter de procurar ajuda competente para transpor estas barreiras a fim de experimentar com mais liberdade a vida e o amor.

Há desordens da personalidade psicopata que precisam de terapia intensiva. O psicopata não tem consciência e procura apenas a gratificação imediata. Tem

uma tolerância à frustração extremamente baixa e ataca a causa da frustração com intensidade ou foge sem considerar o resultado prático de sua ação.

Você não pode superar suas diferenças com alguém que está emocionalmente perturbado até que o distúrbio seja adequadamente resolvido. Não há garantias de que um relacionamento vai melhorar depois que os problemas, tais como os que discutimos, sejam resolvidos. Mas podemos ter certeza de que o relacionamento não tem nenhuma chance até que estes problemas sejam adequadamente resolvidos.

13. SOLTEIRO E INSEGURO

SER SOLTEIRO EM UM mundo de casados pode criar muitas crises. E o sentimento de que este é um mundo de casados não é a menor delas. As estatísticas confirmam isso. Se você é solteira e mulher de vinte e um anos, faz parte de um grupo minoritário. Se você tem trinta e cinco anos, está entre os oito por cento que não se casaram. O homem junta-se ao grupo da minoria aos vinte três e aos trinta e cinco descobre que 86 por cento dos que têm a sua idade estão casados.

Ser solteiro numa civilização predominantemente de casados pode contribuir grandemente para o desenvolvimento de uma auto-imagem negativa. A sensação de que deve haver algo errado, tanto na mente do solteiro como na estrutura da sociedade, não ajuda o indivíduo a crescer nem o estimula a descobrir e oferecer ao mundo a sua contribuição peculiar.

Destes sentimentos negativos brotam amargura, depressão e o medo de estar perdendo o melhor da vida. Isto às vezes leva a pessoa a mergulhar em relacionamentos pouco sadios ou até mesmo em casamentos imaturos, simplesmente porque quis fugir à doença de ser solteiro. Outros se apegam à obsessão de que o casamento vai tornar lindas todas as coisas. Embora eu jamais desencoraje os sonhos de uma pessoa de procurar companheirismo e intimidade, tenho de destacar a realidade de que o casamento não resolve todos

os nossos problemas. Pode resolver alguns, mas também cria outros novos. *A questão é que temos que "viver" na situação em que estamos e não onde desejaríamos estar.*

Tratamos mais especificamente das diferentes espécies de crises que surgem no divórcio, no capítulo "Vivendo acima dos nossos fracassos". Aqui focalizaremos atitudes e ações que podem ajudar a pessoa solteira a viver plenamente.

1. O matrimônio não é o único relacionamento que oferece intensidade e intimidade. A pessoa solteira pode procurar outras pessoas solteiras, e casais também, e desenvolver amizades significativas que serão mutuamente benéficas. Um exemplo em grande escala é o alcance do ministério chamado "Spiritual Growth Foundation", Fundação de Crescimento Espiritual, em Lubbock, no Texas. Esta associação de cristãos tem recebido solteiros em seu meio. Dentro dos seus pequenos grupos, literalmente centenas de solteiros têm encontrado aceitação, apoio e estímulo espiritual e social — em resumo, uma família de pessoas que se interessa e pelas quais eles podem se interessar. Ninguém pode deixar de ficar profundamente emocionado diante da comunidade carinhosa e, às vezes, desafiante que está surgindo no grupo deles.

A fé cristã tem em si recursos para incluir outros como membros de nossa família espiritual. Estes recursos nos ajudam a vencer a solidão e sentir que nós também pertencemos a alguém e temos algo de real valor para contribuir. O companheirismo está à disposição fora do casamento, em amizades de ambos os sexos.

Através do anos um grande número de solteiros tem

participado de nossos estudos bíblicos, retiros e grupos. Aqueles com os quais tenho feito amizades têm enriquecido minha vida e têm me ajudado a entender melhor a caminhada da autêntica integridade para a qual Cristo nos chama. O caminho pode ser solitário, mas o mesmo acontece com todos nós às vezes, apesar de nosso status conjugal ou familiar. Contudo, aqueles que sentem a dor da solidão com a intensidade que o estado de solteiro produz podem apreciar o dom de um amigo carinhoso mais do que os outros.

2. Estar solteiro oferece uma liberdade única — a liberdade de uma vida sem restrições com a oportunidade de explorar ou mudar, em quase todas as áreas ou direções que a pessoa escolher. Um velho provérbio diz que aquele que viaja com menos carga, vai mais longe. Na qualidade de pessoa solteira você pode aplicar a si este provérbio. Sua vida pode ser vivida com grande simplicidade, com mais liberdade de movimentos. As possibilidades criativas de investir-se são quase ilimitadas. Mas para que a sua criatividade se expresse, você tem de aceitar-se e ao seu estado civil como um dom a ser dado aos outros, e não como uma maldição. A declaração de Paulo sobre se uma pessoa deveria casar-se ou permanecer solteira resume bem a questão: “Mas, ao decidir tais assuntos, tenham certeza de que vocês estão vivendo como Deus planejou, casando-se ou não se casando, de acordo com a direção e ajuda divina, e aceitando qualquer situação em que Deus os colocar” (1 Coríntios 7:17, *O Novo Testamento Vivo*).

3. Estar solteiro hoje não significa necessariamente que seu estado civil é permanente. O mesmo se aplica ao casado: doença, morte ou divórcio podem alterar

sua situação rapidamente.

Só porque você tem trinta anos e está solteiro não é motivo para fechar sua vida à possibilidade do casamento. Muitos fazem assim. Começam a afastar-se dos outros e penetram em ciclos de depressão, porque têm medo de que haja algo errado com eles ou que Deus esteja cruelmente permitindo que a vida passe por eles.

O segredo está em viver o mais plenamente possível *agora* em lugar de choramingar pelo passado (o que poderia ter acontecido) ou pelo futuro (o que pode não acontecer). Eu sei que é muito mais fácil dizer do que fazer, mas o mesmo acontece com todas as coisas que valem a pena na vida.

4. Cristo pode transformar sua solidão em um dom. Pode desenvolver sua sensibilidade para com as pessoas que sofrem e se sentem frustradas. Pode derramar Seu amor em lugares desolados por seu intermédio e pode abençoar os outros quando se identificam com sua solidão e começam a partilhar da esperança que sua fé proporciona.

Eu tive uma professora na faculdade, a Dra. McChristi, que perdeu o noivo na Primeira Guerra Mundial. Jamais se casou. Mas dava-se tão completa e abnegadamente aos alunos, que sua solidão veio a ser um presente de amor para todos nós. Ensinau inglês — jamais gostei desta matéria mas em sua aula aprendi mais sobre a vida e o Cristianismo, além de inglês, do que em qualquer outro curso que já fiz.

5. Lembre-se de que Cristo também era solteiro. Ele foi verdadeiramente humano! Ele entende seus sentimentos e suas necessidades, e pode capacitá-lo a aproveitar ao máximo sua solidão, se você permitir.

6. Cristo não veio para substituir ninguém em nossa

vida. Ele veio para tomar o seu lugar de direito como Deus, mas isto de maneira nenhuma exclui a necessidade do amor humano. Fomos feitos para viver em comunhão com Deus e uns com os outros. Ter um relacionamento adequado com Deus significa que somos apenas parcialmente realizados. Foi assim que Deus nos fez. Mas realização no nível humano pode ou não vir pelo casamento. Segundo já discutimos, a necessidade do amor humano e do companheirismo pode ser resolvida em pequenas doses por meio de diferentes amigos e pelos irmãos em Cristo. Talvez não haja aquela pessoa única com a qual podemos partilhar todo o nosso ser para o resto de nossa vida.

O sexo — um elemento que compõe nosso ativo ou nosso passivo — vem logo à tona quando enfrentamos nossa solidão. A necessidade de intimidade espiritual, emocional e física faz parte da natureza que Deus nos deu. Como todos os outros grandes dons do ser humano, o sexo poder ser uma bênção se for corretamente usado e pode ser uma maldição se for usado com egoísmo. Não podemos separar o ser da sexualidade. Parte do ser é masculino ou feminino. Pintar os dois da mesma cor é empobrecer a vida, asfixiar a criatividade, e tornar ridícula a sabedoria de Deus.

O padrão judaico-cristão para a expressão e controle sexual, conforme encontramos na Bíblia, continua oferecendo a melhor orientação que temos. Walter Trobis, em seu livro "Amei Uma Jovem" responde a uma carta que um jovem lhe escreveu por causa de uma experiência sexual fora do casamento. Eis algumas respostas concretas que têm base bíblica e são emocionalmente sadias:

Meu querido François,

Vamos pôr de lado por um momento a pergunta se o seu caso poderia ou não ser chamado de adultério. Você está absolutamente certo em dizer que o sexo não é pecado. Seus desejos, seus pensamentos ao ver uma linda jovem ainda não constituem pecado; também não é pecado sentir-se atraído. Você não pode evitar o desejo físico como não pode evitar que as aves voem em volta de sua cabeça. Mas pode certamente evitar que construam ninhos em seu cabelo.

Realmente, o desejo sexual foi criado por Deus. É um dom de Deus, um dos mais preciosos presentes que você já recebeu em sua vida jovem. Mas a existência de um desejo não justifica sua satisfação. A presença de um poder não implica que alguém deva ser orientado por ele, cegamente e sem restrições. . .

(O sexo) deve ser usado, mas em seu devido lugar e tempo, de acordo com o plano de Deus. Dentro desse plano o instinto sexual é uma coisa boa, uma fonte poderosa de vida e união de dois seres. Fora do plano de Deus, rapidamente se transforma em instrumento de divisão, fonte de crueldade, perversão e morte.

Poderia expressá-lo também desta forma: Dentro da vontade de Deus, a união sexual cumpre o seu propósito só quando é uma expressão de amor.

Uma frase em sua carta chamou minha atenção de maneira especial. Você escreveu:

"Amei Uma Jovem." Não, meu amigo. Você não amou essa jovem; você foi para a cama com ela — são duas coisas completamente diferentes. Você teve um encontro sexual, mas você não experimentou o que é o amor... pois o amor quer *dar*. O amor procura tornar o outro feliz, e não a si mesmo. Você agiu como puro egoísta. Em lugar de dizer "Amei uma Jovem", você deveria dizer "Eu amei a mim mesmo e a mim somente. Por causa disto abusei de uma jovem".

Não, você não amou. O verdadeiro amor envolve responsabilidade — um pelo outro e ambos diante de Deus. Onde há amor, já não se diz mais "eu", mas "você" "sou responsável por você, você é responsável por mim". Juntos, então, vocês podem apresentar-se diante de Deus, não mais dizendo "eu e você, mas 'nós'".

Só no casamento este "nós" se torna realidade plena. Só no casamento o amor pode realmente brotar e amadurecer, porque só lá pode encontrar permanência e fidelidade. O verdadeiro amor não pode acabar e não acaba nunca. Por isso é que deveríamos usar a grande frase "eu te amo" com muita parcimônia. Você deveria reservá-la para a jovem com a qual pretende casar-se.

O casamento é o lugar certo para você usar seus poderes sexuais. Ali eles o ajudarão a amar sua esposa. São uma expressão — entre muitas outras — por meio da qual você pode fazê-la entender o quanto a ama.

Se você usa seus poderes sexuais divorciados desta espécie de amor, está se preparando para um casamento infeliz...

Sinceramente,

T.

(*Amei Uma Jovem*, Walter Trobisch)

Agora, do ponto de vista de uma mulher, ouça Gini Andrews em seu livro *Your Half of the Apple* (Sua Metade da Maçã):

Não se coloque em situações nas quais seus hormônios entrem em tal tumulto que você não consiga mais ouvir outra coisa, muito menos a mansa voz de Deus, para depois dizer: "Por que ele me fez deste jeito?" Ele a fez um ser físico, um ser maravilhoso e sensível chamado Mulher, mas, como o restante de sua Criação, você está envolvida nas leis que governam o seu universo. Assim como você não espera que as aparas do aço atraídas por um ímã voltem ao seu lugar, não espere colocar-se numa situação onde o magnetismo e o poder do sexo tornem-se totais para então orar como louca ou acusar a Deus por tê-la feito da maneira como fez! (*Your Half of the Apple*, Gini Andrews, pág. 85).

Como seres humanos temos a tendência de pensar que somos exceções. As coisas funcionam para todos de uma determinada maneira, mas achamos que podemos fazê-las funcionar para nós como preferirmos. Não existem exceções na lei moral de Deus. Temos de enfrentar isto francamente e decidir de antemão o padrão que vamos adotar quanto ao namoro e sexo. Já

ouvi os dolorosos problemas de tanta gente que tentou outros caminhos e fracassou miseravelmente que não posso deixar de ser muito honesto neste assunto.

Para aqueles que cometerem erros na conduta sexual, as boas-novas do evangelho são de perdão e cura em Cristo. Cristo perdoou a mulher apanhada em adultério e lhe disse: "Vai, e não peques mais" (João 8:11, *Almeida*). Ele era manso com aqueles que fracassaram neste assunto, mas jamais baixou seu padrão para qualquer pessoa.

O que pode a pessoa solteira fazer com a energia sexual e impulso inerentes à sua condição de homem ou mulher? Coloque-a numa direção criativa e construtiva. A música, a poesia, a arte e a literatura, geralmente brotaram daqueles que, não podendo entregar-se a alguém no casamento, entregaram-se à humanidade. O apóstolo Paulo é apenas um desses exemplos.

Vamos também aceitar o fato de que a realização completa das necessidades sexuais de uma pessoa não pode acontecer fora de um casamento terno e que se aperfeiçoa. Paulo aconselhou os coríntios em sua primeira carta dizendo que se a frustração for maior do que você pode agüentar, ore pedindo uma esposa ou marido que possa atender suas necessidades como pessoa total e você às dela (ou dele). Trabalhe no sentido de ser a pessoa certa. Permita que algumas amizades com o sexo oposto amadureçam sem fazer da possibilidade do casamento a coisa mais importante em sua mente.

Lembre-se, Deus sabe que você é solteiro. Ele o ama e vai usá-lo onde você está. Cada pessoa é de grande valor para ele — seu estado civil não aumenta nem diminui seu valor na família dele, nem na sua economia.

14. CONFLITO ENTRE PAIS E ADOLESCENTES

NÃO É FÁCIL SER adolescente, e mais difícil ainda é educar um deles adequadamente. As razões desta situação são incontáveis. O adolescente está passando por muitas transformações, física, emocional, social e intelectualmente. Está sendo intimamente impelido a afastar-se do seu papel de dependência para maior independência. Ele tem de afirmar-se mais, quando percebe que é uma pessoa e não uma extensão de seus pais. A opinião dos seus companheiros parece mais importante do que os desejos dos pais. Conceitos, valores e tradições que jamais questionou antes, agora têm de passar por um verdadeiro escrutínio. A maturidade exige que vá além do “que me ensinaram” para o “que eu creio”. Para complicar ainda mais o problema, a maioria dos adolescentes sente-se insegura. Não ser mais criança, mas não ser ainda adulto, é uma posição estranha de se ocupar.

Um adolescente irrequieto já saiu do estágio da infância, mas ainda depende dos pais quanto a finanças, lar e outras coisas. Tem a necessidade crescente de se tornar dono de si mesmo e governar sua própria vida, que é um sinal lindo de maturidade desabrochante. Parte disso, contudo, está no assumir as responsabilidades inerentes àquela posição — isto é, trabalhar para o seu próprio sustento e talvez pelo de outros também.

Ele pode sentir certo conforto no fato de ser apenas temporária a posição estranha em que se encontra atualmente. Isto, naturalmente, deveria ser uma boa notícia para os pais também. *Há uma atitude da qual todos nós devemos nos guardar — insistir na liberdade e independência, sem aceitar as responsabilidades exigidas por essa liberdade.* Uma coisa sem a outra leva a uma dependência maior e bloqueia o curso do desenvolvimento criativo.

A adolescência é um período interessante e importante na vida de uma pessoa. Pode ser o melhor que já experimentou, ou pode ser um desastre. O adolescente mesmo, mais do que qualquer outra pessoa, determina qual deles será.

O adolescente deve ouvir os adultos que desempenham papel significativo em sua vida. Eles são imperfeitos. Cometeram erros, mas também têm experiência que pode comprovar-se valiosíssima na jornada para a maturidade.

Os anos de adolescência são um período excelente para se descobrir que Deus não é uma extensão dos próprios pais ou do herói do momento. Deus irrompeu na História há dois mil anos atrás na pessoa de Jesus Cristo, para nos mostrar como ele é e quanto ele se interessa por nós. Ele quer que você descubra que você é “um milagre singular e irrepetível de Deus”. Nunca houve uma pessoa exatamente igual a você, e nunca haverá. Deus tem um propósito especial em sua vida. Qual é, você tem de descobrir.

O lugar para se começar é a leitura da entrada de Deus na História, a fim de descobrir o que Ele é e o que quer fazer em sua vida. Leia o Evangelho de João em uma tradução moderna com esta pergunta em mente:

“Como Deus é realmente?” Quando Ele colocar você frente a frente com o Seu grande amor, ore e peça ao Cristo vivo que entre em sua vida e lhe perdoe todas as coisas egoístas que você tem feito e comece a transformá-lo na pessoa linda que ele planejou que você seja. Isto dará início à aventura mais significativa de toda a sua vida — seu andar com Deus! Ele vai ajudá-lo a transformar problemas em oportunidades, fraquezas em força, e fracassos em sucesso. Você ainda cometerá erros, mas pode recuperar-se deles. Sua vida vai enriquecer qualquer parte do mundo que você tocar. O que Deus anseia fazer em você é tão grande que abalaria sua imaginação e o deixaria sem fala se você soubesse! Vá e descubra o sonho dele para você, se você realmente está pronto a subir às alturas.

Ser pai (ou mãe) de um adolescente também tem os seus problemas. Tentar dar-lhes mais liberdade com sua concomitante responsabilidade, permitir que questionem os valores que derem significado à sua vida, enquanto os ajuda a compreender a necessidade de valores adequados; dar lugar às suas manias passageiras; exercer autoridade sobre eles sem provocá-los à ira; demonstrar calor e simpatia sem mimá-los como se fossem criancinhas; exercer disciplina sem rejeição, orientação sem domínio, flexibilidade sem indecisão — tudo isto pode deixar humilde o mais sábio e exaurir o mais criativo. *Aceitar este período na vida de seu filho ou filha como a aventura que é, em lugar de temê-lo, é o primeiro passo em direção à espécie de atitude que o capacitará a enfrentar o desafio.* Aprenda a crescer com o seu adolescente, pois o Senhor usará a alegria e o sofrimento para desenvolvê-lo e ensinar-lhe de maneira mais completa a essência do amor.

Quando os conflitos surgirem, seja quais forem, eis algumas sugestões para os pais e o adolescente que podem ajudar a tornar a dissensão criativa e não destrutiva.

1. Um deve aceitar o outro como pessoa em desenvolvimento. Nenhum de nós chegou ao fim da jornada, e todos nós cometemos erros. Em lugar de permitir que esta realidade nos ameace e nos ponha na defensiva, ela pode nos capacitar a entender melhor a luta do outro quer seja o adolescente esforçando-se e falhando miseravelmente, ou o pai que no momento está passando por um mau pedaço, enfrentando o estilo de vida excêntrico do filho ou da filha.

2. Esforcem-se em manter um relacionamento franco e honesto. Parem de enganar-se ou de manipular um ao outro. Quando não entenderem alguma coisa, digam-no. Expressem seus verdadeiros sentimentos, mas no contexto de um desejo genuíno de compreender a posição da outra pessoa.

3. Verifiquem se suas conversas não estão se tornando monólogos. Ouçam um ao outro. Falem um com o outro. Vocês saberão que o relacionamento está se tornando no que deve ser, quando puderem rir e chorar, se necessário, um com o outro.

Tenho um amigo que realmente se esforçou em manter um diálogo honesto com a filha. Ela se apaixonou por um rapaz que não tinha motivação nem orientação na vida; era um *hippie* adulto. Meu amigo não deu murros nem fez escândalo. Levou a filha para jantar uma noite, como o fazia periodicamente, e simplesmente conversaram sobre a situação. A filha rompeu seu relacionamento com o jovem, não porque o pai insistiu, mas porque percebeu que o jovem não poderia

completá-la, nem ela a ele, dadas as diferenças.

4. Os pais não devem desistir do seu papel diante do conflito. Muitos pais agem como se tivessem medo dos filhos. É verdade que nossos filhos nos conhecem muito bem para desmascarar nossas fraquezas e atacar-nos onde dói. Mas isto faz parte do ser humano. Os melhores têm seus pontos fracos, portanto não devemos gastar nossa energia ficando na defensiva por causa de nossa fragilidade. Como pais, devemos exercer nossa autoridade dizendo sim ou não e estabelecendo os devidos limites e linhas de conduta. O adolescente deseja cercas e tem necessidade delas, mas sempre há de se revoltar contra elas. Portanto o amor enérgico talvez precise ser demonstrado, mas com sabedoria.

5. Os pais devem tornar claro ao adolescente que se importam com ele. Ouvindo, conversando francamente e assegurando-lhe por meio de palavras e atos que se importa, você está enviando a mensagem positiva de *estar com ele*, mesmo quando tem de dizer não ao que ele deseja no momento. Naturalmente, se você está ocupado demais em suas próprias atividades, para prestar atenção com seriedade às necessidades do seu adolescente, então você está enviando uma mensagem alta e clara: “eu não me importo”. A reconciliação só pode vir quando esta mensagem mudar tanto verbal como não-verbalmente para o seguinte: “Importo-me profundamente com você e suas necessidades.”

6. É essencial que os pais procurem o melhor para os filhos e, ao mesmo tempo, resistam à tentação de viver sua vida novamente neles. Nossos filhos são pessoas singulares com seus próprios direitos. Temo-los por um breve espaço de tempo para amar, disciplinar e

ensinar e, então temos de soltá-los para sua própria peregrinação na comunidade maior da sociedade. Vê-los crescendo até a maturidade e ocupando seu lugar no mundo, como gente produtiva é, uma experiência realmente enriquecedora e lhe dará motivos para agradecer o presente de Deus pelo resto da vida. Seu investimento em seus filhos talvez seja o investimento mais significativo de sua vida.

7. Dê ao seu adulto que surge, mais e mais espaço para crescer e tornar-se ele mesmo. Soltar aos poucos é melhor do que fazê-lo de repente. Trabalhe no sentido de ajudá-lo a aceitar as responsabilidades de sua crescente liberdade. Isto vai até mesmo ajudá-lo a entender você melhor.

Seria útil se seu adolescente lesse este capítulo e, depois você pode usá-lo como ponto de partida para os dois conversarem sobre a sua posição no relacionamento. Damos abaixo alguns princípios básicos para o adolescente refletir:

1. O Deus que sabe melhor quais são os fundamentos da vida exige que os filhos “obedeçam aos seus pais; esta é a atitude correta que vocês devem tomar, porque Deus os colocou numa posição de autoridade sobre vocês. Respeite seu pai e sua mãe. Dos Dez Mandamentos de Deus este é o primeiro que termina com uma promessa. E esta é a promessa: Se você respeitar seu pai e sua mãe, você terá uma vida longa e cheia de bênçãos” (Efésios 6:1-3, *O Novo Testamento Vivo*). Se você mantiver um relacionamento sadio com seus pais, aprendendo a submeter-se à autoridade que eles têm, ficará preparado para uma vida real, mais do que você imagina. Às vezes é difícil, porque você vê os erros que os pais cometem e, como todos nós, gostaria realmente

de fazer a sua própria vontade. Mas, à medida que aprendemos a submeter nossa vontade a nossos pais, torna-se mais fácil submetê-la a Deus. E é na submissão a Deus que experimentamos o tipo de liberdade autêntica que todos nós procuramos.

2. Você respeita a seus pais quando os vê como pessoas e não como contas bancárias ou disciplinadores ou alguém em quem você tenta "passar a perna". Os pais também têm sentimentos. Precisam de aceitação e compreensão, exatamente como você. Tente vê-los como pessoas de verdade, e veja se não consegue achar interessante viver e crescer com eles.

3. Você honra seus pais passando para os outros em sua vida presente (e para aqueles que farão parte de sua vida no futuro) o amor que eles deram a você. Provavelmente você terá um filho ou filha adolescente um dia, e o conflito vai começar de novo — só que dessa vez você será o pai e outra pessoa será o adolescente. Como você gostaria que fosse esse relacionamento? Tente tornar o seu relacionamento assim agora com seus pais.

A situação mais satisfatória é quando os pais e o adolescente são cristãos sinceros que oram juntos para que Deus os ajude a tornar sua família um testemunho brilhante nas trevas do mundo.

15. CONFLITO COM PAIS E SOGROS

UMA CRISE COMUM e dolorosa que a maioria, se não todos, os casais enfrentam surge, ou porque deixaram de estabelecer desde o começo um relacionamento sadio com os pais, ou provém da deterioração desse relacionamento. Não é fácil para os pais soltarem os filhos. Querem o melhor para eles e, depois de passarem anos desempenhando um papel protetor, parece mais do que natural que se apeguem a eles apesar da idade ou maturidade.

Os pais sábios reconhecem esta tendência e dão passos para que os filhos se libertem de sua tutela no devido tempo. Mas às vezes os pais não percebem que estão se intrometendo além dos limites a que têm direito. Quando os pais demonstram o desejo de continuar controlando os filhos, podem ter certeza de que isso vai resultar em um relacionamento negativo. Surge o sentimento de que ninguém é bastante bom para o seu filho ou filha, ou que o genro ou nora estão deixando de dispensar os devidos cuidados ao seu rebento. (Estou falando aqui de um casal feliz. Se um dos cônjuges está agindo cruel ou irresponsavelmente, então os sentimentos dos pais podem ser justificados, porque se baseiam na realidade e não em ressentimentos.) Esta atitude geralmente surge devido ao ressentimento dos pais porque outra pessoa tomou o primeiro lugar no afeto de seu filho ou filha. A amargura

pode crescer e se tornar prejudicial, em casos extremos.

Outro aspecto é aquele onde o genro ou nora ficam enciumados por causa dos pais do cônjuge e tentam destruir todo o afeto filial deste para com aqueles. Esta atitude geralmente vem de um profundo sentimento de insegurança que faz o indivíduo sentir-se ameaçado por qualquer pessoa que ocupe lugar de estima aos olhos do cônjuge. Se for este o caso, é preciso tomar medidas que ataquem a raiz do problema.

Se este ciúme parece ser o seu problema, pergunte a si mesmo: "Por que sou tão inseguro a ponto de não conseguir partilhar a afeição de meu cônjuge com seus pais? Será que o seu amor aos pais diminui o seu amor por mim?" Se genuinamente assim parece, talvez a tutela paterna precise ser cortada mais completamente. Caso contrário, peça ao Cristo vivo que o ajude a relaxar intimamente e a tornar-se mais generoso para com seus sogros. Peça-Lhe que o ajude a vê-los como pessoas que, agora, são também parte de você e não competidores lutando pelo afeto de seu cônjuge. Assuma o risco de falar franca e abertamente sobre os seus sentimentos e luta. Isto proporcionará a ele a oportunidade de desfazer mal-entendidos e examinar suas próprias atitudes e reações, tanto para com você como em relação aos pais. Lembre-se, nunca é tarde demais para começar a conversar franca e abertamente com seu cônjuge.

Se um dos sogros está interferindo, então a filha ou filho deve assumir posição firme. Não deixe o seu cônjuge na posição de ter de ir contra seus pais. Quando são os seus pais que interferem, é você mesmo que deve fazê-lo com o apoio e a compreensão do seu cônjuge.

Para que o relacionamento entre pais, filhos adultos, genros ou noras seja sadio, é preciso que haja um relacionamento de igual para igual e não de pai para filho. Os pais, como também o filho ou filha, devem cooperar para que haja um relacionamento de igual para igual. Se um se recusar, só resta um caminho para o casamento ter possibilidade de se desenvolver — afastar-se dos pais suficientemente para permitir que os velhos padrões sejam desfeitos. É claro que é doloroso romper com uma ligação que durou a vida inteira. Sim, é! Mas é mais doloroso não fazê-lo, se você quiser que o seu casamento seja bem sucedido.

Lembre-se de que o primeiro princípio que Deus nos deu para o estabelecimento de um lar foi: “Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gênesis 2:24, *Almeida*). Na realidade é o *deixar* e *unir-se* que abre caminho tanto para o nascimento de uma nova família como para um novo relacionamento com os pais.

16. VIVENDO ACIMA DOS NOSSOS FRACASSOS

POR MAIS QUE NOS ESFORCEMOS, cada um de nós vai experimentar o fracasso em algum relacionamento. Pode haver uma brecha entre amigos, colegas de trabalho, empregados e empregadores, ou dentro da estrutura familiar, com divórcio, conflito entre pais e filhos, ou choques entre sogros e genros ou noras. É preciso entender que quanto mais íntimo o relacionamento, tanto mais doloroso o fracasso. A perda de um amigo distante pode produzir pesar, mas a perda de um cônjuge pode criar um trauma devastador que ameaça seriamente nossa sanidade.

Nosso compromisso de fazer um relacionamento funcionar ajuda grandemente, mas não é garantia para que perdure. É preciso duas pessoas que se envolvam no compromisso para que qualquer relacionamento funcione. Um não pode se dar ao outro indefinidamente. Se outra pessoa decide terminar o relacionamento e se recusa a ser persuadida de outra maneira, o fim é inevitável. O problema é que nem sempre percebemos com clareza quando a linha foi atravessada e quando o relacionamento deixa de possuir qualquer potencial futuro.

O *divórcio* é um dos rompimentos de relações mais definidos, identificado não só pelo sofrimento evidente, mas também pelas leis do país. *Vocês eram*

casados, agora estão divorciados: é um sinal definido a indicar que, a menos que haja uma intervenção milagrosa, o relacionamento está terminado e é inútil continuar investindo energia em sua recuperação.

O divórcio traz consigo o potencial para uma larga variedade de novas crises.

1. O divórcio cria uma crise de identidade. A pessoa deixa de fazer parte de um casal para estar sozinha. A nova posição e papel exigem alteração de identidade.

2. O divórcio pode criar uma crise de segurança. As pessoas divorciadas podem ser forçadas a depender mais de si mesmas e podem experimentar uma tremenda incerteza sobre sua nova posição na vida.

3. O divórcio pode criar uma crise econômica. A necessidade da esposa de sustentar-se a si mesma e talvez aos filhos, ou do marido ter de sustentar-se a si mesmo mais a família que perdeu, pode ser um fardo financeiro extremamente pesado. A necessidade de lidar com os recursos que tem pode ser diferente e difícil.

4. O divórcio cria uma crise social. O círculo familiar de amigos e amizades pode deixar de ser satisfatório. Para muitos, fazer novos amigos não é fácil.

5. O divórcio cria problemas em relação aos filhos para ambos, marido e mulher. O pai ou a mãe que tem a custódia dos filhos assume a tarefa aumentada de, sozinho, criar uma atmosfera de segurança que dê estabilidade e senso de bem-estar aos filhos. O pai ou a mãe ausente terá de lutar para não transmitir rejeição com sua ausência.

6. O divórcio pode criar um conflito traumático para os filhos. Eles têm a necessidade de amar e ser amados por ambos, pai e mãe. Portanto, a separação das duas

pessoas mais importantes do seu mundo os afeta profundamente.

7. O divórcio pode criar uma crise religiosa. Isto pode ser saudável. Podemos nos sentir gratos porque sob a tensão da separação e do divórcio muitas pessoas se voltam para Deus em busca de ajuda. Mas a comunidade cristã nem sempre sabe o que fazer com pessoas nesta situação. Os divorciados nem sempre são bem-vindos — por diversos motivos. Um deles é que a igreja nem sempre tem sabido defender o *ideal* do casamento para toda a vida e, ao mesmo tempo, servir àqueles que falharam neste setor. O divorciado pode representar uma ameaça simplesmente porque os outros não entendem e não sabem o que dizer ou como ajudar.

Pessoas divorciadas podem elas mesmas ter dúvidas quanto a posição em que se encontram em relação ao que aprenderam, e não sentir liberdade para voltar à comunidade cristã. Mas a igreja tem a finalidade de ser um meio vital mediante o qual Deus expressa o seu amor a todos os homens, alquebrados como estamos!

Deve-se enfatizar que falhar num determinado aspecto da vida, como o casamento, não significa que você é um fracasso como pessoa. Você não é um fracasso! Você falhou no casamento.

Depois de fazer todo possível para restaurar um relacionamento sem sucesso, devemos então prosseguir, pois apesar dos sentimentos negativos do momento, *há muito bem ainda para ser experimentado dentro de nós mesmos e dentro do contexto dos relacionamentos velhos e novos*. Precisamos nos lembrar que o amor de Deus e a sua graça são suficientes para nos fazer atravessar esse fracasso e capacitar-nos a viver de novo. Ele não apaga o sofrimento da lembrança, mas faz-nos

atravessar um processo de cura, se lhe damos permissão para isso.

O processo divino de cura pode mudar uma experiência potencialmente mutiladora num elemento positivo, a fim de se viver uma vida mais profunda e significativa.

1. No meio do nosso conflito e fracasso, Cristo pode capacitar-nos para que enfrentemos a nós mesmos mais realisticamente do que talvez o fizéssemos se abandonados ao conforto e segurança de nossa existência sossegada. O potencial para um significado libertador está sempre presente em nosso fracasso.

Fui conselheiro de um homem que, no passado, não quis enfrentar-se para admitir suas fraquezas, as quais eram dolorosamente visíveis à sua esposa. Criticou e humilhou a esposa durante dezessete anos. A razão disto é que ele odiava mulheres. Durante seus anos de formação sua mãe tivera uma série de casos — deixando-o, e a seu pai, às vezes, durante semanas. O resultado foi uma profunda desconfiança e falta de respeito pelas mulheres. Contou-me que estivera vagamente cômico destes sentimentos, mas quando a esposa o deixou, vieram à tona. O progresso que fez nos dois meses seguintes abriu a possibilidade de reconciliar-se com a esposa. Espero que acertem.

Parece que a maioria de nós permite que mudanças significativas aconteçam só quando somos forçados por pressões que não podemos evitar.

2. O Cristo vivo pode usar nossa luta para nos tornar menos críticos e mais sensíveis para com outros que lutam. A "Spiritual Growth Foundation" (Fundação de Crescimento Espiritual), em Lubbock, no Texas, que já mencionei em capítulo anterior, foi a pioneira, em

muitos aspectos em alcançar os solteiros, os divorciados, e pais solteiros. A aceitação nesses grupos e o cuidado que demonstram uns pelos outros são notáveis. Eles sabem como é isso; já passaram por lutas e muitos deles ainda estão naquela situação. Mas estão sendo o povo de Cristo uns para com os outros e estão diminuindo a solidão e ajudando a carregar os fardos. Sua capacidade de identificar-se é um dom do seu próprio sofrimento.

3. Cristo pode restaurar nosso sentido de *um futuro com promessa*. O conflito e o fracasso geralmente levam à depressão, e a depressão deixa a pessoa com o sentimento de que não tem futuro — nada para esperar ou para celebrar. Esta frustração pode ser tão devastadora que pode levar ao suicídio. Por causa dos sofrimentos de Cristo, entretanto, temos um futuro agora e para sempre. Você pode *sentir* que tudo chegou ao fim, mas o *fato* é que há mais para ser experimentado, descoberto, celebrado e partilhado. Abra-se para receber a vida que está prometida.

Permita que seu fracasso seja uma ocasião de dar um salto de fé em direção a Cristo. Estar por baixo e derrotado é uma oportunidade de olhar para cima. Reconheça seus erros e rebeldia contra ele, e peça que ele entre em sua vida para realizar os sonhos e propósitos que tem para você. As Escrituras declaram que Cristo “estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome” (João 1:10-12, Almeida).

Peça o perdão de Deus pelos erros cometidos que

contribuíram para o fracasso no relacionamento. Como evidência de que você está recebendo o perdão dele, perdoe-se a si mesmo. Sem um genuíno sentimento de perdão, jamais podemos ficar livres.

Peça a Cristo que o ajude a ser responsável em sua situação. Em geral, quando estamos por baixo, há uma grande tentação de continuar numa espiral descendente. Sucumbir é abrir-se para maiores sofrimentos; afastar-se bloqueia a possibilidade de relacionamentos novos e criativos. Uma atitude irresponsável ou insensível pode afastar-nos do reconhecer a profundidade dos relacionamentos que ainda temos e de desfrutar das riquezas que oferecem.

Dê a si mesmo permissão para lidar com seus sentimentos negativos, mas não de chafurdar-se neles. A dor e o sofrimento acompanham cada fracasso mas a esperança também. As boas-novas significam que podemos atravessar qualquer coisa, a não ser que recusemos fazê-lo. O primeiro e mais importante passo é decidir que você quer se recuperar. Esta decisão lhe dará motivação suficiente para buscar o tipo de respostas que proporcionarão liberdade autêntica.

Procure amizades cristãs. Precisamos uns dos outros. Parte do pertencer a Cristo é pertencer ao seu povo. Muitas vezes as pessoas que me procuram para aconselhamento me ajudam tão profundamente que jamais saberão. Sempre é uma experiência nos dois sentidos.

Todos nós somos lutadores sob algum aspecto. Quando partilhamos nossas lutas com os outros, elas se tornam mais fáceis e a comunidade cristã se torna uma realidade libertadora. Você não é nem a primeira nem a última pessoa que fracassou. Esperamos que sua

luta o ajude a perceber o seu parentesco com o restante da humanidade.

Finalmente, não hesite entrar em contato com pessoas que possam estar sofrendo. Isto nos capacita a ir além do estágio da autopiedade e começar a reconstruir nosso próprio senso de valor. Sentar e olhar nos próprios problemas só os faz maiores ainda. Ir além de nós mesmos para aliviar o caminho dos outros contribui enormemente para a nossa própria libertação.

Vários anos atrás a verdade deste conceito despon-tou diante de mim dramaticamente na congregação da Igreja do Salvador, em Washington, D.C. Um homem de vinte e sete anos estivera sob tratamento psiquiátrico por dez anos. Todavia, com toda a ajuda recebida, ainda era incapaz de funcionar suficientemente bem para parar no emprego. Na noite em que o conhecemos, estava ajudando um alcoólatra. Sua preocupação com o homem era genuína, e estava claramente interessado. Alguns dos membros do grupo contaram, depois que ele saiu, que estavam animados pelo progresso que fez. Tinha arranjado um emprego e estava-se dando muito bem nele.

A recuperação deste homem foi impedida, parcialmente, por aqueles que tentaram ajudar. Durante dez anos todos à volta dele se concentraram nos seus problemas, e ele fez o mesmo. Só depois que ele se concentrou no problema de outra pessoa e tentou ajudá-la foi que começou a se recuperar. Cristo disse: "Todo aquele que se agarrar à vida, vai perdê-la; e o que perder a vida, vai salvá-la" (Lucas 17:33, *O Novo Testamento Vivo*). Dedique-se a ajudar os outros a descobrirem o caminho que devem tomar, e você descobrirá que o

caminho de Cristo se abrirá para você.

Ele se especializa em nos capacitar a viver acima dos nossos fracassos!

TERCEIRA PARTE

ENFRENTANDO CIRCUNSTÂNCIAS DIFÍCEIS

De todos os lados somos oprimidos pelas dificuldades, porém não somos esmagados nem despedaçados. Ficamos perplexos porque não sabemos a razão de certas coisas nos acontecerem assim, porém não desanimamos nem desistimos. Somos perseguidos de morte, mas Deus nunca nos abandona. Somos derrubados, mas nos erguemos e prosseguimos. Este nosso corpo está constantemente enfrentando a morte, tal como aconteceu com Jesus; assim, fica bem claro a todos que é unicamente o Cristo vivo dentro de nós (quem nos mantém a salvo). —2 Coríntios 4: 8-10, *O Novo Testamento Vivo*.

17. ONDE FOI QUE TUDO COMEÇOU?

DESDE O COMEÇO da História, o homem tem procurado fugir ao sofrimento inerente à sua existência e controlar as circunstâncias a fim de garantir para si o que ele considera o melhor da vida. Adão, no Jardim do Éden, rebelou-se contra os limites estabelecidos para ele, não por um tirano, mas por um Criador amoroso que lhe deu tudo exceto o fruto de uma árvore. Não ficou satisfeito em ser ele mesmo — uma criatura magnífica feita à imagem do Deus infinito com domínio sobre toda a terra. Adão quis ser como Deus — totalmente dono de si mesmo e do seu mundo, independente de Deus. O mesmo desejo persiste hoje no coração humano.

Assim começou a revolta e a angústia tão predominantes na história humana. Os teólogos referem-se a este acontecimento como a Queda, e suas repercussões são percebidas em toda a ordem criada por Deus. Esta simples, mas profunda revelação de Deus pode preparar terreno para a compreensão da natureza humana e das tragédias da vida.

Este mundo não oferece uma existência sem sofrimentos, sem cuidados. Tanto o bem como o mal estão presentes. A natureza em si tem desequilíbrios que causam calamidades provocadas pelo vento, chuva, seca e enfermidades. Há defeitos de nascença e inca-

pacidades humanas de todos os tipos. A descrição de Jó é oportuna: "Como o homem é frágil, como são poucos os seus dias, como é cheio de problemas! Desabrocha por um momento como uma flor — e murcha; como a sombra de uma nuvem que passa, rapidamente desaparece" (Jó 14:1, 2, *A Bíblia Viva*). Poucos vivem, talvez ninguém, por muito tempo sem experimentar alguma adversidade severa. A vida traz muitos acontecimentos à nossa existência, sobre os quais não temos controle. Contudo, nossa liberdade não fica totalmente apagada, pois podemos escolher o meio de enfrentar as coisas que nos esmagam. No meio da luta, podemos afirmar que este é o lugar próprio para a personalidade se desenvolver e para as pessoas se tornarem grandes, ao descobrir a realidade do amor e da graça de Deus em sua vida.

Deus leva a sério o homem e suas escolhas e, segundo já destacamos, garante-lhe um grau significativo de liberdade. O que fazemos, dizemos, pensamos e sentimos acarreta tremendas conseqüências para o bem ou para o mal, não só para nós mesmos, mas para todos os que entram em contato conosco. Finalmente, nossa influência abrange todo o mundo. O bem ou o mal que praticamos torna-se parte da história e herança de toda a raça humana. Não morre nem desaparece conosco. Se transigimos na imoralidade, desonestidade, mentira, ódio, intolerância, ou ganância, contribuímos para a cegueira espiritual da humanidade e empurramos a raça humana cada vez mais para as trevas. Se saqueamos a terra, poluímos o ar e a água, damos ao mundo fome e doenças. Os erros de outras pessoas afetam-nos assim como os nossos afetam a eles. Deus não interrompe o processo da vida cada

trinta minutos para reverter as conseqüências dos feitos humanos. Temos de lutar com o fruto de nossa loucura, como também participar das vantagens de nossas ações responsáveis.

Nosso nome pode ser esquecido pelos homens, mas nossa influência será sentida pela eternidade. Isto significa que viver tem muito maior significado do que o mero gozo dos prazeres temporais. Há um drama desenrolando-se na economia divina que nos permite participar de um empreendimento libertador tão grande que nem mesmo Deus pode esgotá-lo na eternidade. Tal declaração não terá significação para aqueles que não estão interessados em sair de si mesmos e deixar seus próprios prazeres. Mas para aqueles que anseiam encontrar sua verdadeira identidade e descobrir a razão de sua existência, pode comover o coração e despertar a imaginação. Vocês foram chamados para ser filhos de Deus pela fé em Cristo, e na qualidade de filhos participarão de tudo o que Deus tem para os seus queridos filhos!

Uma posição de fé em Cristo não nos torna imunes ao sofrimento. Inclui sofrimento. “E se somos os filhos de Deus, então participaremos dos seus tesouros — pois tudo quanto Deus dá ao seu Filho Jesus agora é nosso também. Mas se vamos participar da sua glória, precisamos participar também do seu sofrimento” (Romanos 8:18, *O Novo Testamento Vivo*).

Outra característica da natureza humana é procurar o caminho mais fácil, fugindo à disciplina e às exigências desagradáveis, se possível. Mas, um diamante não se transforma em diamante ficando numa posição confortável. Os diamantes são cristais de carbono puro que ficaram expostos a tremenda pressão e calor. Se o

carbono tivesse vida, provavelmente não compreenderia a pressão exercida sobre ele. Poria em dúvida a sabedoria que está por trás do processo: "Por que isto está acontecendo comigo? Há algum propósito para o meu sofrimento? Como Deus pode permitir que tais coisas aconteçam?" Ser transformado em diamante machuca! Na verdade, às vezes parece que a pessoa vai ser totalmente destruída. Naquele momento, até mesmo o carbono, se fosse informado de que estava sendo transformado em diamante, responderia: "Eu não quero ser diamante; não vale a pena!" Mas da aparente destruição surge uma criação linda que enriquecerá o mundo e na qual o próprio diamante finalmente se regozijará e afirmará que tudo valeu a pena.

Ouçá o testemunho de um homem que descobriu o segredo que o capacitou a aproveitar ao máximo suas difíceis circunstâncias:

Portanto, agora, desde que fomos declarados justos à vista de Deus, pela fé em suas promessas, podemos ter na realidade paz com Ele por causa do que Jesus Cristo, nosso Senhor, fez por nós. Pois, devido à nossa fé, Ele nos colocou neste lugar de mais alto privilégio onde agora nos encontramos e nós, confiante e alegremente, ansiamos pelo dia quando realmente nos tornaremos tudo quanto Deus tem em mente que sejamos. Podemos nos alegrar, igualmente, quando nos encontramos diante de problemas e lutas pois sabemos que tudo isto é bom para nós — ajuda-nos a aprender a ser pacientes. E a paciência desenvolve em nós a força de caráter, e nos ajuda a confiar

mais em Deus cada vez que a utilizamos, até que finalmente a nossa esperança e a nossa fé fiquem fortes e sólidas. Então, quando isso acontecer, poderemos sempre erguer a cabeça, seja lá o que for que aconteça, e saber que tudo vai bem, pois conheceremos quanto Deus nos ama. . . (Romanos 5:1-5a, *O Novo Testamento Vivo*).

Estas palavras não vieram de um homem que nunca sofreu dor, rejeição ou temor pela própria vida ou pela vida de outra pessoa. Ao contar a sua história ele disse.

Em cinco ocasiões diferentes os judeus aplicaram-me seu terrível castigo de trinta e nove chibatadas. Apanhei de vara três vezes. Fui apedrejado uma vez. Três vezes sofri naufrágio. Numa ocasião fiquei em alto mar a noite inteira e durante todo o dia seguinte. Tenho viajado quilômetros e mais quilômetros e estado freqüentemente em grandes perigos de transbordamento de rios, de salteadores, e do meu próprio povo, os judeus, assim como nas mãos dos gentios. Enfrentei grandes perigos de multidões nas cidades, e de morte nos desertos, e de mares tempestuosos, e de homens que afirmam ser irmãos em Cristo, e não são. Tenho suportado a canseira, a dor e noites sem dormir. Muitas vezes sofrido fome, sede e ficado sem o que comer; muitas vezes tenho tremido de frio, sem roupa suficiente para me agasalhar.

Depois, ao lado de tudo isso, tenho a constante preocupação com a marcha das

igrejas. Quem comete um erro que eu não sinta sua tristeza? Quem cai que eu não anseie ajudá-lo? Quem é ferido espiritualmente que minha fúria não se levante contra aquele que o feriu? (2 Coríntios 11:24-29, *O Novo Testamento Vivo*).

Contudo, no meio desta luta e com o fardo que carregava, Paulo descobriu que os recursos de sua fé eram suficientes não só para sobreviver, mas também para transformar sua vida em uma aventura.

Descobrir aqueles recursos para nós mesmos é o objetivo desta seção do livro.

18. NINGUÉM ESTÁ ISENTO

A MANEIRA PELA QUAL a maioria das pessoas se sente em relação à tragédia é que “isto acontece aos outros, mas não vai acontecer comigo”. Podemos ser gratos porque na multidão de coisas que poderiam sair erradas, apenas uma porcentagem muito pequena realmente acontece. Essa fração pode nos esmagar, entretanto, mesmo se estivermos preparados para isso.

Não quero amedrontar ninguém ou criar ansiedades desnecessárias, mas quero ajudar a aceitar de maneira realista os limites de nossa humanidade. Se cometermos o erro de crer que a vida para nós aqui sempre continuará como é, não faremos as perguntas que nos levam na direção do descobrimento do significado que vai além do nosso tempo e que nos capacitarão a sobreviver às dificuldades. Vamos enfrentar este fato: se o Senhor não retornar enquanto estamos vivos, nenhum de nós sairá deste mundo com vida.

A vida jamais permanece estacionária. Estamos sempre passando por mudanças — algumas podemos prontamente aceitar e outras podemos temer.

Por mais que desejemos, não podemos fazer com que as dificuldades desapareçam e nunca voltem. Embora nunca tenhamos pensado que poderia acontecer a nós, quando acontece inclinamo-nos a sentir que somos os únicos a quem acontece uma coisa assim. Em nossas crises experimentamos grande solidão. Podemos nos sentir separados de todos. Aqueles que não

partilham de nossa luta e sofrimento parecem-nos distantes e irreais. A tentação será de permitir que a autopiedade predomine. Mas a realidade revela que não somos os primeiros a sofrer grande dor ou perda, nem seremos os últimos.

Outra parte do problema foi focalizada pela luta do autor do Salmo 73, em contraste com a declaração feita pelo escritor dos Provérbios. Provérbios declara: "O caminho dos perversos é intransitável" (Provérbios 13:15b, Almeida). E é mesmo. Há momentos, entretanto, que parece não ser assim, como expressou o autor do Salmo 73:

Mas quanto a mim, aproximei-me da beira do penhasco! Meus pés escorregaram e eu quase caí. Pois fiquei com inveja da prosperidade dos arrogantes e perversos. Sim, durante toda a vida a sua estrada é sem acidentes! Eles têm boa saúde e engordam. Eles não têm dificuldades constantes e não são arrasados com problemas como todos os outros... Esses gatos gordos têm tudo o que o seu coração poderia desejar! Eles zombam de Deus e ameaçam o seu povo... Será que não desperdicei o meu tempo? Por que me preocupei com a pureza? Tudo o que consegui são problemas e aborrecimentos — cada dia e o dia inteiro!... Mas é tão difícil entender isso — a prosperidade daqueles que odeiam o Senhor (Salmo 73:2-5, 7-8, 13-14, 16, *Salmos e Provérbios Vivos*).

Mas, quando refletiu sobre a situação, quando já não sofria mais tão profundamente; o salmista viu a ver-

dade com mais clareza:

Como o caminho deles é escorregadio — de repente Deus permitirá que escorreguem da beira do penhasco e caiam na destruição; um fim instantâneo para toda a sua felicidade, e uma eternidade de terror. Sua vida presente não passa de um sonho! Acordarão para a verdade, como alguém que desperta de um sonho sobre coisas que nunca aconteceram realmente! (Salmo 73: 18-20, *Salmos e Provérbios Vivos*).

O problema da prosperidade do ímpio e o sofrimento do justo não tem solução se limitado a este mundo, mas quando examinado no contexto da eternidade, a resposta se torna clara. As Escrituras dizem que “se o fato de sermos cristãos só tem valor para nós nesta vida, então somos as criaturas mais infelizes” (I Coríntios 15:19, *O Novo Testamento Vivo*). A fé cristã se relaciona com o todo da vida e com o raio de ação completo da existência humana. Fala significativamente sobre a vida no presente, mas também inclui o futuro. Os cristãos são peregrinos que descobrem quem são, na qualidade de filhos de Deus e como podem viver com propósito neste mundo, contemplando, porém, um futuro certo e seguro. Estamos a caminho de uma coisa tão grande que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós” (Romanos 8:18, *Almeida*).

A atividade de Deus na vida humana é tão magnífica que serão precisos dois mundos para ser revelada: este com suas alegrias e tristezas, sucessos e fracassos; e a eternidade onde todas as dificuldades, dores e lutas estarão ausentes. A fé cristã não negligencia nosso pas-

sado, pois afirma nossas qualidades e oferece perdão e o poder de mudar nossas fraquezas; nosso presente, já que nos proporciona os recursos para experimentar a vida como uma aventura; nem nosso futuro, prometendo que “nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (I Coríntios 2:9, *Almeida*). Faz diferença servirmos a nós mesmos ou ao Senhor — uma incrível diferença!

Deus coloca o bem na vida de cada pessoa, crente ou incrédula. “Mas tudo quanto é bom e perfeito nos vem de Deus” (Tiago 1:17a, *O Novo Testamento Vivo*). A própria vida, a personalidade, a autonomia e a capacidade de relacionar-nos com os outros de maneira significativa são apenas alguns dos muitos dons de Deus para nós. O amor e o cuidado de Deus estendem-se a todos! Cristo ordenou a seus discípulos: “Amem os seus inimigos! Orem por aqueles que perseguem vocês! Dessa forma vocês estarão agindo como verdadeiros filhos do seu Pai do Céu. Porque ele envia sua luz do sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e manda a chuva para os justos e para os injustos também” (Mateus 5:44-45, *O Novo Testamento Vivo*). Aqueles que aceitam o seu amor encontram a vida; aqueles que rejeitam determinam sua própria destruição final. Mas o amor de Deus e o seu cuidado sempre estão lá, fornecendo a todos o sol e a chuva — as coisas essenciais à vida neste planeta.

Ao lado das limitações de nossa própria humanidade está a realidade de que vivemos num mundo “decaído”. Deus não abandonou o seu mundo, nem afastou dele a sua bondade. O mal moral e o mal natural estão presentes, entretanto, e cada homem é e será

profundamente afetado por ambos. (O mal moral é a devastação operada pelos maus desejos e ações. O mal natural é a feiúra, o sofrimento, a frustração e a morte causados por doenças e catástrofes da natureza, além do controle humano.) Não podemos escapar do nosso ambiente como também não escapamos de nossa própria natureza. Tudo será afetado por dificuldades e tragédias — as nossas próprias ou as daqueles que amamos.

Ninguém ficará isento das circunstâncias difíceis, mas não precisamos ser derrotados por elas.

19. QUANDO CHOVE, CHOVE MESMO!

ÀS VEZES PARECE que a seqüência de crises não acaba mais em nossa vida. Enquanto escrevia este livro, perdemos o pai de Verdell; um tio teve um sério ataque cardíaco e esteve à morte; outro tio foi arrancado do trator por um galho de árvore, e a desfibradora esmagou sua perna, a filhinha de sete anos de um dos diretores da nossa organização foi morta em um acidente, enquanto a filhinha de nove anos de outro diretor teve um derrame que paralisou todo o seu lado direito. Às vezes a vida passa mais ou menos mansamente, sem momentos críticos ou calamidades. Então — BUMBA! — de repente surge uma série inexorável de crises.

Uma crise não espera que a outra se resolva para surgir. Cada uma traz consigo sua própria carga de tensão, e a tensão pode acumular-se e ser demais para nós. Se não aprendermos como atravessar devidamente a sobrecarga, acabamos fisicamente doentes ou emocionalmente deprimidos.

O Dr. Thomas Holmes, professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina na Universidade de Washington, em Seattle, elaborou um sistema que sugere a quantidade de tensão que certas crises criam. ("Your Emotional Stress Can Make You Sick", Thomas Holmes, secção 1, págs. 1 e segs., conforme citado em

Como Vencer a Depressão de Tim LaHaye.)

GRADUAÇÃO	CRISE	PONTOS
1	Morte do cônjuge	100
2	Divórcio	73
3	Separação matrimonial	65
4	Encarceramento	63
5	Morte de um parente de primeiro grau	63
6	Acidente ou enfermidade	53
7	Casamento	50
8	Perda de emprego	47
9	Reconciliação matrimonial	45
10	Aposentadoria	45
11	Alteração da saúde de um membro da família	44
12	Gravidez	44
13	Problemas sexuais	39
14	Aumento na família	39
15	Reajuste nos negócios	39
16	Mudança nas condições financeiras	38
17	Morte de amigo íntimo	37
18	Mudança de atividade	36
19	Alteração no número de discussões com o cônjuge	35
20	Hipoteca superior a 500.000 cruzeiros	31
21	Juro hipotecário de empréstimo	30
22	Mudança na responsabilidade do cargo	29
23	Partida do filho ou da filha	29
24	Problemas com os sogros	29
25	Notória realização pessoal	28
26	A esposa começa ou deixa de trabalhar fora de casa	26
27	Começo ou final do período escolar	26
28	Mudança nas condições de vida	25

29	Mudança nos hábitos pessoais	24
30	Problemas com o patrão	23
31	Mudança no horário e nas condições do trabalho	20
32	Mudança de residência	20
33	Mudança de escola	20
34	Mudança nas recreações	19
35	Mudança nas atividades da igreja	19
36	Mudança nas atividades sociais	19
37	Hipoteca ou empréstimo inferiores a 500.000 cruzeiros	17
38	Mudança nos hábitos de dormir	16
39	Mudança no número de reuniões familiares	15
40	Mudança nos hábitos alimentares	15
41	Férias	13
42	Natal	12
43	Pequenas violações da lei	11

Diferentes indivíduos classificariam cada crise de maneira diferente, porque o impacto da mudança é diferente de acordo com a nossa experiência, valores e reações. Não obstante, esta escala exemplifica que as crises produzem diferentes acúmulos de tensão. O Dr. Holmes estabeleceu uma Escala de Previsão de Enfermidades, demonstrando que há potencial de alto risco no desenvolvimento das principais doenças dentro do período de dois anos após a acumulação de um certo número de pontos de tensão. (*Como Vencer a Depressão*)

Escala de Previsão de Enfermidades

	Total de pontos
	150
BAIXO	175
	200
	225
	250
MÉDIO	275
	300
	325
ALTO	350
	375

Não há dúvida de que cada crise produz tensão, mas nossa atitude mental para com as circunstâncias determina mais seu impacto final sobre nós do que as circunstâncias propriamente ditas.

O significado da atitude mental de uma pessoa pode-se ver no estudo do quadro seguinte, que demonstra as características de três tipos de depressão. (*Ibidem.*)

CARACTERÍSTICAS DOS TRÊS TIPOS DE DEPRESSÃO

	Desalento (leve)	Abatimento (sério)	Desespero (grave)
Mental	Dúvida Ressentimento Autocomiseração	Autocrítica Raiva Autocomiseração	Auto-rejeição Amargura Autocomiseração
Físico	Perda de apetite Insônia Aspecto descuidado	Apatia Hipocondria "Choros"	Recolhimento Passividade Catatonia
Emocional	Descontentamento Tristeza Irritabilidade	Aflicção Sofrimento Solidão	Desesperança Esquizofrenia Abandono
Espiritual	Questionamento davontade de Deus Desagrado com a vontade de Deus Ingrato Incrédulo	Ira contra a vontade de Deus Rejeita a vontade de Deus Queixa-se da vontade de Deus	Ressentimento contra a Palavra Indiferença à Palavra Descrê da Palavra

Precisamos ser sensíveis àqueles que estão lutando e estar prontos a ajudá-los a agüentar a sobrecarga de suas circunstâncias.

Quando nos encontramos sob um fardo pesado demais para nós, em lugar de nos entregarmos para ser esmagados, precisamos aceitar os recursos de Cristo e do Seu povo. As palavras de Cristo aos Seus discípulos são uma promessa para nós: "Não, Eu não abandonarei vocês nem os deixarei como órfãos — Eu voltarei para vocês" (João 14:18, *O Novo Testamento Vivo*). Olhe para Ele e espere nele. Ele está ao seu lado mesmo que você não creia nisso; Ele o ajudará a vencer a tempestade, contanto que você se disponha a atravessá-la.

20. EVANGELHO DO SUCESSO vs. EVANGELHO DA REDENÇÃO.

HÁ UMA PRESSUPOSIÇÃO sutil que penetra despercebida em nossa mente. É a de que, se estamos dentro da vontade de Deus, tudo o que fizermos vai ser um sucesso. Isto é verdade só quando definimos sucesso em termos de Deus — o cumprimento do seu propósito em nossa vida. Mas pela definição de sucesso do mundo — tudo saindo como planejamos — a pressuposição não é verdadeira.

O ministério de Cristo demonstra claramente esta verdade. Ele jamais esteve fora da vontade de seu Pai, contudo provou a amargura do fracasso. Os teólogos chamam-no de “o colapso do Grande Ministério Galileu”. A experiência se encontra no sexto capítulo do Evangelho de João.

Durante dezoito meses ou mais, Cristo esteve realizando seu ministério na Galiléia com resultados visíveis. Grande número de pessoas o seguiam por causa dos milagres que ele realizava. O Senhor, preocupado com todas as necessidades do homem, alimentou a multidão com a merenda do rapaz, constituída de cinco pães de cevada e dois peixinhos. O povo ficou tão impressionado que quis fazê-lo rei. Os homens sempre recebem com agrado a promessa de alguma coisa em troca de nada; sempre que alguém nos dá pão para o qual não trabalhamos, recebe o nosso voto.

Cristo recusou ser um “messias material”. Deixou a multidão e partiu sozinho para o monte. Naquela noite os discípulos atravessaram o mar na direção de Cafarnaum, e Cristo foi a eles andando sobre a água. Depois de declarar que era Ele mesmo, alegremente O receberam no barco. No dia seguinte o povo atravessou o mar à procura de Jesus. Quando O encontraram, Cristo fê-los ver sua motivação imprópria: “O fato é que vocês querem estar comigo porque Eu lhes dei de comer, e não porque crêem em mim” (João 6:26, *O Novo Testamento Vivo*).

Jesus declarou ser o Pão que veio do céu para alimentar-lhes a alma e não apenas o corpo. Depois de discutir sua missão, disse-lhes claramente que deviam “comer sua carne e beber o seu sangue” para ter vida — isto é, tinham de se identificar com ele pela fé, ao ponto de seus propósitos, alvos e valores passarem a ser deles. O povo murmurou: “Duro é este discurso, quem o pode ouvir?” (João 6:60b, *Almeida*) A exigência dele era excessiva: “a vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (João 6:66, *Almeida*). As multidões também desapareceram e daquele momento em diante, Cristo foi um fugitivo, com os fariseus e outros líderes religiosos tentando reunir provas contra ele.

A dor da rejeição foi real. Do ponto de vista humano, ele fracassou. Foi deixado com os Doze, para os quais se voltou perguntando: “Vocês também vão me deixar?” É uma grande decepção ver a multidão decrescendo até que ninguém fica, exceto o punhado de homens com os quais você começou.

A afirmação de Pedro foi realmente uma boa-nova para Cristo naquele momento: “Senhor, para quem

iremos? tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (João 6:68-69, *Almeida*).

O Senhor advertiu quanto ao problema do sucesso, em Lucas 10. Escolheu setenta discípulos e os enviou em pares para todas as cidades e vilas que visitaria mais tarde. Quando voltaram, eles estavam se regozijando com o sucesso. Cristo lhes disse: “Não obstante alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus” (Lucas 10:20, *Almeida*).

O sucesso a qualquer preço é verdadeiramente uma tentação. Quando Deus nos abençoa com o sucesso, somos tentados a focalizar nossa atenção no sucesso e não em Cristo e em nossa contínua obediência a ele. *E se ele resolver fazer-nos passar por uma série de fracassos, a fim de nos disciplinar e equipar com sensibilidade e humildade para as tarefas diante de nós?* Ele já o fez antes e sem dúvida fará novamente. Veja a vida de Abraão Lincoln:

[Sua] carreira política parecia ser uma longa e melancólica série de fracassos, e ele poderia ter parado em qualquer um deles.

Sua primeira tentativa na vida política terminou em derrota. Candidatou-se para a legislatura estadual em Illinois e foi derrotado — anote o fracasso número um. Tentou então o mundo dos negócios e falhou — fracasso número dois. Foi eleito para o Congresso em 1846, mas foi derrotado na reeleição — fracasso número três. Tentou então obter uma nomeação para o cadastro imobiliário dos Estados Unidos — fracasso . Em

1856 foi derrotado como candidato para a vice-presidência, e dois anos mais tarde foi derrotado novamente por Stephen Douglas.

Parece que o homem estava vencido. Depois de tantas derrotas e fracassos, como poderia tentar novamente? Por que simplesmente não parava?

Não fez isso. Chegou o ano de 1860 e a indicação como candidato para a presidência dos Estados Unidos. Será que falharia novamente? Será que seria vencido mais uma vez?

Vocês sabem o que aconteceu. E os milhares de pessoas de todo o mundo que todos os anos olham para o compenetrado gênio, sentado, esculpido em pedra, no "Lincoln Memorial" em Washington D.C., sabem que seu sucesso final depois de tantos fracassos não foi só uma vitória pessoal, e não foi meramente uma vitória para uma nação arrasada e atormentada pela guerra, mas uma vitória para toda a humanidade (*"Don't Park Here"* C. William Fischer, págs. 42,43).

Só Deus pode julgar o verdadeiro sucesso ou fracasso em nossa jornada. Obediência a ele é a essência do verdadeiro sucesso. A aprovação dos homens sempre deve permanecer em segundo lugar. Um bom soldado cumpre ordens independente de elas contribuírem para o seu sucesso pessoal.

As boas-novas de Cristo têm natureza redentora, e seu propósito redendor para nós pode ir contra a nossa idéia de sucesso. A pergunta que se levanta é: Estamos prontos a andar com ele contra a nossa formação e até

mesmo contra a opinião de nossos amigos, se necessário? É uma pergunta difícil que só a graça de Deus nos capacita a responder de maneira afirmativa.

21. COMO VOCÊ ENFRENTA SUAS CRISES

REALMENTE, ENFRENTAMOS nossas crises da mesma maneira que enfrentamos a vida. O que modifica é a intensidade de nossos esforços, quando a situação se torna crítica.

Jó é um exemplo excelente. Era um homem de fé, e gostava das coisas boas da vida que Deus lhe concedera. Então veio a catástrofe. Perdeu o que tinha; da noite para o dia passou da riqueza para a miséria. Não foi tudo. Perdeu até mesmo os sete filhos e as três filhas em uma tempestade. A reação de Jó diante destas notícias terríveis foi a de rasgar as vestes — sinal reconhecido de luto e desorganização de vida — e raspar a cabeça para expressar seu profundo sentimento de perda.

Não havia explicação para a tragédia. Como poderia enfrentá-la? Sendo homem de fé, Jó prostrou-se e adorou a Deus, dizendo: “Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1:21, *Almeida*). Jó reconheceu o direito divino de orientar os acontecimentos de sua vida. Jó reagiu diante de sua crise exatamente como reagira diante da vida — colocando a si e o seu futuro nas mãos de Deus.

Não foi só isso. Satanás desafiou a Deus novamente no que se refere a Jó. “Pele por pele, e tudo quanto o

homem tem dar a sua vida. Estende, porém, a tua mão, toca-lhe nos ossos e na carne, e verás se não blasfema contra ti na tua face!" (Jó 2:4, 5, *Almeida*). Deus tinha uma confiança maior em Jó e permitiu que Satanás o afligisse com tumores desde a cabeça até os pés. Dor e miséria foi o que ele teve de suportar. Até mesmo sua esposa o espicou: "Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus, e morre" (Jó 2:9, *Almeida*).

Jó talvez tivesse sentido o desejo de fazer isso mas vivera de acordo com sua confiança no caráter de Deus e, se fosse necessário, morreria por isso. Sua resposta foi clara: "Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?" (Jó 2:10, *Almeida*). Deus pode usar de modo positivo até mesmo o mal que acontece, exatamente como o ourives refina o ouro por meio de intenso calor. Mas nós devemos permanecer *abertos* diante de Deus e da vida para receber o bem que surge.

O servo de Deus aceitou a situação difícil como parte do processo da vida. Jó amadureceu suficientemente para aceitar as experiências amargas. Sua fé podia dobrar-se sem quebrar!

Jó lutou para descobrir o motivo do seu sofrimento. Mas o absurdo da situação em sua própria mente não podia afastá-lo de Deus. Jó perguntou: "*Por quê?*" O Senhor não respondeu por que, mas fez algo muito maior — revelou-se a Jó. A história está cheia de homens que descobriram Deus no meio de grande sofrimento. Descobrindo Deus, encontraram a paz em si mesmos e na situação que atravessavam e puderam dar ao mundo o fruto do seu sofrimento — dons que não seriam seus para dar se não tivessem lutado intensa-

mente. A declaração afirmativa de Jó ao Senhor foi: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem" (Jó 42: 5, *Almeida*).

Ver a Deus — saber que ele existe e que ele cuida de você transcende qualquer pergunta, qualquer dúvida, qualquer luta!

Se isto lhe parece inacreditável, é porque o deus que há em seus pensamentos é pequeno demais para ser o Deus do Universo. Todos os que o perceberam e ao seu caráter ficaram profundamente comovidos. Lembra-se de quando Moisés pediu para ver a Deus? O Senhor o colocou sobre a penha e lhe permitiu que visse o seu caráter moral, mas não todo o seu ser. Nenhum homem pode ver a Deus em toda sua plenitude sem ficar totalmente esmagado. No final da experiência, as Escrituras dizem que "imediatamente, curvando-se Moisés para a terra, o adorou" (Êxodo 34: 8, *Almeida*).

Se você descobrir Deus em sua luta, a luta, por mais real que seja, se tornará secundária. Sua vida assumirá uma qualidade indestrutível. Sua vida terá um significado que transcende seu sofrimento e abençoará ricamente aqueles que entrarem em contato com você.

Acrescentamos aqui um P.S. Deus nos permite perguntar *por quê*. Ele não é insensível às nossas lutas e sofrimentos. Ele sabe que lá do fundo vem à tona uma necessidade de perguntar o motivo. Às vezes encontraremos um motivo que satisfaz nossa mente; podemos descobrir que tomamos decisões erradas, ou que outra pessoa as tomou e que estamos sendo afetados por essas decisões.

Haverá ocasiões, entretanto, quando não poderemos perceber a razão de nosso dilema. Nessas ocasiões podemos duvidar da justiça da situação e até mesmo

do amor de Deus. Deus não se perturba quando lhe fazemos perguntas. Ele sabe que seu amor por nós é verdadeiro, e ele experimenta a nossa agonia mais profundamente do que nós. É quando permanecemos abertos e francos diante dele quanto aos nossos sentimentos e necessidades que ele pode, a seu próprio modo e tempo, revelar-nos o seu cuidado por nós.

Infelizmente, a fé — viver a vida confiando completamente no amor e cuidado de Deus — não é o único estilo de vida que testemunhamos no mundo. Vamos examinar alguns meios típicos que podemos nos sentir tentados a escolher para enfrentar nossas crises.

1. *O estilo escapista* é característico daquele que foge da realidade e da responsabilidade, quando percebe a possibilidade de enfrentar sofrimento. O escapista pode deixar a cidade para fugir às dívidas ou evitar uma confrontação com o seu patrão. Ou talvez permaneça fisicamente onde está mas recuse-se a permitir que qualquer coisa desagradável o toque. Constrói muros à sua volta e se recusa a resolver o problema imediato. A esposa, os pais ou um amigo talvez precisem resolver o problema, mas não podem esperar nenhuma ajuda do escapista até que ele esteja pronto a parar de fugir e passe a aceitar a vida como ela é. A tragédia é que a pessoa que constantemente foge da vida na verdade nunca chega a viver.

2. *O briguento opõe-se a tudo e a todos que estão em seu caminho.* Procura poder e domínio em seu meio ambiente, pois o poder dá controle. Se ele pode controlar, pode manipular os acontecimentos de sua vida de modo que está sempre por cima, independente de quantos outros ele possa derrubar no processo. Competição doentia e conflito são a marca do seu estilo. O

briguento jamais pode admitir a fraqueza ou o fracasso. Se as coisas não funcionam, sempre a falta é de outra pessoa. Ele leva tudo muito a sério e o objetivo seu é ganhar a qualquer preço. A tragédia aqui é que ele nunca realmente se conhece a si mesmo ou aos outros. Haverá muita ação e interação, mas pouca profundidade.

3. *Tornar-se a vítima* é o terceiro padrão. A vítima passa a vida absorvendo insultos — aceitando desgraças e sofrimentos sem reagir. Ela se omite. “Que importa? Faça o que fizer nada vai mudar.” É assim que se sente e se arrasta, queixando-se e choramingando por causa da dureza da vida. A tragédia é que a vítima jamais descobre o potencial de sua vida.

4. *O estilo alegre e despreocupado* pode parecer bom a muitos de nós, mas também foge da realidade. É a pessoa que recusa a reconhecer a presença do sofrimento. Ela não enfrenta a vida totalmente, mas só a parte na qual se sente bem. Quando uma crise severa se apresenta em seu caminho, transforma-se em um escapista, se lhe for de todo possível. A tragédia neste caso é que jamais desenvolve um tipo de sensibilidade que o capacite a entender, identificar-se ou comunicar-se com os outros, ou até consigo mesmo.

É óbvio que nenhum dos estilos que citamos constitui descrição exata de qualquer um de nós. Somos demasiado complicados para sermos descritos em termos tão simplistas. Mas podemos nos ver neles e ficar atentos aos modos pouco realistas pelos quais somos tentados a enfrentar as durezas da vida. Neste caso, atreva-se a enfrentar o seu conflito como é, e estabeleça sua vida firmemente sobre os cuidados e o caráter de Deus.

22. ENFRENTANDO UMA TRAGÉDIA SEM SENTIDO

EM NOSSA VIDA SURGEM acontecimentos que muitos chamariam de “tragédias sem sentido”. Jack e Nancé Wilson, dois dos fundadores da nossa organização e amigos íntimos de nossa família, passaram recentemente por uma tragédia inominável: sua filhinha de sete anos foi morta em um acidente de motocicleta. A perda foi enorme. A dor profunda. Que possível propósito teria um acontecimento assim? A vida prometia tanta coisa para Brenda. Era uma criança excepcionalmente brilhante com uma personalidade afetuosa e comunicativa, uma alegria para todos os que a conheciam. Por que sua vida deveria ser interrompida — com apenas sete anos? Onde se poderia obter uma resposta? Não era uma tragédia *sem sentido*? Mais importante ainda, onde se encontravam os recursos para suportar tamanha dor?

Acho que seria útil partilhar alguns dos sentimentos e experiências que Nancé expressou. Em seus poemas você verá um pouco do espírito desta menininha e a profunda fé de seus pais.

Ela levou uma surra
e ficou zangada
consigo mesma,
e comigo.

Bateu a porta
e chorou,
e ficou em seu quarto
até se acalmar.
“Eu quis escrever uma carta zangada”,
ela disse.
“Mas Jesus disse: ‘Não seria
o melhor’.”
Por isso escreveu uma carta agradável,
dizendo:
AMO JACK E NANCÉ
ELES ME AMAM TAMBÉM —
JESUS AMA JACK, NANCÉ
E BRENDA — E O PEQUENO TIM TAMBÉM.

Estávamos fazendo compras e compramos
um balão
que tinha escrito em cima “AMOR”,
com um coelhinho dentro,
com gás
e um barbante —
Para ela foi como se tivesse vida —
Um companheiro de brinquedos — diver-
tido e livre.
“Venha cá, papai”, ela disse,
Ansiosa
Viva
Alegre e
Confiante
“Vamos soltá-lo” — e assim fizeram,
e o viram desaparecer.

Símbolo do que eu tive de fazer — com ela.

Sim, eles tiveram de vê-la desaparecer sem nenhuma explicação da vida ou de Deus ou de qualquer outra pessoa. Embora não pudessem responder satisfatoriamente ao porquê desta tragédia, sua fé está permitindo que surja um significado da vida e da morte da menina. Nem sua vida nem sua morte foram em vão! Em vida proporcionou grandes alegrias, e com sua morte proporcionou uma renovada dependência de Deus. Na verdade, uma herança rica!

O acontecimento pode ser uma enfermidade ou acidente, morte, uma carta qualquer, a perda de um emprego ou a polícia à porta, mas vem com a força de um furacão e ameaça espedaçar-nos. Naquele momento podemos identificar-nos com as dolorosas experiências do salmista: "Estou esgotado e esmagado; estou gemendo de desespero. Senhor, tu sabes como eu anseio pela minha saúde mais uma vez. Tu ouves cada lamento meu. Meu coração bate furiosamente, minha força falha, e eu estou ficando cego. Os meus amados e meus amigos ficam de longe, com medo de minha doença. Até a minha própria família permanece à distância" (Salmo 38: 8-11, *Salmos e Provérbios Vivos*). Pode haver um senso de solidão desesperada e desamparo, quando enfrentamos acontecimentos que não podemos controlar.

Não podemos sempre escolher nossas circunstâncias, mas podemos escolher as atitudes para essas circunstâncias. Viktor Frankl, escrevendo sobre os horrores que ele e outros experimentaram em um campo de concentração alemão, declarou:

Nós que vivemos em campos de concentração podemos lembrar-nos dos homens

que andavam pelas barracas confortando outros, distribuindo seu último pedaço de pão. Talvez fossem poucos, mas ofereceram provas suficientes de que tudo pode ser tirado de um homem, exceto uma coisa: a última das liberdades humanas — a de escolher a atitude que vai tomar em qualquer circunstância, escolher o seu próprio caminho ... Embora condições tais como a falta de sono, alimento insuficiente e diversas tensões mentais deixassem os reclusos sujeitos a reagir de certas maneiras, na análise final está claro que a espécie de pessoa em que o prisioneiro se tornava era resultado de uma decisão íntima, e não apenas das influências do campo. Fundamentalmente, portanto, qualquer homem pode, mesmo sob tais circunstâncias, decidir o que vai acontecer com ele — mental e espiritualmente (*"Man's Search for Meaning*, Viktor E. Frankl, pág. 121).

Quais são algumas das atitudes comuns que surgem sob pressões severas?

1. Podemos chegar à conclusão de que a vida é dura e cruel e ficar zangados porque Deus permitiu que tal coisa acontecesse.

2. Podemos fechar-nos à vida e permitir que as circunstâncias difíceis nos tornem amargurados e ressentidos para com todos, especialmente aqueles que no momento têm uma vida serena.

3. Podemos recolher a ira e o sofrimento e acusar-nos pelo infortúnio, passando o resto da vida punindo-nos por isso.

4. Podemos chegar à conclusão de que a vida não tem significado e que Deus não existe, e vagar na incredulidade.

5. Podemos avançar com fé e experimentar os recursos de Deus que proporcionam vida. Deixem-me enfatizar que o maior dos recursos que Deus nos oferece é Ele mesmo. Ele vem a nós para nos consolar, curar, encorajar e nos restaurar — não só à posição antiga, mas a uma posição de integridade, sensibilidade e esperança ainda maiores. Deus se dispôs a sofrer para aliviar o nosso sofrimento e lhe dar significado. Na cruz de Cristo vemos até que ponto Deus se dá a nós — a profundidade do seu amor e o seu envolvimento em nossas dificuldades. Ele está querendo alcançar você neste momento! Você não quer lhe estender a mão e pedir que o ajude a encontrar o caminho dele em sua dificuldade?

Quero definir *fé* para você, no contexto de uma crise.

1. Crise, para a pessoa de fé, significa: pare onde está e ouça. Podemos ter ficado tão preocupados com as coisas da vida, e com os nossos planos e projetos, que perdemos o ponto central de nossa vida e talvez não saibamos onde estamos pessoalmente, ou quais são nossos recursos. A fé nos capacitará a fazer como sugere o salmista: “Fique quieto! Saiba que eu sou Deus!” Sabendo que Deus *existe* e que Ele conhece as trevas pelas quais estamos passando, recebemos coragem e certeza de nossa dependência e confiança nele. Ouça a experiência do salmista e sua afirmação de fé:

Deus é o nosso refúgio e força, um socorro já experimentado nos tempos de aflição. E assim não precisamos ter medo, ainda que o mundo rebente, e as montanhas se despe-

dacem dentro do mar. Que os mares rujam e espumem; que as montanhas tremam!

Há um rio de alegria correndo pela cidade do nosso Deus — o lar sagrado do Deus acima de todos os deuses. O próprio Deus mora naquela cidade; portanto ela fica inabalável, apesar do tumulto em toda parte. Ele não demorará o seu socorro. As nações esbravejam e se enfurecem de raiva — mas quando Deus fala, a terra se derrete em submissão, e reinos desabam em ruínas.

O Comandante dos exércitos do céu está aqui, entre nós. Ele, o Deus de Jacó, veio para nos livrar. Venham ver as coisas gloriosas que o nosso Deus faz, como Ele traz a ruína sobre o mundo, e faz cessar as guerras por toda a terra, quebrando e queimando todas as armas. “ Calem-se! Saibam que Eu sou Deus! Eu serei honrado por todas as nações do mundo!”

O Comandante dos exércitos celestiais está aqui, entre nós! Ele, o Deus de Jacó, veio para nos livrar! (Salmo 46:1-11, *Salmos e Provérbios Vivos*).

Quando o nosso mundo se desmorona, precisamos desesperadamente de uma coisa ou de alguém que nos possa dar um senso de estabilidade, uma consciência de que existe alguém que pode nos sustentar e que não vai nos abandonar. O objeto de confiança da fé é Jesus Cristo, e podemos contar com Ele, mesmo quando o mundo se acaba! Sem Ele e sem as pessoas, mediante as quais Ele nos assiste, só nos restaria o desespero. Mas Ele vem para nos dar esperança e os recursos a fim

de começar tudo de novo.

2. Nas crises, a fé procura as alternativas de Deus quanto à futilidade e ao desespero. Ele sempre tem uma. Podemos não percebê-la imediatamente, mas quando olhamos para Ele, uma alternativa criativa surge no momento oportuno, por mais desesperadora que possa parecer a nossa situação. Podemos estar enfrentando a morte — a nossa própria — e descobrir que a alternativa de Deus é a vida — vida além da sepultura, em sua presença, onde não há mais lágrimas, ou sofrimento, ou morte, mas alegria indizível e vida cheia de potencial além dos nossos sonhos mais fantásticos. Essa promessa e essa esperança arrancam o aguilhão da morte.

Podemos estar enfrentando uma situação que parece tão difícil que nos sentimos incapazes de atravessá-la. Podemos temer que não exista uma vida significativa para nós, além da nossa tragédia. Mas alguma realização sempre vem para aqueles que permanecem abertos para a vida e para Deus. As feridas levarão tempo para sarar e o espírito para reanimar-se, mas vão sarar, se você não se agarrar à sua experiência esmagadora e não se recusar a sarar.

3. A fé nos capacita a ver que nada em nossa experiência é inútil. Não é a dificuldade, mas o sentimento de que afinal nada importa, que nos derrota. Segundo já dissemos, a fé não esclarece necessariamente as razões de nossa calamidade, mas dá-nos os recursos para sobreviver a ela. É a fé que nos capacita a declarar: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Romanos 8:28, Almeida).

Nem tudo é bom. Nem tudo o que nos acontece é bom. Vivemos em um mundo decaído; o mal é uma parte da realidade atual. Somos gente egoísta vivendo entre gente egoísta. Mas em tudo que apresentamos a Deus, Ele faz alguma coisa libertadora, e em nós também, extraindo o que há de bom.

As possibilidades libertadoras são ilimitadas. Ser agarrado pelo poder do álcool é trágico, mas amigos que se recuperaram pela graça de Deus por meio dos Alcoólatras Anônimos descobriram um ministério, junto a outros alcoólatras, que nenhum não-alcoólatra poderia imitar. Eles compreendem o problema porque passaram por ele. Deus está extraindo o bem do problema deles.

Eu vi uma senhora que perdeu o filho, consolando outra mãe que perdeu o dela e o fez de um modo que nem eu nem ninguém mais poderia, porque não passamos por tal calamidade. *Ferimentos curados formam cicatrizes de força.*

É verdade que preferimos passar sem o ferimento ou até mesmo a força que ele potencialmente produz, mas na qualidade de seres humanos não temos essa alternativa. O sofrimento vem para todos. Nossa única opção é se vamos permitir que a dor nos imobilize e nos destrua, ou se vamos descobrir um meio de sobreviver e torná-la criativa. Essa escolha é realmente nossa.

4. Pela fé entendemos que esta vida não contém a história completa. Somos como Abraão, “esperando esperançosa e confiantemente, antecipando a cidade que tem alicerces fixos e firmes, cujo Arquiteto e Construtor é Deus” (Hebreus 11:10, *The Amplified Bible*). Temos a promessa da vida eterna, na qual todas as desigualdades serão resolvidas e a vida em si mesma será

inexaurivelmente mais rica e completa. Sem esta dimensão, o problema do sofrimento e do mal não tem resposta satisfatória. Com ela, temos a certeza de que um dia entenderemos, e o mal se transformará em bem.

23. PERDA DE SIGNIFICADO

A PERDA DE SIGNIFICADO é talvez a crise mais devastadora de todas. A experiência de Viktor Frankl, como prisioneiro em um campo de concentração nazista, dá testemunho do fato. Ele escreve que a vida naqueles campos desnudava a alma humana e expunha suas profundezas. Muitos morreram. Aqueles que sobreviveram, fizeram-no só pela esperança. Quando um homem já não conseguia mais ver sentido no seu sofrimento naqueles campos, estava acabado.

Qualquer tentativa para restaurar a força interior de um homem em um campo devia, em primeiro lugar, ter êxito na apresentação de algum alvo futuro... "Aquele que tem uma razão para viver agüenta quase qualquer coisa..." Sempre que havia uma oportunidade, era preciso dar-lhes uma razão — um alvo — para a vida deles, a fim de fortalecê-los, para enfrentar a terrível situação de sua existência. Ai daquele que não via mais nenhum sentido em sua vida, nenhum alvo, nenhum propósito e, portanto, nenhuma razão para prosseguir. Não demorava e estava perdido "Man's Search for Meaning, Viktor Frankl, pág. 121).

Uma das pessoas mais atormentadas que já vi em meu consultório disse: "Não tenho futuro. A vida não

tem nada para mim. Atingi todos os meus alvos e são vazios. E, pior do que isso, não há nada que eu queira fazer, nenhum lugar aonde queira chegar. *Tudo é sem sentido!*" Um desespero assim geralmente leva ao suicídio, e na América do Norte cerca de 50.000 a 70.000 pessoas cometem suicídio todos os anos. Um número muito maior tenta fazê-lo sem sucesso. Não têm uma razão para viver que os capacite a escolher a vida em lugar da morte, mesmo que a vida pareça insuportável naquele momento.

A perda de significado pode ser muito menos dramática do que a experiência no campo de concentração ou a situação que descrevi. Pode aparecer na forma de maçantes tardes de domingo. Podemos encher nossa vida com tantas atividades frenéticas que perdemos o contato com nós mesmos e nos tornamos seres humanos empobrecidos. Quando todas as atividades cessam e temos uma tarde para nós mesmos — sem nada para fazer, ninguém para impressionar ou agradar — o vazio torna-se dolorosamente visível.

Uma indicação deste vácuo interior é o tédio. Um psiquiatra observou que o tédio está atualmente causando, e certamente levando aos psiquiatras, mais problemas para resolver do que o desespero. É trágico quando uma vida não tem bastante conteúdo para torná-la pelo menos interessante, quando não entusiasmadora.

Eis algumas razões externas para a perda de significado em nossos dias:

① O conceito do determinismo tão predominante hoje em dia confina o homem ao nada. Pensar no homem simplesmente como produto de sua hereditariedade e ambiente, sem liberdade para ser diferente,

apaga o sentido de sua existência e fomenta um senso de fatalismo. Nossa cultura tem uma superdose desta perspectiva pessimista sobre o homem, e tem sido fortalecida pela psicoterapia que considera o homem simplesmente como uma composição complexa de reflexos condicionados. Frankl escreve:

Com toda certeza, o ser humano é um ser finito, e sua liberdade é restrita. Não é liberdade das condições, mas liberdade de tomar uma posição diante das condições. . . Como professor em dois campos, neurologia e psiquiatria, estou totalmente cômico da extensão à qual o homem está sujeito quanto às condições biológicas, psicológicas e sociológicas. Mas além de ser professor em dois campos, sou um sobrevivente de quatro campos — isto é, campos de concentração — e como tal também dou testemunho da extensão inesperada da qual o homem é capaz, desafiando e enfrentando até mesmo as piores condições concebíveis (*Ibidem*, págs. 205-206).

Do ponto de vista bíblico, o homem tem uma vontade que ele pode exercer livremente, e é responsável quando se entrega às forças que o influenciam e pressionam ou se levanta acima delas. Moisés é apenas um exemplo do homem que recusou uma oportunidade que, segundo os padrões do mundo, era inigualável no seu tempo. "Foi pela fé que, Moisés, quando cresceu recusou ser tratado como neto do rei, e escolheu partilhar os maus tratos do povo de Deus, ao invés de desfrutar os prazeres passageiros do pecado" (Hebreus 11:24, 25, O Novo Testamento Vivo). O homem é par-

cialmente responsável por seu próprio futuro. Tem liberdade de escolher o caminho que vai tomar, e todo o céu ou inferno vão apoiá-lo nisso.

② A tecnologia tem contribuído para que o homem perdesse o significado da existência. O computador pode armazenar e lembrar mais informações em segundos do que um homem em toda a sua vida. A automatização de toda espécie elimina a necessidade de mais e mais horas-homem. O resultado é que o homem que não encontra um fundamento espiritual sólido para a sua vida fica intimidado pela máquina. Sem dimensão espiritual, o valor do homem fica limitado à sua capacidade de execução.

③ A destruição de nossa tradição e de nossos heróis contribuiu enormemente para a falta de significado predominante em nossos dias. Ao descobrir afinal que nossos heróis foram humanos, passamos da adoração ao desprezo por eles. Ver pessoas que apesar dos seus problemas fizeram grandes contribuições para a humanidade deveria nos incentivar a nós, que estamos conscientes das limitações de nossa própria condição humana, a tentar o mesmo. Em lugar disso, tornamo-nos cínicos e desconfiados.

Em vez de tentar reformar nossas tradições, tentamos destruí-las completamente. Um estudante radical me disse: "Temos de queimar todas as nossas tradições e começar tudo de novo." Perguntei-lhe o que ele achava que tinha de ser feito de novo e ele disse: "Não sei; não pensei nisso." O homem não pode existir em um vácuo, mas criamos um vazio emocional. O que resta que desperte lealdade imorredoura? Quem você admira bastante para imitar? Em que projetos edificantes você está ocupado?

Lembre-se de que a vida se torna autodestrutiva quando é vivida só para o ego.

Vamos considerar alguns contribuintes internos comuns para a perda de significado.

① É comum atingir os alvos e descobrir que estes alvos não são adequados. Muitos homens que só desenvolvem seu lado agressivo e masculino, dedicando todo o seu tempo e energia à sua profissão e à construção de segurança econômica, acabam lá em cima sem nenhum lugar para ir. O entusiasmo de estar subindo acabou, e agora tudo se torna monótono.

② Ter um alvo não-realista e, depois de anos de luta, desistir da esperança de um dia alcançá-lo, pode deixar a pessoa com um senso de futilidade completo. A pessoa pode chegar à conclusão de que nunca será famosa ou rica ou presidente de sua companhia ou de ter a sua própria firma ou seja lá o que for. Seu propósito foi frustrado, e sente-se um fracasso. Sua confiança desce a zero e com ela sua motivação. "Por que prosseguir, o que resta para mim?" será sua pergunta obcecante.

Encaremos o fato: nem todos vão parar no alto de uma pirâmide, mesmo se for uma pirâmide pequena. Mas a vida pode ter significado mesmo ao pé da escada! Pode ser mais fácil descobrir o verdadeiro significado da existência de uma pessoa, se não houver tanto sucesso que atrapalhe a busca.

③ Perder o cônjuge ou qualquer outra pessoa muito íntima pode deixar o indivíduo sem um sentido na vida. Dói perder aqueles que amamos. Cada um recebe das pessoas a quem ama, uma quantidade substancial de significado para a sua existência. Frankl destaca, em sua experiência na prisão, que a esperança de saber

que uma pessoa amada estava à espera deles, do lado de fora, dava razão suficiente para que continuassem agüentando. A fé cristã toca lindamente nesta perda, sob dois aspectos: primeiro, sabemos que o amor que partilhamos com outra pessoa é eterno e jamais pode ser perdido; segundo, sabemos que para o cristão a separação só é temporária.

A reação diante desta perda interior de significado varia de pessoa para pessoa. Alguns tentam compensar o vazio que sentem adquirindo mais coisas. O materialismo é um substituto pobre para a existência autêntica e torna-se um capataz cruel.

Outros tentam encher o vazio com prazeres: mais divertimentos, mais emoções, mais álcool, mais drogas, mais sexo — qualquer coisa que ajude a esquecer sua falta de significado. O problema é que estas diversões são apenas temporárias, e depois que passam, o sentimento do nada vai aumentar. Sei que é defeito humano achar que somos exceção — que podemos fazer certas coisas que podem prejudicar os outros e não a nós. Teremos a nossa aventura e nos divertiremos e daremos um jeito de chegar intactos ao outro lado. Admito que minha experiência é limitada, mas depois de quinze anos de aconselhamento, ainda não encontrei a exceção. O preço pago pela auto-indulgência e pela exploração de outros é extremamente alto. A retribuição pode não vir imediatamente, dando-nos um falso sentimento de bem-estar, mas virá.

Talvez a maior de todas as tragédias é destruir de tal modo o ser, feito à imagem de Deus, que já nem podemos mais reconhecer o fruto de nosso prazer egoísta. É possível tornar-nos tão insensíveis que olhamos para os outros como se fossem estúpidos e não conseguis-

sem nos acompanhar.

Os valores aos quais dedicamos nossa vida, não simplesmente nossas palavras, revelam o conteúdo de nosso significado. Numa reunião de grupo matinal fomos instruídos a fazer uma lista de nossas prioridades. Durante três semanas anotávamos e apresentávamos ao grupo o modo pelo qual gastávamos o tempo, como, por exemplo, quanto tempo passávamos com o nosso cônjuge, nossos filhos, no trabalho, com os clientes, em reflexões pessoais e espirituais, em divertimentos, descanso, atividades sociais.

A tarefa foi reveladora. Nossa lista de prioridades apresentada não coincidia com a realidade, mais do que a metade do tempo. Descobrimos que inconscientemente estávamos permitindo que as circunstâncias ditassem nossas prioridades — quem ou o que estivesse fazendo mais barulho e exercendo mais pressão recebia nosso tempo e nossa atenção. Descobrimos que não estávamos vivendo intencionalmente. Nenhum de nós precisa ser lembrado do que pode acontecer ao casamento e aos filhos quando as prioridades são determinadas pelas circunstâncias. A pressão exercida pela vocação de uma pessoa pode levá-la cegamente pelo caminho da negligência, se não tomar providências deliberadas para evitá-lo.

Faça uma lista de suas prioridades e durante uma semana registre como você gastou o seu tempo. Veja se não precisa fazer algumas mudanças!

O homem é singular entre todas as criaturas que habitam a terra, e parte de sua singularidade é a necessidade de dar sentido à sua existência. Só ele pode fazer a pergunta: "O que significa isto?" Então ele pode integrar seu passado, presente e futuro em torno de sua

resposta. Praticamente falando, cada homem já respondeu até certo grau à pergunta referente ao significado, isto é, tem uma perspectiva da vida e do universo que reflete seu esforço de relacionar-se com a totalidade de sua experiência. Quando diz que a vida é sem sentido, já julgou sua própria existência e ficou com uma perspectiva absurda do mundo.

O homem também tem liberdade e responsabilidade de escolher seu ponto de vista; este não lhe é imposto como uma coisa inevitável. Precisamos ser lembrados que um dia não saímos por aí escolhendo nossa filosofia de vida como se fosse um livro. Adquirimo-la aos pouquinhos e em parte de nossos pais, professores, colegas, nossas próprias experiências, sonhos e esperanças. Podemos ter sido machucados ou desapontados e adquirimos um ponto de vista negativo, ou então fomos incentivados e amados e adquirimos uma perspectiva positiva. Podemos ter sido influenciados por um professor que plantou em nossa mente um sonho que se tornou a base de nossa interpretação da vida. Talvez nunca reconheçamos todas as fontes de nossa perspectiva da vida, mas podemos e devemos avaliar essa perspectiva conforme vamos amadurecendo.

Os cristãos têm uma grande vantagem em seu potencial para descobrir uma perspectiva criativa da vida e da História. Temos a Bíblia, que é ao mesmo tempo o registro da auto-revelação de Deus e parte dessa revelação e, como tal, tem o propósito de nos colocar no devido relacionamento com Deus. Esse relacionamento não elimina, mas eleva o mistério e o drama da vida. Em nossa peregrinação de fé podemos começar a entender, por meio da Bíblia, a revelação do propósito redentor de Deus; descobrimos que nós mesmos

fomos apanhados por esse drama.

A história tem um destino e nós também. Toda a vida está cheia de significado. Nenhum simples acontecimento é sem sentido, embora sejamos incapazes dentro de nossas limitações de entender ou explicar cada um deles. Deus pretende algo grande por meio de Cristo em nossa vida, na História e na eternidade! A descrição que Cristo faz de sua missão é a de nos dar vida abundante — vida plena, real, imensa!

Pense nisto: O Deus que planejou os intrincados detalhes do universo tem um propósito especial para você. Você pode compreender que o sonho de Deus para você é participar da própria vida dele na qualidade de seu filho; nos séculos vindouros você será junto com o restante do seu povo, o meio pelo qual ele vai expressar sua criatividade sem fim e seu amor inextinguível.

Junto com a vocação de Deus para você tornar-se crente vêm tarefas específicas para realizar. Não posso dizer-lhe qual é a sua, e você não pode definir a minha. Quando andamos pela fé, investigando profundamente nas Escrituras e procurando dar lugar a ele e às oportunidades que se apresentam, podemos começar a reconhecer tarefas específicas que Deus estabelece para nós. Estas tarefas podem conter uma grande aventura aos olhos do mundo, ou podem envolver grandes sofrimentos. Mas a percepção de que temos um lugar na história de Deus torna a tarefa mais significativa do que podemos descrever.

24. RECUPERANDO-SE DE UM FRACASSO MORAL

“VOCÊ PODERIA ME DIZER COMO posso manter um relacionamento significativo com minha esposa e continuar meu caso com minha secretária?” perguntou-me um distinto senhor de trinta e poucos anos. Ele e a esposa me procuraram para aconselhamento dois anos atrás. Seu casamento estava às portas de um colapso, e vieram me procurar em uma última tentativa, antes de desistir de tudo. Depois de resolverem algumas de suas hostilidades, decidiram tentar salvar o casamento.

Conforme acontece com freqüência, o casal deixou de cumprir com seus compromissos mútuos, e o velho padrão de seguir caminhos separados logo voltou. Os hábitos sexuais promíscuos do marido também continuaram. Agora estava de volta ao meu escritório, enfrentando novamente a crise de um colapso moral que o deixara sem defesa em todas as frentes e muito infeliz. Declarou que nada parecia ter sentido para ele — nem seus relacionamentos nem sua profissão. Mas queria ficar com a esposa, porque ela o amava e ele sabia disso; e com a amante, que lhe oferecia diversão sedutora dentro do vazio em que se encontrava.

Pedi a minha opinião e eu lhe disse que não havia meios, segundo o meu entender, de ele fazer funcionar um arranjo assim. Deus nos fez para vivermos ao

máximo; violar Sua revelação do que faz a vida funcionar melhor é violar a nós mesmos e à Sua lei moral. *A moral não torna a vida mais difícil; torna-a mais feliz e mais sadia.* Naturalmente, dizer à outra pessoa o que é correto, como você entende, não a modifica. Cada um tem a liberdade de agir como preferir, mas não temos o poder de controlar as conseqüências dessas ações. O que semeamos, colhemos; quando semeamos loucamente ao vento, colhemos tempestades (Oséias 8:7).

De certo modo este homem acreditava que podia resolver seu problema e recusou ajuda. Você pode imaginar o resultado. Perdeu a esposa e os filhos em primeiro lugar, depois a amante. Tem feridas que provavelmente levarão anos para cicatrizar, se é que vão cicatrizar. O preço de nos tornarmos a nossa própria lei é realmente alto.

Na Bíblia temos um padrão muito positivo do que é certo e errado. Alguns o perverteram em um legalismo que afastou a muitos da Bíblia. Mas olhar para a ética da fé cristã, conforme revelada nas Escrituras, é ver a sabedoria de Deus sendo exercida para o bem do homem.

Outros que tenho aconselhado defendem suas atividades imorais com base no fato de terem perdido todo o afeto de seu cônjuge. Na fúria de uma paixão desenfreada é difícil distinguir o amor da concupiscência e ainda mais difícil saber *quem* é amado, se é que alguém o é. Tenho observado numerosos “casos” onde, depois que o “caso” esfriou, o marido ofensor descobriu que amava a esposa. Mas enquanto o “caso” prosseguia firme, ele jurava que não sentia nada por sua esposa.

Sempre sugiro ao marido, que realmente deseja saber se tem ainda algum afeto pela esposa, que inter-

rompa o "caso" pelo menos o tempo suficiente para esfriar; então poderá indagar de si mesmo com quem realmente deseja partilhar a vida. Tal pergunta não tem sentido enquanto o "caso" estiver em andamento.

Lembro-me de um homem que se divorciou da esposa e se casou com a amante. Depois de um prazo relativamente curto confidenciou-me que se, no seu primeiro casamento, tivesse tentado a metade do que estava tentando no segundo, teria tido um super-relacionamento com a primeira esposa.

O velho ditado, "A grama do vizinho parece mais verde," é muito válido. Muitos já descobriram para desapontamento seu como as aparências enganam.

A desonestidade nos negócios parece uma grande fraqueza atual. As pressões vêm de todos os lados e vão finalmente nos engolir se não assumirmos alguns compromissos positivos e definidos e nos apegarmos a eles. Qualquer evasão que transgride a verdade é sempre um passo descendente. Embora possamos nos intimidar com esse primeiro passo, cada passo seguinte será mais fácil. Poucas pessoas, inclusive criminosos endurecidos, jamais pretenderam ir aos extremos no começo. O mal tem um meio de operar mais depressa do que o bem, e ele fica espreitando para descartar qualquer limite moral que estabelecemos para nós mesmos. Há de nos destruir finalmente se não for observado.

Podemos ser gratos porque Deus está operando, tentando ganhar nossa atenção sem violar nossa liberdade, de modo que ele pode inverter esta espiral descendente capacitando-nos a enfrentar a nós mesmos, aos outros, e ao nosso mundo, com honestidade e franqueza sem maldade. Leva-se anos para edificar

uma reputação, mas só alguns minutos para destruí-la.

O que podemos fazer quando enfrentamos um deslize moral? Todos nós enfrentamos tal crise; cometemos erros e falhamos. Nossos fracassos podem ser óbvios ou não, mas serão fracassos, pois perfeição, só na vida futura. A culpa e alienação que resultam de nossos fracassos são um fardo esmagador para carregarmos. Conforme Huck Finn disse: "às vezes a consciência de um indivíduo precisa de mais espaço do que o restante do seu interior."

Temos diversas opções: (1) Podemos negar que cometemos um erro; (2) podemos lançar a culpa sobre outra pessoa ou sobre as circunstâncias; (3) podemos tentar tornar nosso comportamento aceitável a nós mesmos e talvez até mesmo aos outros por meio da racionalização; (4) podemos enfrentar nosso fracasso, pedir perdão e fazer restituições sempre que for possível fazê-lo.

Deus nos oferece perdão e os recursos para começar tudo de novo.

25. DOR E SOFRIMENTO

O SOFRIMENTO É INEVITÁVEL. Nenhum de nós pode fugir dele permanentemente. Mas poucos estão, se é que estão, preparados quando ele vem. Nossa saúde é uma das muitas coisas que tomamos como fato certo e consumado. Ter um corpo livre de dores, funcionando vigorosamente, capacitando-nos a executar as obrigações com grande facilidade é um bem indescritível — embora apenas um bem temporário neste mundo. Enfermidades, acidentes e a idade podem atingir o corpo e mente muito depressa.

Se a saúde é um de seus traços característicos hoje, não perca tempo remoendo possibilidades futuras e torturando-se com os “e se” da vida. *Aproveite* esse dom e faça bom uso de sua energia e vigor. Considere cada dia de sua vida como um acontecimento especial a ser celebrado, e use-o para o bem dos outros e para a glória de Deus. Aprender a viver a vida ao máximo capacita a pessoa a sofrer sem amargura. Afinal, se o Senhor não voltar logo, nenhum de nós sairá vivo deste mundo. A morte não precisa ser deprimente! É a declaração de um fato — um fato que a realidade comprova diariamente.

Se a dor e o sofrimento sobrevieram a você em sua jornada, então há boas-novas para você. Deus não o abandonou, e seu sofrimento não é sem sentido. Conforme Samuel declarou: “Pois o Senhor... não desam-

parará o seu povo" (1 Samuel 12:22, *Almeida*).

Você pode clamar das profundezas do seu ser: "Por quê? Por que eu? Por que isto? Por que tão cedo?" Você pode achar que mal começou a viver e agora parece que tudo vai ser interrompido. Mas as boas-novas de Cristo são que você pode viver significativamente até o momento de sua morte, se a morte é seu quinhão atual — e também no futuro!

Jó perguntou por quê, e com muita razão. Dói perder tudo — riqueza, família, amigos e saúde. Embora nunca recebesse uma resposta para a razão do seu sofrimento, *descobriu que Deus estava com ele no sofrimento, que este não era sem sentido, e que podia confiar em Deus além dos limites de sua compreensão.* Por maior que seja a nossa dor, podemos sobreviver como seres humanos, se sabemos que não estamos sozinhos e que do nosso sofrimento pode brotar uma qualidade de significado que o redimirá da agonia sem sentido.

Nada se desperdiça na economia de Deus, e nenhuma necessidade passa despercebida! Podemos orar pedindo cura e submetermo-nos ao melhor tratamento médico disponível. Contudo, por motivos que só Deus conhece, alguns de nossos clamores para a cura física são respondidos com um *sim* e outros com um *não*. Naturalmente, estamos cômicos do fato de que, se ele respondesse cada oração com um *sim*, ficaríamos neste mundo um tempo demasiado longo. Com corpos perfeitos e mentes sadias, ninguém oraria: "Chegou minha hora de morrer."

Este mundo é apenas uma parte do quadro. Aqui lutamos e experimentamos a vida como uma mistura do bem e do mal, da esperança e do desespero, do

amor e do egoísmo. O sonho de Deus para nós é partilhar conosco a Sua vida e os Seus recursos criativos, pois somos Seus filhos queridos, e este mundo é pequeno demais para o cumprimento desse sonho. Neste mundo Deus nos confronta com Ele mesmo e com o Seu propósito, mas dá-nos liberdade de participar do Seu sonho pela fé em Seu Filho, Jesus Cristo, ou de rejeitar Sua oferta de amor e buscar nossos próprios fins egoístas. Essa escolha é nossa agora. Aceitar Cristo como Salvador e Senhor não produz fuga imediata do sofrimento, mas fornece recursos adequados para suportar nossa agonia.

Outros podem sofrer mais ou menos do que nós. Mas faríamos bem em nos lembrar que o sofrimento abrange tudo. O sofrimento é como gás bombeado em um quarto vazio: vai encher o quarto completamente, seja qual for o seu tamanho. É assim que o sofrimento enche a alma humana, seja grande ou pequeno.

O sofrimento dá cor à nossa vida toda, mas Deus nos dá o poder de escolher qual será a cor — trevas ou luz, amargura ou esperança.

A experiência da dor e do sofrimento concede-nos oportunidade fora do comum de encararmos o âmago de nosso ser. Quais são nossas forças e fraquezas? Quais as coisas pela quais temos vivido e pelas quais agora podemos morrer? O que consideramos de valor e verdadeiramente importante? Como nos comportamos quando estamos sob grande tensão?

Nenhum de nós é tão forte que o sofrimento, até certo ponto não ameaça esmagar-nos. Mas podemos descobrir, no sofrimento de Deus por nós e conosco, os recursos para recuperar nossa dignidade e coragem.

Não quero diminuir o problema. O sofrimento é duro

— tão duro que freqüentemente parece insuportável e nós clamamos: “Não agüento mais.” É neste ponto que precisamos lembrar que não são as experiências da vida que nos esmagam, tanto quanto nossa atitude para com elas. Nós podemos escolher e escolhemos nossa reação à vida, às experiências e ao sofrimento. Entregar-nos à autopiedade só destrói nossa oportunidade de aproveitar aquilo que está custando o nosso próprio sangue.

Não temos escolha sobre o que o sofrimento faz ao nosso corpo, mas decidimos o que ele faz ao nosso espírito. Se nos consideramos vítimas desamparadas, que não podemos fazer nada para melhorar a situação, acabaremos trancados em uma atitude de autoderrota e paralisaremos nossa capacidade de até mesmo crer que esta atitude pode ser mudada. Mas se percebermos que escolhemos uma atitude que machuca em lugar de ajudar, e se *quisermos*, podemos mudá-la a qualquer momento simplesmente decidindo assim. Deus nos deu essa liberdade sobre nosso futuro e ninguém pode tirá-la de nós.

Frankl diz: “Quando um homem descobre que seu destino é sofrer, terá de aceitar seu sofrimento como tarefa; sua simples e singular tarefa. . . Ninguém pode aliviá-lo do seu sofrimento ou sofrer em seu lugar. Sua oportunidade única jaz no meio pelo qual ele carrega o seu fardo” (*Man’s Search for Meaning*, Viktor E. Frankl págs. 123, 124).

Uma jovem mãe e esposa que perdeu o marido e os filhos, e teve parte do corpo esmagado em um terrível acidente de carro em um cruzamento ferroviário, escreveu:

Dor? Eu conheço a dor. Você vai conhecê-la,

encontrar-se com ela, combatê-la, quem quer que você seja. É preciso. É uma lei da vida que você tem de enfrentar a dor... Eu creio que, sendo fisicamente constituídos como somos, a dor é inevitável. Somos carne, carne macia, e não podemos escapar de ser espetado por um ou outro espinho da vida.

Mas isto eu aprendi, em minha luta contra ela: ela vem com o propósito de produzir alguma coisa melhor do que lágrimas e frustração. Ela produz amor, simpatia e uma comunhão mais espiritual do que física. Há um propósito profundo na dor; abre nossos olhos para os métodos de Deus com os homens. Extrai do coração e da mente o melhor que Deus colocou ali... (*Triumph Over Tragedy*, Iona Henry e Frank S. Mead, págs. 49, 77-78, conforme citado em *Don't Park Here!* de C. William Fisher, pág. 89.)

George B. Lieberman escreveu de sua experiência quando ambas as suas pernas foram esmagadas e, a partir daquele dia, ele viveu com o sofrimento:

Há duas maneiras de vencer a dor: podemos tentar fugir dela, ou podemos tentar torná-la útil... A dor é um senhor cruel. Mas não poderia ser um mestre?

Sim, a primeira lição que ensina é a fé, fé religiosa. Naturalmente, há momentos de rebeldia quando parece mais fácil rejeitar, acusar — e sacudir os punhos contra o céu. Mas no meio do desespero e do desamparo, o sentimento de que ainda podemos levantar nossas vozes para um Poder além de nós mesmos, que ainda podemos transmitir nosso tormento e nosso triunfo para

um Amigo Invisível e reter uma luz ainda que fraca — isto é fé ...

Portanto, sobre suas asas de destruição, a dor traz uma promessa. E esta é a grande lição que me ensinou: a promessa além da dor é vida (*Guideposts to a Stronger Faith*, de Norman Vincent Peale, págs. 175-80, usado com permissão de George B. Lieberman e citado em *Don't Park Here!* por C. William Fisher, pág. 90).

"A promessa além da dor é vida!" A dor pode continuar conosco, mas não pode mais apagar o sentido ou a esperança. Torna-se libertadora, e nossa maior e final contribuição àqueles que amamos pode ser o modo pelo qual suportamos o sofrimento e revelamos nossa fé.

26. TODOS NÓS ESTAMOS ENVELHECENDO

NOSSA CIVILIZAÇÃO ADORA a juventude. Há sociedades em nosso mundo que dão o lugar de mais alta honra aos mais velhos, porém não a nossa. Temos uma mentalidade de “jogar fora”, que destrói tanto os nossos recursos naturais como os humanos.

Um ambiente como o nosso contribui grandemente para o medo que a maioria das pessoas têm de envelhecer. Muitos daqueles que não temem conscientemente a idade, simplesmente acham que de alguma forma isso não vai acontecer com eles — ilusões de imortalidade. Mas considerar a velhice como o fazemos e saber que um dia andaremos pela mesma estrada (se chegarmos até lá) pode ser devastador. Ao lado desta atitude negativa pode vir o medo de perder a capacidade física e mental que agora desfrutamos, sem a mais leve percepção de que forças e capacidades diferentes podem tomar o lugar delas. Novos dons acompanham cada idade. Nossa capacidade continua com algumas modificações. Podemos viver, se assim o quisermos, até o fim da vida; sim, até mesmo através dele e além do fim.

Nosso medo da vida é a raiz mais profunda da qual brota nosso medo de envelhecer e morrer. Não aprendemos a confiar no processo, ou mais significativamente, no Deus que está atrás do processo. Se permi-

tíssemos que a fé lançasse raízes em nosso coração — a fé que vai além de um sistema fechado de crenças para um estilo de vida de franqueza e confiança no Deus que existe e que ama e que atende redentoramente — então o processo do envelhecimento poderia tornar-se uma aventura que entusiasma.

Preparar-se criativamente para o envelhecimento é importante. Quando deveríamos começar nossos preparativos? Agora. Nunca é tarde nem cedo demais, porque o potencial para a totalidade de nossa jornada reside mais na área das atitudes do que no número de anos.

Num dos meus pastorados tive um amigo de setenta e dois anos que fez muitas visitas pastorais comigo. Estava aposentado de uma companhia petrolífera, mas tinha mais coisas para fazer, de acordo com seus próprios comentários, do que em qualquer época de sua vida. W.E.Dickie se referia ao trabalho de visitas aos idosos da igreja. Muitos daqueles a quem se referia eram mais novos do que ele em idade, mas não na estrutura mental. W.E. era um homem com atitude jovem e vigorosa. Começou a pintar aos sessenta e cinco anos e jogar golfe aos setenta, e descobriu que era bom nas duas coisas. Mas ser bom nisso não era nem de perto tão importante como ter coragem de arriscar-se em novas fronteiras. Seu estilo de vida incluía novos interesses e áreas de exploração, e isso era sem dúvida a parte mais importante do segredo de seu vigor físico, mental e emocional. Nunca somos velhos demais para viver e nos interessar por alguma coisa, a não ser que percamos a consciência.

Outro segredo óbvio era a boa vontade de W.E. de ter suas próprias idéias mudadas, se a verdade levasse

naquela direção. *Era flexível.* Conheci poucos homens que tivessem convicções mais fortes do que ele, e nós discordávamos em uma porção de assuntos. Mas ele sempre queria examinar os motivos de minhas conclusões, especialmente se diferiam das suas. Passávamos horas discutindo, e estudando assuntos. Às vezes eu mudava de idéia, às vezes ele, e freqüentemente nenhum dos dois. Mas nossos diálogos estimulavam o curso de idéias criativas, mais do que a maioria das aulas na faculdade ou no seminário. Acho que aprendi algo importante com W.E. em cada encontro, e ele tinha disposição de aprender alguma coisa nova de um homem bastante jovem que podia ser seu neto.

W.E. falava freqüentemente do seu passado, não no sentido de idealizar ou tentar revivê-lo, mas em um esforço de que ele lhe desse perspectiva. Perspectiva é um dos grandes bens do envelhecimento. Anos de experiência consigo mesmo, com os outros, com o Deus vivo neste mundo podem produzir muita sabedoria. W.E. também reconhecia que a mais importante fonte de sabedoria é o próprio Deus. Jó disse: "Como vocês dizem, homens velhos como eu são sábios. Eles compreendem. Mas a verdadeira sabedoria e o poder são de Deus. Só ele sabe o que deveríamos fazer; ele entende" (Jó 12:12, 13, *A Bíblia Viva*). Tiago declarou: "Se quiserem saber o que Deus quer que vocês façam, perguntem-Lhe, e Ele alegremente lhes dirá, pois está sempre pronto a dar uma farta provisão de sabedoria a todos os que Lhe pedem" (Tiago 1:5, *O Novo Testamento Vivo*).

Se realmente quisermos saber como agir em obediência a Ele, a quem dedicamos nossa devoção, Ele tornará o caminho bastante claro para continuarmos

nossa jornada na direção certa. Deus pode falar-nos por meio das Escrituras, de nossas experiências, de outra pessoa, das circunstâncias, de nossos desejos, ou de uma situação no mundo na qual reconhecemos Seu chamado a nós como se Ele estivesse ali pessoalmente. Ele pode impressionar-nos com uma tarefa ou direção mediante Seu Espírito em nós ou mediante outro canal de sua escolha. Desejar saber e abrir-nos a Ele para capacitar-nos a ver através de quaisquer meios que Ele escolha é a posição que precisamos assumir para receber Sua palavra ou chamado. Naturalmente, quanto mais aprendemos sobre Deus na Bíblia, Seu propósito redentor e Suas maneiras de tratar com os homens, mais equipados ficaremos para reconhecer a voz dele dentre as muitas outras vozes que chamam a nossa atenção. Reuel Howe escreveu aos sessenta e oito anos de idade:

Os alicerces do envelhecimento positivo se assentam cedo na vida, muito antes de o envelhecimento ser uma preocupação. Uma pessoa mais jovem, por exemplo, que aprende que o significado do fracasso pode ser reorientado ou transformado em discernimento para crescer, já começou um estilo de vida que vai renová-lo enquanto passa de ano para ano. Em lugar de aceitar a derrota, vai arrancar alguns triunfos e satisfações do que podia ter sido uma luta contun-dente... Podemos escolher entre procurar nuvens ou a luz do sol... Assim, aprende-se a gostar de ser velho vivendo cada dia com entusiasmo, mantendo-se em contato com sua própria história em desenvolvimento, e deixando que o amanhã cuide de si mesmo (*How to Stay Young While*

Growing Older, Reuel L. Howe, págs. 142, 144)

As pesquisas indicam que o envelhecimento é um declínio suave que começa por volta dos trinta. Não somos jovens um dia e velhos no outro. Há um processo gradual, descendente, que afeta a pessoa fisicamente que não pode ser interrompido. Contudo, pode haver um desenvolvimento ascendente psicológico e espiritual até o fim de nossos dias.

Uma regra que faríamos bem lembrar é que *o sistema humano parece reagir melhor quando usado*. O exercício físico, mental e espiritual é importante.

Outro belo recurso da fé cristã é que o melhor está sempre por acontecer. A esperança é um dom fantástico de Deus! Temos um futuro aqui até que ele nos chame para o Lar, onde teremos um futuro ainda melhor. Como a vida pode derrotar um homem que nunca fica sem esperanças ou sem um futuro?

Cristo nos chama para viver uma vida de amor, não de ódio. Quando praticamos o amor que se dá a si mesmo, estamos na melhor das formas. Toda vez que amamos, aumentamos nosso potencial de ser — de ser o que Deus pretende que sejamos; de ser o que os outros precisam que sejamos; de ser a pessoa que nem a idade nem a morte podem diminuir.

Sentir pena de si mesmo, preocupar-se com o mau funcionamento do corpo e queixar-se é autoderrota. O corpo funciona melhor, e com toda certeza a alma, quando adotamos a atitude de que vamos fazer o melhor possível com as forças e a capacidade que nos foram deixadas até que o Senhor diga: “Basta” e nos chama para perto dele:

Precisamos nos ocupar de uma coisa que nos entusiasme. Fazendo assim descobrimos que o curso da

energia e vitalidade aumenta grandemente. Conheço um homem que era pioneiro na ciência do desenvolvimento e tratamento de pomares. Ele adorava plantar pêssegos. Dois jovens de formação universitária, depois de ouvi-lo falar, decidiram tentar a sorte plantando um pomar. Quando o homem soube do interesse deles, insistiu em que lhe permitissem ajudá-los. Ele tem trabalhado muito sem remuneração ensinando àqueles rapazes tudo o que sabe sobre pessegueiros e ajudando-os na formação de um pomar produtivo. Seu entusiasmo é contagioso! Ele descobriu uma tarefa que o entusiasmo e que contribui valiosamente para o bem-estar e saúde dos outros, e a ela se entregou. Escolheu trabalhar até morrer!

Envelhecer exige que aprendamos a renunciar. Experimentamos perdas, sofrimentos, fracassos e a morte dos outros. Vem a tristeza pelo que perdemos ou pelo que nos foi tirado. Alguns permitem que tais perdas os deixem amargurados, enquanto outros aprendem a renunciar ao que passou e continuam apreciando aquilo que partilharam com outra pessoa ou o significado adquirido de algo eterno. Isso se tornou uma parte deles.

Os recursos da fé cristã podem dar-nos a atitude que Browning descreveu:

Envelheça comigo;
o melhor ainda está por vir —
o fim da vida para o qual o começo foi feito.
(*Leaves of Gold*, ed. por Clyde Francis Lytle, pág. 5)

O maior dos motivos e recursos para uma tal atitude é aquele que disse: “E eis que estou convosco todos os dias, — perpetuamente, uniformemente e em cada ocasião” (Mateus 28:20b, *The Amplified Bible*).

27. O DINHEIRO PODE GERAR CRISES — QUANDO VOCÊ O TEM E QUANDO NÃO O TEM

O DINHEIRO TEM SIGNIFICADO diferente para diferentes pessoas. Dependendo dos valores do indivíduo, representa um ou a combinação dos seguintes: *segurança, liberdade, poder, sobrevivência*. A disponibilidade dos recursos financeiros, ou a sua falta geralmente determina qual deles é o predominante.

Alguns consideram a aquisição de riquezas como o alvo principal da produtividade de uma pessoa, enquanto outros a vêem como o *meio* de alcançar algum propósito desejado no futuro. Com mais freqüência ela se torna o padrão tangível para determinar o sucesso ou o fracasso de alguém. Nosso sistema materialista tende a fazer do dinheiro o sinônimo de poder e prestígio; aqueles que o têm exercem maior influência em muitos círculos do que aqueles que não o têm.

Os valores materialistas realmente determinam como gastamos ou investimos os recursos à nossa disposição. Pagamos àqueles que constroem nossos carros mais do que àqueles que ensinam aos nossos filhos. Gastamos mais em armas para destruição do que em causas humanitárias. O cristão tem a tarefa distinta de

ser “sal e luz” do mundo, na tentativa de produzir um ponto de vista mais benevolente — e, conseqüentemente, mais piedoso — quanto ao uso de nossos recursos. Fomos feitos para *amar as pessoas e usar as coisas*, mas podemos desviar-nos mui facilmente e fazer o inverso.

O significado que atribuímos ao nosso dinheiro determina a natureza de nossa crise, quando o temos em abundância ou quando enfrentamos uma perda. A maior parte de nós preferiria a crise que vem da abundância. Contudo, a Bíblia indica que os problemas mais difíceis surgem da fartura. Cristo disse a Seus discípulos: “É quase impossível um rico entrar no Reino dos Céus” (Mateus 19:23, *O Novo Testamento Vivo*).

A riqueza tende a criar uma segurança falsa. Ter recursos para fazer o que se quer é divertido. Mas pode contribuir para uma independência arrogante que ignora a necessidade de Deus e torna a pessoa insensível às reais necessidades dos outros. Um senso de segurança econômica é útil quando dá à pessoa liberdade para arriscar-se criativamente em seus negócios; mas, por si só, não estimula o indivíduo a arriscar-se procurando progredir em seus relacionamentos pessoais.

O de que realmente precisamos é um profundo senso de bem—estar pessoal que não seja radicalmente alterado pela abundância ou pela carência. A fé cristã fala especificamente sobre esta necessidade. Jesus Cristo nos oferece um relacionamento baseado em amor incondicional. Nossa reação deveria ser de aceitação — aceitação do seu dom. Ele se torna nosso companheiro constante, com recursos suficientes para nos capacitar a experimentar o que há de melhor na vida. Se nosso dinheiro nos leva a tropeçar e perder este

dom, torna-se nossa maldição. Se o dinheiro fica sob o domínio de Cristo, torna-se um recurso abençoado que pode enriquecer nossa vida e tudo o que tocamos com ele.

Já vi dinheiro tornar-se maldição e bênção. É difícil controlar o dinheiro devidamente, sem permitir que nos domine ou nos leve a buscar prazeres egoístas. Mas aqueles que se entregaram a si mesmos e os seus recursos ao Cristo vivo têm capacitado outros a executarem a missão que Cristo lhes confiou além dos limites de seus recursos econômicos. Esta é a estratégia de Deus — cada membro do corpo de Cristo dando o que tem, de acordo com a orientação de Cristo. O Senhor então recebe as porçõeszinhas e os pedacinhos que lhe oferecemos e reúne o quebra-cabeças de tal modo que cria um impacto positivo e redentor no mundo.

A “Christian Concern Foundation”, nossa organização — que emprega dez de nós como empregados de tempo integral ou parcial e que opera em Kaleo Lodge, um centro de renovação perto de Mineola, ao leste do Texas, com uma receita de 100.000 dólares — nos dez últimos anos teve recursos financeiros necessários, com quase nenhuma promoção e raras atividades de levantamento de fundos. Levantamento de fundos não é uma coisa ruim, mas temos testemunhado a potência de uma pequena comunidade de cristãos dando seus recursos conforme sentem para tornar possível a realização do sonho de um ministério crescente e duradouro. Temos lutado de diversas maneiras, incluindo as finanças. O caminho nem sempre tem sido fácil. Se fosse, teríamos perdido alguns dos lindos dons do Senhor — dons que nos fizeram reconhecer e celebrar sua fidelidade e suficiência. Naturalmente, jamais re-

cebemos um cheque assinado por Jesus Cristo para pagar qualquer conta; mas ele enviou os recursos por meio do seu povo, valorizando a oferta tendo-nos como seus participantes.

Fazer-nos sócios é apenas uma das muitas coisas espantosas sobre a revelação que Deus faz de si mesmo e de Seus atos entre os homens. Ele nos inclui como participantes essenciais em sua atividade redentora na História. Ele tem um propósito especial para cada um de nós, o qual nos torna, em certo sentido, indispensáveis. Não existe ninguém igual a você, nem existirá; não há ninguém que possa preencher o seu lugar da maneira pela qual Deus pretende que você o preencha. Não podemos distorcer seu propósito final na História, por nossa falta de vontade em atendê-lo, mas podemos frustrar e anular a nossa parte nela.

Períodos de tensão econômica nacional, tal como a recessão do meado da década dos setenta, criam para muitas pessoas crises financeiras sem paralelos em suas experiências anteriores. Embora a geração mais antiga lembre-se da Grande Depressão, a maioria das pessoas ativas no comércio e na indústria hoje em dia não se lembram. Eu tenho dito que a prosperidade tende a criar uma falsa segurança, e criou. Há alguns anos poucos achavam que possivelmente teríamos uma séria recessão, ou pelo menos uma que não duraria muito tempo. Mas na recente recessão, muitos negócios estacionaram e outros quase desapareceram. Por mais estranho que pareça, ao lado das indústrias duramente atingidas, outras experimentaram desenvolvimento. O ambiente nos círculos comerciais permaneceu de cautela, se não pessimista. Um banqueiro me contou que clientes que estavam ganhando mais

dinheiro do que nunca, ainda permaneciam pessimistas quanto ao futuro.

Um executivo, em um dos grupos de participação que eu freqüentava, ficou desempregado por oito meses; outros, cujas rendas dependiam de comissões e investimentos, não fizeram um só negócio em um ano inteiro. As repercussões de uma situação assim podem ser devastadoras. Observei, contudo, que os homens nestes grupos de participação permaneceram abertos e otimistas, apesar da situação difícil. Perguntei o que os capacitava a manter-se de pé e não desistir diante de tais circunstâncias. As respostas que me deram, ao lado de suas atitudes e reações na difícil situação, convenceram-me novamente de que a fé cristã oferece recursos únicos e indispensáveis para se enfrentar crises. A situação envolvia uma luta que, às vezes, ameaçava esmagá-los. Mas para o cristão, os recursos ficaram disponíveis para a sobrevivência e para criar alguma coisa de valor no meio das próprias dificuldades.

Desejo contar a vocês os recursos que aqueles homens descobriram que tornaram a vida rica, apesar de, e por causa das situações que enfrentaram.

1. A percepção de que Deus mantém seu futuro nas mãos dele capacitou-os a manter uma perspectiva criadora. Se um homem crê que está sozinho no universo, só com o destino cego operando, não tem para onde se voltar em busca de forças, quando o seu mundo se desmorona, e não tem base para nenhuma esperança real. Sua luta perde todo significado possível. Mas a perspectiva bíblica do amor constante de Deus e o Seu cuidado, ao lado da liberdade que o homem tem de tomar decisões que o afetam e aos outros profundamente, abre as portas para a com-

preensão e a esperança.

Todo o homem precisa de uma fé para viver por ela. Por mais importante que seja crer em nós mesmos, isso não nos capacita a sobreviver, quando chegamos ao fim dos nossos recursos. Se o chegar ao fim de nossos recursos e autoconfiança nos fizer dar esse salto de fé, que nos leve a nos submeter-nos totalmente à compreensão de Jesus Cristo que possuímos, então a luta terá significado e saberemos que não estamos sozinhos. Isto é boas-novas, porque a solidão nos esmaga muito mais do que nossas perdas.

2. Quando a perspectiva deles é clara, sabem que os problemas que estão enfrentando são realmente oportunidades de testar sua fonte de recursos e edificar o caráter. Eu disse *quando*, porque estes homens que se tornaram como irmãos para mim são tão humanos como qualquer um de nós. Um dia são apanhados desprevenidos e ficam desanimados. Mas enfrentam a situação porque sabem que há uma solução para o seu dilema, mesmo que não a vejam no momento. Não se entregam ao desespero nem param de tentar. A tarefa que têm apresenta o máximo de oportunidades para enfrentar em um nível mais profundo e para explorar os recursos de sua fé.

Há aqueles que são céticos e tornam a perguntar: "Será que um relacionamento pessoal com Jesus Cristo realmente faz alguma diferença quando há pressão?" Sim, faz! Cometeremos erros. Mas tenho visto estes meus irmãos rejeitarem diversas oportunidades que teriam aliviado o abalo financeiro — para não se comprometerem. "Lembrem-se, porém, disso — os maus desejos que penetram na vida de vocês não têm nada de novo nem de diferente. Muitos outros enfrentaram

exatamente os mesmos problemas antes de vocês. E nenhuma tentação é irresistível. Vocês podem confiar que Deus impedirá que a tentação se torne tão forte que não a possam enfrentar, visto que Ele assim prometeu e cumprirá o que diz. Ele lhes mostrará como fugir do poder da tentação, para que vocês possam agüentá-la com paciência" (1 Coríntios 10:13, *O Novo Testamento Vivo*).

Uma vida sem tensão é vazia. Se não existissem problemas a resolver, nenhuma luta para enfrentar, nenhuma tentação para vencer, nenhuma dúvida para esclarecer, nenhuma pergunta para responder, nenhuma diferença de opinião a que se adaptar, a vida ficaria estacionária e seríamos mais parecidos com objetos inanimados do que seres humanos. São estas dificuldades, desafios e tensões que nos oferecem o maior potencial para descobertas, crescimento e formação de caráter.

A fonte de recursos que transparecia quando estes homens estavam sob fortes pressões era inspiradora. O homem que perdeu o emprego fez seus poucos recursos durarem, não os dois meses que ele achou seriam o máximo que poderiam durar, mas por oito meses. O tempo todo agressivamente procurou um trabalho. Entre as entrevistas de emprego fazia avaliações e outros "bicos". Sobreviveu e sua maneira franca de encarar a vida e as outras pessoas desenvolveu-se. Recentemente telefonou-me para informar que encontrou um emprego depois de oito meses e meio de procura. Celebramos! Dois homens que antes negociavam com terras devolutas, entraram para o negócio de horticultura, e outro que se encontrava em uma firma de corretagem passou para uma boa posição em um banco de

uma grande cidade. Outro ainda, que tentou sem sucesso um ano antes passar da advocacia para o negócio de bens imóveis, descobriu que a advocacia era um grande negócio. Percebe agora que uma mudança vocacional teria sido financeiramente desastrosa para ele.

Estes exemplos indicam muita agitação para um grupo pequeno. Aprendi que por mais incertas que as aparências sejam, se um homem se recusa a permitir que sua situação o paralise e coloca sua confiança em Cristo, sairá um homem melhor, se não mais rico financeiramente. "Pois cada um que persevera pedindo recebe, e aquele que persevera procurando acha, e àquele que persevera batendo abrir-se-lhe-á" (Mateus 7:8, *The Amplified Bible*).

3. Estes homens aceitaram a mudança quando se tornou necessária. Às vezes podemos ficar trancados em nossas idéias e posição e bloquearmos alternativas criadoras para a solução de nosso dilema. Se uma pessoa pensa que há uma única solução, cria temor e fica cega para o potencial que há dentro dela e para as oportunidades exteriores. Mudanças podem ser dolorosas, porque são arriscadas. Mas também podem ser muito estimulantes, se aceitamos um desafio novo que exija aquisição de informações adicionais, e oferece novos relacionamentos e novas tarefas. Começar uma carreira nova pode ser, e geralmente é, muito divertido!

4. Estes homens também procuraram o conselho de outros, cuja sabedoria e experiência foram valores essenciais na exploração de diferentes possibilidades. Alguém já disse: "A experiência é uma escola dura, mas o tolo não aprende em nenhuma outra escola." Há pessoas que podem ajudar-nos se lhes pedirmos. Uma

coisa tão importante como o campo no qual um homem vai se lançar vocacionalmente deveria ser discutida com outros que têm conhecimento dele. O escritor de Provérbios diz: "Quando falta quem dê conselhos, os planos vão mal; muitos conselheiros trazem sucesso" (Provérbios 15:22, *Salmos e Provérbios Vivos*). Há uma grande vantagem em considerar muitos e diferentes pontos de vista, antes de tomar sua decisão.

5. Viva dentro de suas posses. Um dos homens do grupo de participação me disse: "Tive de mudar meu modo de lidar com o dinheiro." Fazia a si mesmo duas perguntas, quando se referia a gastar dinheiro: (a) Será que realmente preciso disto? e (b) Posso gastar tanto? É fácil subir a escada quando se trata de gastar, mas descer é difícil.

6. Resolva uma coisa de cada vez. Outro dos homens considerava isto absolutamente essencial para ele. Havia uma porção de problemas diários que o mantinham ocupado, e quando permitia que problemas do futuro se projetassem, amontoando-se no presente, sua ansiedade aumentava enormemente. Cristo disse: "Portanto não fiquem preocupados com o dia de amanhã. Deus cuidará do dia de amanhã para vocês também. Já é suficiente a preocupação de cada dia" (Mateus 6:34, *O Novo Testamento Vivo*).

Apegue-se à crença de que um dia a luz raiará. Talvez não seja tão logo quanto desejamos, nem mesmo da maneira pela qual desejamos, mas virá. Pode mudar nosso estilo de vida e levar-nos a usar os recursos que estivemos desperdiçando. Pode alterar nossos valores radicalmente, de modo que nos tornemos menos materialistas e mais preocupados com o propósito de Deus e as necessidades humanas. Podemos aprender a

viajar mais despreocupadamente como peregrinos da fé, ou podemos receber a responsabilidade de tomar conta de maiores recursos para o bem de todos.

Lembre-se de que no meio de sua luta mais severa, Deus está fazendo alguma coisa! Ele não quer machucá-lo, mas ajudá-lo a descobrir-se a si mesmo, a Ele e o seu lugar no propósito divino. Ele o ama, e participa da agonia e do êxtase com você.

28. RECURSOS PARA A VIAGEM ATRAVÉS DE NOSSAS CRISES

DAS MUITAS COISAS que a fé cristã não é, ela não é imunidade na dor ou na luta ou em qualquer uma das muitas calamidades que a vida, às vezes, apresenta. Cristo não veio para eliminar todas as crises, mas para nos capacitar a atravessar lugares difíceis de um modo que torne a vida mais profunda e também mais rica. Ele nos liberta para que encaremos a realidade, não para que nos escondamos dela. Mas sua promessa para nós é "Eu estarei sempre com vocês. . ." (Mateus 28:20, *O Novo Testamento Vivo*). É sua presença que faz a diferença real e nos capacita a crer que nossas tragédias não são sem sentido. Ele pode operar redentoramente até mesmo em nossas experiências mais devastadoras.

Elisabeth Elliot, que perdeu o seu primeiro marido nas mãos dos índios aúcas em 1956, conta em seu livro, *"A Slow and Certain Light"*, a história de dois jovens aventureiros que vieram visitá-la. Estava no Equador e estes dois jovens estavam a caminho da floresta úmida ao leste dos Andes. Tinham toda sorte de equipamentos, a maioria deles mais incômodos do que úteis. Não queriam que ela avaliasse seus suprimentos nem os aconselhasse sobre a viagem. Tudo o que queriam eram algumas frases na língua dos índios. Estavam certos de que era tudo o que precisavam para estar totalmente preparados para a viagem. Elisabeth Elliot escreve:

Às vezes nos aproximamos de Deus como os dois aventureiros que me procuraram — confiantes e, pensamos estar bem-informados e bem-equipados. Mas chegamos à conclusão de que com todo nosso acúmulo de trastes, alguma coisa está faltando. Há exatamente uma coisa que vamos pedir a Deus e esperamos que ele não ache necessário mexer nas outras coisas. Não há nada ali que estejamos prontos a dispensar. Sabemos o que precisamos — uma resposta sim ou não, por favor, para uma pergunta simples. Ou talvez uma placa indicativa na estrada. Alguma coisa rápida e fácil que nos aponte o caminho.

O que nós realmente precisamos é o próprio Guia. Mapas, sinalização na estrada, algumas frases úteis são coisas boas, mas infinitamente melhor é alguém que tenha estado lá antes e conheça o caminho ("*A Slow and Certain Light*", Elisabeth Elliot, pág. 20).

O maior recurso da fé cristã é exatamente um Guia assim. Jesus Cristo já esteve lá. Ele conhece o caminho; entende o sofrimento e, mais do que isso, oferece-se para andar conosco através de todo ele. Muitas vezes, não é a luta que nos esmaga, mas o sentimento de solidão que há nela. É esta "solidão" que Cristo ataca primeiro. Uma vez tendo captado nossa atenção, e sabemos que apesar de todos os nossos temores e sentimentos negativos ele está conosco, podemos começar a enfrentar a nossa crise criativamente. A esperança entra em cena, e com ela a vontade de continuar combatendo o bom combate.

Ter as respostas certas, por mais importante que seja, torna-se secundário quando temos relaciona-

mento acertado com Jesus Cristo. Ele nos capacita a viver no meio da tempestade muito melhor do que os recursos que Sua visão e Sua força poderiam fornecer.

Busque em primeiro lugar o maior dos dons. Peça ao Cristo vivo que entre em sua vida, que lhe perdoe e que o cure de sua falta de esperança. Peça-Lhe que o ajude a recompor as peças de sua vida — mas do jeito dele, desta vez. Depois comece a dar passos responsáveis, tais como os sugeridos nesta seção. Talvez não seja rápido e fácil, mas será real e transformará sua vida.

Em cada capítulo tentei relatar formas práticas pelas quais Cristo opera para mudar nossas atitudes e situações. Não são de modo nenhum completas, apenas sugestões. Há, entretanto outro assunto sobre o qual quero falar com você; trata-se de um dos grandes dons do evangelho — *a liberdade de fracassar*. O medo de fracassar pode ser paralisante. Pode criar cautela desnecessária que pode na verdade impedir-nos de experimentar verdadeiro sucesso.

O final impressionante da história de Zorba, o grego, exemplifica lindamente esta liberdade de falhar. Zorba tem todo o dinheiro do patrão investido na construção de um aparelho para levar madeira montanha abaixo, para a comunidade a fim de reforçar as paredes da velha mina. Há entusiasmo por todo lado! Abrir a mina restaurará a vida econômica daquela vilazinha grega, e todos estão por perto para celebrar a grande ocasião. Mas todas as esperanças são desfeitas, quando as imensas toras fazem o escorregadouro desmoronar. Os habitantes da vila partem desesperados.

Ficam só Zorba e o patrão. Depois de cortar uma fatia de carne, Zorba senta-se ao lado do chefe e então começam a conversar. Este fala desanimadamente em

abandonar a vila, mas solta um indiferente “talvez a gente se encontre de novo”. Zorba diz não. Ele sabe que é a última vez que se encontrarão, e está disposto a encarar a realidade, ainda que doa. Então Zorba diz: “Chefe, jamais amei um homem como amei o senhor, mas há uma coisa que o senhor não tem: um pouco de loucura para ser livre.”

O patrão, que o tempo todo andou perplexo diante da capacidade de Zorba de viver a vida de maneira tão completa, fica olhando para ele. Zorba se levanta, olha para o escorregadouro feito em pedaços e começa a rir.

— Por que você está rindo? — pergunta o chefe.

Zorba replica: — O senhor já viu um desastre mais formidável em sua vida?

O chefe responde: — Zorba, você não quer me ensinar a dançar?

E a história termina com os dois homens dançando e celebrando a vida ao lado de seu maior fracasso.

Só Cristo pode fazer de uma coisa assim uma realidade em nós. Ele nos capacita a separar-nos de nossos projetos. Pois somos mais do que nossos projetos. O que fazemos tem, sob diversos aspectos, valor temporário: passará. Mas o que nos tornamos é eterno. Cristo se oferece como base para nossa segurança. Quando percebemos que nossa vida está “segura” nele, no mais alto sentido da palavra, podemos começar a observar nossos projetos com alguma objetividade e saber que a destruição de nossa obra pode ser uma experiência para aprender e crescer, que pode até mesmo nos lançar numa tarefa maior. *A liberdade de fracassar* permite a espécie de liberdade essencial para o sucesso desabrochar. Aprenda a festejar a vida, o amargo com o doce, na companhia de Cristo.

QUARTA PARTE

ENFRENTANDO A CRISE FINAL: A MORTE

Senhor, ajuda-me a compreender como será curto o meu tempo sobre a terra! Ajuda-me a saber que eu estou aqui, apenas por mais um momento. A minha vida não é mais comprida do que a minha mão! Toda a minha existência é apenas um momento para Ti! Homem orgulhoso! Frágil como um sopro! Uma sombra! E todo o seu corre-corre atarefado termina em nada. Amontoa riquezas para que algum outro as gaste. Portanto, Senhor, minha única esperança está em Ti (Salmo 39:4-7, *Salmos e Provérbios Vivos*).

29. ENFRENTANDO A PRÓPRIA MORTE

TODOS NÓS JÁ OUVIMOS alguém dizer: “Não tenho medo da morte.” A pessoa que faz uma declaração assim, com toda probabilidade, não está enfrentando a morte naquele momento. Sempre é mais fácil ser valente em nossas fantasias do que na realidade. A morte pode ser uma experiência deprimente e amedrontadora, especialmente para aqueles que nunca realmente aceitaram sua limitação ou que não encontraram ainda uma fé adequada para morrer.

Para piorar as coisas, vivemos em uma sociedade inclinada a ignorar a morte ou fugir dela. Queremos manter os moribundos isolados, e só queremos ver os mortos depois que foram arrumados para ter aparência “natural” — o que na verdade significa aparência de vivos. Tentamos manter nossos filhos afastados dessa realidade mórbida, contando-lhes histórias ou mandando-os embora até que tudo tenha passado.

A verdade é que, com um pouco de ajuda, nossos filhos podem entender e enfrentar esta realidade melhor do que nós. Enfrentar a morte de outra pessoa pode constituir um impacto libertador para nós. É uma realidade que todos nós experimentamos. Nascemos, vivemos, morremos. Este é o drama de todas as coisas vivas, inclusive o homem. A extensão em que nos distanciamos deste fato determina o quanto estamos fora

de contato com a realidade. A percepção de que nós, também, morreremos torna a vida ainda mais preciosa. Não deve ser desperdiçada; não é ilimitada; temos uma linha demarcatória que não podemos traspassar. Temos menos dificuldade em crer que outros morrem, mas nos apegamos à ilusão de que a vida prosseguirá para nós nesta terra para sempre. Geralmente é preciso passar por alguma experiência esmagadora para voltar à realidade que somos mortais.

Um homem disse. "Não estamos prontos para viver até que aceitamos a nossa própria morte." É o enfrentar não só a possibilidade de nossa morte, mas sua inevitabilidade, que nos impulsiona a procurar o significado de nossa vida. A vida deve ter significado, para que a morte tenha significado. Podemos ter certeza de que morreremos assim como vivemos — cheios de medo, vazios, rabugentos ou honestos, confiantes, cheios de propósitos.

Uma consciência de nossas limitações pode ajudar-nos a pôr em ordem nossas prioridades. O que é que tem verdadeiro valor para você? Como você gastaria sua energia e tempo se soubesse que tem três ou seis meses, ou um ano para viver? Por que você não vive assim, mesmo sem uma linha demarcatória específica?

Quando enfrentamos a realidade da morte as realidades espirituais passam a ter prioridade absoluta. Se Deus existe, sabemos que precisamos dele agora. Podemos ter passado a vida toda fugindo da realidade de que não nascemos sozinhos e devemos nossa própria existência ao Deus que nos criou. Ao enfrentar a morte que está diante de nós, não podemos escapar à realidade de que nosso destino está nas mãos dele. Exatamente como Deus esteve presente em nossa vida —

quer reconheçamos ou não — está presente em nossa morte. Deus venceu a morte na vida, morte e ressurreição de seu Filho, Jesus Cristo. Ele vencerá a morte em nós, se tão-somente nos abirmos a ele. Para abrir sua vida, ore assim com sinceridade:

Senhor Jesus, sou uma criatura necessitada. Vivi minha vida segundo a minha vontade, e agora me arrependo de toda a loucura do meu egoísmo. Peço-te que me perdoes, que me aceites em tua família, e que me dês a graça de viver e morrer com dignidade.

Às vezes a morte sobrevém rapidamente, outras vezes se prolonga. Quando ela se prolonga, e temos de passar por grandes sofrimentos antes de partir, podemos esperar passar por diferentes estágios e atitudes para com esta realidade. (Elisabeth Kübler-Ross, médica do "Family Service and Mental Health Center of South Cook County", de Illinois, chamou nossa atenção para as observações que fez em seu trabalho junto a pacientes moribundos, em seu livro *"On Death and Dying"*. Foi do seu livro que extraí os cinco estágios através dos quais um paciente desenganado pode passar.)

A primeira reação que podemos esperar, quando somos desenganados, é a negação. A morte iminente vem como um choque. "Isto não pode estar acontecendo comigo; não pode ser verdade; ainda tenho tanta coisa para fazer; é um engano." Estes sentimentos nos deixam entorpecidos. Elisabeth Kübler-Ross declara: "A negação funciona como um pára-choque, depois de uma notícia chocante inesperada, permitindo que o paciente se recomponha e, com o tempo, mobilize outras defesas menos radicais". A negação também

poderá ser usada de vez em quando, através de toda a enfermidade, para alívio emocional. Isso é normal e sadio.

2. O segundo estágio pode ser o da raiva. A pergunta que pode expressar algo de nossa raiva é: "Por que eu? Por que outros podem ser jovens, sadios, fortes, vivos, e eu tenho de morrer?" Este ressentimento é duro para os outros entenderem ou enfrentarem, porque ele vai em todas as direções sem motivo aparente. Se pudéssemos nos colocar na posição da pessoa que vai morrer, entenderíamos. "Talvez nós também ficássemos zangados, se todas as atividades de nossa vida fossem interrompidas tão prematuramente; se todos os edifícios que começamos ficassem por terminar, para serem completados por outra pessoa; se tivéssemos com dificuldade economizado algum dinheiro para desfrutar alguns poucos anos de descanso e lazer, para viajar e cultivar passatempos, só para enfrentar o fato de que 'não foi para mim'."

Enfrentar a morte é uma tarefa dura. Mas Deus nos dá permissão para resolver esses sentimentos negativos e nós deveríamos garantir a mesma permissão àqueles a quem amamos. Talvez seja mais fácil se entendermos que isto é apenas uma parte do processo, enquanto a pessoa se encaminha para a aceitação da morte.

3. O terceiro estágio talvez seja a tentativa de fazer uma troca para sair da situação. Se nossa ira de nada adiantou, talvez Deus se sinta mais inclinado a nos salvar da morte, se lhe pedirmos educadamente. Para tentar adiar o inevitável, talvez façamos toda espécie de promessas a Deus. Se descobrimos que Deus nos deu mais tempo, podemos celebrar e aproveitá-lo ao

máximo — mas temos de enfrentar a realidade que não haverá um adiamento permanente.

4. A depressão também é um estágio comum, através do qual muitos passam quando enfrentam a morte. Kübler-Ross destaca que há dois estágios de depressão, e devem ser resolvidos de maneira diferente. O primeiro relaciona-se com o passado perdido — perda de saúde, perda do controle da própria vida, perda do emprego ou dos recursos financeiros, perda de sonhos e planos, perda da capacidade de trabalhar e suprir as necessidades daqueles que dependem da pessoa. Aliviar qualquer sentimento de culpa ou vergonha irreal com afirmações positivas para alegrá-la pode ajudar a pessoa imensamente.

O segundo estágio da depressão pode surgir quando o indivíduo contempla sua iminente perda. Tentar alegrá-lo dizendo que olhe para o lado bom da situação só vai atrapalhar o processo. A verdade é que ele está se preparando para a perda de todos e de tudo o que ama.

Se ele tiver permissão de expressar sua tristeza descobrirá que uma aceitação final é muito mais fácil, e ficará grato àqueles que podem sentar-se ao seu lado durante este estágio de depressão, sem lhe dizer constantemente que não fique triste. Este segundo tipo de depressão é geralmente silencioso, em contraste com o primeiro tipo, durante o qual o paciente tem muito a dizer e exige muita interação verbal... No sofrimento preparatório não há necessidade ou há pouca necessidade de palavras. É muito mais um sentimento que pode ser mutuamente expresso e geralmente se dá melhor com um toque de mão, uma carícia nos cabelos, ou simplesmente uma

presença silenciosa. É quando o paciente simplesmente deseja uma oração, quando começa a se ocupar com as coisas que estão à frente mais do que com aquelas que ficaram para trás. É o momento em que demasiada interferência de visitantes que tentam alegrá-lo, mais atrapalha do que ajuda sua preparação emocional.

5. O estágio final é a aceitação. Se uma pessoa tem permissão de passar pela raiva e ansiedade, que inevitavelmente acompanham a morte iminente, estará pronta a aceitar a sua situação com um grau de expectativa tranqüila.

A aceitação não deveria ser mal interpretada como um estágio de felicidade. É quase vazio de sentimentos. É como se a dor desaparecesse, a luta acabasse, e chegasse o momento do “descanso final antes da longa jornada”, como um paciente o expressou. É também o período quando a família geralmente precisa de mais ajuda, compreensão e apoio do que o próprio paciente. Enquanto o paciente moribundo encontrou um pouco de paz e aceitação, seu círculo de interesses diminuiu. Quer ficar sozinho ou, pelo menos, não quer ser incomodado com notícias e problemas do mundo exterior.

Obviamente nem toda pessoa desenganada passa exatamente por estes estágios. Mas deveríamos estar atentos ao processo através do qual passaremos, em certo grau, quando enfrentarmos a nossa própria morte ou a morte de nossos queridos.

Acima de tudo isto, em qualquer ocasião, *há uma necessidade de ser tratado como pessoa e não como objeto*. Isto nunca é mais verdadeiro do que quando

estamos seriamente enfermos ou morrendo. Às vezes os queridos, os médicos e as enfermeiras podem estar tão ansiosos para “ajudar” que não percebem nossa necessidade de sermos incluídos nas decisões a serem tomadas. Cada pessoa tem o direito de participar em seu tratamento como ser humano pensante, que decide, enquanto pode funcionar como tal.

Um homem deve ter o direito de morrer com dignidade. Se preferir morrer em lugar de vegetar, sua escolha deveria ser respeitada pelos médicos, pelas leis do país e pela família.

Como já mencionamos, o modo pelo qual vivemos, a pessoa em que nos transformamos, determina mais do que qualquer outra coisa o modo pelo qual enfrentaremos a morte. Mickey Warlick, um grande amigo, tem lutado contra um tumor maligno no cérebro por mais de cinco anos. Tem uma encantadora esposa e dois filhos maravilhosos. Está com trinta e cinco anos de idade — jovem, com tanto ainda para viver! Mickey passou por diversas operações, mas recentemente ficamos sabendo que o câncer está crescendo outra vez.

Há cinco anos atrás o médico deu a Mickey, na melhor das hipóteses, uns poucos meses de vida. Ele e Shirley têm estado à sombra da morte durante cinco anos, mas estão vivendo intensamente. Há um ano fui visitá-los, porque quis lhes dizer: “Nós amamos vocês dois!” O que vi, senti e ouvi foi uma bênção que palavras não podem expressar. Duas pessoas profundamente apaixonadas uma pela outra, pela vida e por Jesus Cristo, deram um testemunho tão autêntico da realidade da graça sustentadora de Deus que, se eu fosse incrédulo, teria me convertido! A atitude de Mickey é “viverei até morrer!”

Um pensamento me ocorreu naquela ocasião e é o mesmo que me ocorre agora: quantos de nós desistimos de viver muito antes de morrer? Paramos de sonhar, de mudar ou de nos arriscar a novas fronteiras. Deus nos chama para a vida, e Mickey respondeu de todo o coração àquele chamado, mais do que qualquer outro homem que conheço. Sua fé proporcionou recursos extraordinários para a sua jornada. Os exemplos bíblicos de como outros homens enfrentaram grandes dificuldades e até mesmo a morte — como venceram o medo e foram capazes de, com o poder de Deus, fazer a vida valer a pena — abriram a porta para Mickey andar no Caminho. Mickey está dando passos que só ele pode dar, através dos quais Deus está apontando o caminho para muitos de nós.

A experiência de Mickey e Shirley dá testemunho da realidade bíblica de que Deus nos dará a graça para viver e a graça para morrer, quando precisarmos. Podemos confiar nele além do nosso entendimento.

Mickey crê, e a Bíblia ensina, que a morte para o crente em Cristo não passa de um começo novo e glorioso. Tal conceito muda o aspecto de nosso futuro e deixamos de encarar a morte como uma perda para encará-la como uma aventura. Saímos desta vida com todas as suas limitações, lutas e dúvidas para entrar na presença do próprio Deus vivo. Vamos conhecer e compreender exatamente como fomos conhecidos e compreendidos pelo próprio Deus. As Escrituras declaram: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1 Coríntios 2:9, Almeida).

O presente que Deus nos dá está além de nossos

sonhos mais fantásticos! Um exemplo bíblico diz: "A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente" (Apocalipse, 21:21, *Almeida*). O que os homens consideram mais valioso neste mundo, lá é usado para calçar as ruas. E outro: "Então já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos" (Apocalipse 22:5, *Almeida*).

Cristo venceu a morte, e pode vencê-la em nós se tão somente abrirmos nossa vida para Ele. Ele nos diz, quando enfrentamos algum pedaço da vida ou morte que não conseguimos aceitar: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. . . Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros" (João 14:27, 18, *Almeida*).

30. A CRISE DO PESAR

O PESAR É A REAÇÃO da dor emocional a uma grande perda. Perder alguém ou alguma coisa de verdadeiro significado produz sofrimento. A perda pode ocorrer como resultado da morte, do divórcio, dos filhos saindo de casa, de mudanças; da perda de um emprego, da reputação, da segurança, do dinheiro, ou de um dos sentidos, como a visão, por exemplo. Precisamos nos lembrar que quanto maior o investimento emocional na pessoa ou no objeto perdido, mais intenso o sofrimento. Para nossos propósitos, neste capítulo, focalizaremos a morte; mas as mesmas reações podem ser notadas em outras situações de pesar.

Nossa família experimentou o pesar recentemente. Minha esposa perdeu o pai; sua mãe, o marido; nossos filhos, o avô; e eu, um amigo e sogro. Ainda surgem fatos que me fazem experimentar ondas de emoção. Estes sentimentos foram provocados enquanto trabalhava em uma instalação elétrica que Eldred me ajudou a fazer pouco antes de sua morte. A lembrança viva de nosso trabalho juntos trouxe à tona novamente meu senso de perda. E com este senso de perda veio também uma verdadeira gratidão pelo que ele me deu.

Percebi que o processo da cura estava se realizando. A alegria e a tristeza se mesclavam. Eu sei que nenhum de nós voltará a ser o mesmo; mas podemos ser mais do que fomos porque ele viveu, amou e nos tocou profun-

damente com sua vida e sua morte. Um exemplo vívido é o que Davi, nosso filho de treze anos naquela ocasião, escreveu sobre a perda do avô.

Vejo um carvalho sobre um monte
Vejo o sol atrás dele parado.
Vejo uma sepultura com toda a sua fama.
Amamos o homem por trás do nome.
Vejo uma estrela lá em cima.
Sinto o Senhor e sinto o seu amor.
Ouço uma brisa e tenho certeza
que, agora, meu avô é realmente puro.
Vejo um pôr-de-sol no céu;
vejo um arco-íris que começa a desaparecer.
Observo o rio que corre mansamente.
Sinto o vento que começa a soprar.
Há um amor tão profundo lá dentro,
que é difícil disfarçar.
Mas não tenho medo de acordar de madrugada.
O Senhor o chamou e ele partiu.
Eu sei que é o melhor para todos,
lembrar das coisas boas e das alegrias.
Mas há uma coisa mais que eu sinto —
uma coisa forte, uma coisa real.
Ainda não sei o que pode ser.
Poderia ser medo, ou só uma impressão.
Mas seja o que for, realmente dói;
machuca muito mais do que uma chuva forte.
Se pudesse explicá-lo, então vocês saberiam,
mas chega a ser até difícil demais para mostrar.
É uma coisa nova e diferente de se tocar,
queima e machuca tanto!
Mas lá no fundo eu sei que é amor,

um amor que não vai morrer.
Um amor que alguém dá ou toma,
não amor que se possa comprar!
Por isso enquanto observo o sol descendo
por trás da colina de minhas lembranças,
penso em todo o amor que existe
ainda em nossa família.

Leva tempo para a ferida sarar. Mas o processo da cura pode tornar-nos mais fortes, mais sensíveis, mais capazes de apreciar a vida e as pessoas que nos amam.

Voltemos nossa atenção para as diferentes reações que vamos, com toda probabilidade, experimentar no pesar. A primeira é o *choque*: "Como foi que aconteceu?" Vai parecer irreal. É difícil registrar a realidade da perda. Ficaremos entorpecidos e vamos parecer atordoados, confusos ou estóicos. Vamos simplesmente precisar de um tempinho neste estágio para que a realidade da nossa situação penetre.

Explosão emocional geralmente segue-se ao choque. Não é "cristão" reprimir as lágrimas. Os grandes homens de fé choraram em ocasiões de perda e o próprio Senhor também. É sadio e necessário chorar. Dê vazão aos seus sentimentos! A cura vem mais depressa se você fizer isso.

Sentimentos de hostilidade e culpa podem estar presentes em nosso pesar. Dói tanto que vamos ficar muito críticos com todos e com tudo que se relaciona com a nossa perda. Isto pode incluir os médicos e as enfermeiras, membros da família e até o próprio Deus. "Por que Deus permitiu que uma coisa assim acontecesse?" perguntamos geralmente. Ainda que não encontremos uma explicação adequada, conhecemos um Deus que se preocupa conosco tão profundamente que também

participa de nosso sofrimento. Ele permite que resolvamos o problema dos nossos sentimentos de hostilidade sem nos rejeitar ou sem retirar o seu amor. Uma indicação de que resolvemos o problema do pesar é a percepção de que podemos confiar em Deus além do entendimento que temos dele ou dos acontecimentos da vida.

Culpa é uma parte dolorosa do pesar. "Por que não fizemos mais? Por que fizemos algumas das coisas que fizemos?" A tendência é distorcer a realidade. Precisamos lembrar que é possível que, por causa do nosso pesar, estejamos exagerando fatos ocorridos durante nosso relacionamento com a pessoa falecida.

Os erros que talvez cometemos podem ser enfrentados e entregues ao Cristo vivo. Seu perdão está imediatamente à nossa disposição. Agora a dura tarefa de nos perdoarmos deve ser assumida para que haja libertação.

Depressão e retraimento são comuns no processo do pesar. Podemos achar que nunca ninguém sofreu como estamos sofrendo, e que ninguém realmente se importa, nem mesmo Deus. Fica escuro, e toda esperança parece desaparecer. Reconhecer isto como parte normal de nosso relacionamento com o pesar pode evitar que sejamos tomados pelo pânico do que vai acontecer conosco. Isto também vai passar se permitirmos!

Grande solidão e a perda de significado são comuns e normais. As pessoas que amamos fazem parte vital de nós mesmos. Quando morrem, uma parte de nós morre também. O que parecia importante antes pode perder sua importância, e ficamos com um sentimento de vazio. A pessoa, com a qual pretendíamos partilhar

nossa vida continuamente, se foi e ninguém pode substituí-la. A solidão pode parecer insuportável! Mas outros experimentaram o mesmo e sobreviveram! Você também pode sobreviver. Até Cristo experimentou a agonia da solidão sobre a cruz quando gritou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Marcos 15:34b, *Almeida*). Jesus prometeu estar conosco e nunca nos deixar sem conforto. Ele não substitui a outra pessoa em nossa vida: ninguém pode fazê-lo. Mas ele pode assumir o seu próprio lugar de Senhor e introduzir recursos incríveis em nossa vida para curar e até mesmo dar significado à nossa perda.

Ansiedade e medo também são normais. "O que é que vou fazer?" torna-se uma pergunta importantíssima. Talvez nunca tivéssemos considerado a vida sem a pessoa que perdemos. Durante algum tempo ficaremos desorientados. Isto é normal, porque enfrentar o desconhecido sempre cria uma certa ansiedade. O medo também se relaciona com a dimensão futura do pesar. A morte de alguém chegado nos torna profundamente cômicos do fato de que nós também vamos morrer.

Há alguns passos definidos que podemos dar para alcançar a cura de nosso pesar. Primeiro, *precisamos expressar nossas emoções*. Guardar tudo dentro de nós só atrapalha na recuperação. Falar com um membro da família, um amigo, ou um ministro sobre nossos sentimentos negativos e positivos fará maravilhas por nós. Conforme mencionamos, haverá sentimentos de raiva, culpa, ansiedade ou medo. Falar sobre estes sentimentos serve para diminuí-los e serve como uma espécie de confissão que abre o caminho para voltarem

os sentimentos positivos de amor e gratidão, até mesmo alegria.

É bom falar sobre a pessoa falecida, lembrar acontecimentos que partilhamos com ela. Isto ajuda a enfrentar a realidade da perda, aliviar as emoções, e expressar-se positivamente sobre a vida da pessoa falecida, cuja influência e contribuição à sua própria vida jamais desaparecerão. A lembrança da pessoa falecida permanecerá e até mesmo enriquecerá sua vida, à medida que você aceitar a separação.

A mãe de Verdell fez uma coisa linda antes do funeral do marido. Reuniu os filhos e os respectivos cônjuges à volta do féretro e falou abertamente sobre sua grande perda. Depois ela orou e deu graças pelos quarenta ricos anos que tiveram juntos. O ato final de sua oração foi o de entregá-lo a Deus. Mais tarde disse que naquele momento experimentou uma "libertação" de Eldred. É duro, mas temos de deixar a pessoa partir se quisermos experimentar a cura. Leva tempo para abrir mão, mas se estamos caminhando nessa direção, podemos contar com os recursos do Cristo vivo para nos capacitar a permitir que nossos queridos repousem em paz.

A morte pode tornar-nos conscientes dos recursos ilimitados da fé, de um modo que nada mais pode. Não ter uma fé sólida em Jesus Cristo é descobrir que a morte é a experiência mais solitária da vida. Com Cristo descobrimos a verdade de Sua declaração: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros" (João 14:18, *Almeida*). Isto não significa que não haverá dor nem luta. Significa que em nenhum lugar em todo o mundo a dor é sentida tão aguda e profundamente como no coração de Deus. Ele está conosco e nos ajuda quando ninguém mais pode.

Um relacionamento com Cristo produz esperança, e sem esperança todos morreríamos de desespero. Este mundo não é a história completa. Há vida além da morte, e a perspectiva de nos unirmos um dia com aquele que perdemos produz alegria de verdade. Quanto mais velhos ficamos, mais podemos perceber que o equilíbrio de nosso investimento está passando cada vez mais deste mundo para o futuro. Esta percepção não só vai nos ajudar a aceitar a perda da pessoa amada, mas vai diminuir a ansiedade e o medo de enfrentarmos nossa própria morte.

Finalmente, dê tempo ao tempo para a ferida sarar. Não se apresse demais. Com a morte da pessoa que você amava, você perdeu uma pessoa significativa que tinha parte importante em sua vida. Leva tempo para a recuperação, e o período de tempo varia de indivíduo para indivíduo. É imperativo que cada pessoa atravesse sua própria angústia completamente.

O pesar não resolvido é destrutivo. Portanto, lide honestamente com seus sentimentos; deixe que outros falem com você em sua tristeza; apegue-se firmemente à sua fé em Deus, cuja morte e vida podem capacitá-lo a superar qualquer perda por causa da esperança maior que é sua nele. Então você compreenderá o significado das Escrituras que dizem: "Não vos entristeçais como aqueles que não têm esperança" (1 Tessalonicenses 4:13, parafraseado).